

O DIA DO SENHOR

Propósitos desta lição

- 1- Apresentar o assunto ("O Dia do Senhor") tendo como base o livro "O Dia do Senhor", Joseph Pipa.
- 2- Fixar o ensinamento de que *Shabbath* não significa "sábado", mas, "descanso", e como tal, temos de Deus a ordem de nos deleitarmos Nele neste que é o **único** "dia santo" determinado pelas Escrituras.
- 3- Afirmar que nosso propósito aqui não é sermos fiscais da vida alheia, mas, o tempo todo avaliar se há em nossos corações algo que nos dê mais prazer e deleite no Dia do Senhor do que o próprio Deus, e dessa forma, buscarmos todo o deleite de nossa alma Nele somente.

Nota para o Professor:

Leia a Introdução do livro (p.11-14)

Introdução

Os estudos que faremos sobre este importante tema bíblico são extraídos e adaptados do livro *O Dia do Senhor*¹. Salvo quando alguma informação ou ensinamento trazidos não estiverem neste livro, informaremos.

Antes de adentrarmos no tema proposto, precisamos responder uma pergunta que diz respeito especificamente à nossa congregação e seus membros. Por que estudaremos este assunto?

Primeiramente, por ser um dos mandamentos do Senhor Deus ao seu povo, precisamente, o quarto mandamento:

"Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou" (Êx 20.8-11).

E como preceituam os nossos Símbolos de Fé², o Decálogo que é a lei moral que Deus dera a seu povo nos dias do Antigo Testamento, não caiu em caducidade ou importância nos dias do Novo Testamento. Antes, todos devemos continuar obedecendo-a não como meio de salvação, mas, de santificação.

Em segundo lugar, vemos em nossa congregação pouco zelo pelo Dia do Senhor, o que equivale a nenhum zelo – não existe meia obediência. Temos tratado o Dia do Senhor como "fim de semana", o que além de ser anacrônico (o Domingo é o primeiro dia da semana e não o último para ser "fim de semana"), é um flagrante pecado contra Deus, pois, não temos direito algum de fazermos neste santo dia o que bem entendermos, mas, somente o que nos é ordenado. Quando fazemos o que bem entendermos com o Dia do Senhor estamos revelando onde está o nosso prazer, a saber em nós mesmos. Agimos de forma mesquinha e egoísta atendendo somente aos nossos interesses, em vez de fazermos a vontade de Deus; transformamos o Domingo num dia passeios, compras, faxinas, em vez de nos deleitarmos em Deus neste dia. Como será visto nos estudos sobre o Dia do Senhor, uma das principais causas do juízo de Deus sobre seu povo foi a quebra do quarto mandamento.

Em terceiro lugar, precisamos compreender o propósito, o significado, a forma de se observar o Dia do Senhor para que aprendamos a nos deleitar em Deus, tendo em seu Dia, um antegozo da glória eterna. Estamos certos de que a má compreensão das doutrinas bíblicas nos leva a práticas equivocadas e pecaminosas, impedindo-nos de glorificar a Deus e de nos deleitarmos nele. Guardar o Dia do Senhor é muito mais do que uma questão de "pode ou não pode". Trata-se de "ser ou não ser".

¹ PIPA, Joseph. *O Dia do Senhor*. 2ª edição revisada e ampliada, Recife (PE): Editora Os Puritanos, 2021.

² Vide CMW, perguntas 91 – 98 sobre a Lei Moral, e CFW Cap. XIX Da Lei de Deus.

Uma alegoria sobre o Dia do Senhor³

Era uma vez, um grande rei que edificou uma cidade maravilhosa. No meio da cidade, o rei planejou construir um parque agradável, com lagoas, fontes e nascentes, e com belíssimas árvores de todas as partes do mundo, deslumbrantes plantas perfumadas, gramados verdejantes, caminhos e bancos confortáveis, nos quais indivíduos e famílias podiam passear e se sentar, e um anfiteatro espaçoso para reuniões públicas. Todas as semanas o rei se encontrava com seus súditos no parque. E todo o povo se deleitava em estar com ele.

Um dia, o rei teve de partir. Na sua ausência, as autoridades encarregadas de cuidar do parque começaram a deixá-lo entrar em decadência. Embora ainda realizassem eventos cívicos no anfiteatro, essas autoridades tinham pouco interesse pelo parque. Na verdade, não se lembravam das reais intenções do rei ao construí-lo. Imediatamente, o parque ficou infestado de ervas daninhas, as árvores não eram mais podadas, as plantas exóticas morriam e as águas das lagoas ficaram poluídas. O parque ficou em ruínas.

Passado algum tempo, outras autoridades assumiram o poder, as quais estavam sinceramente interessadas em restaurar a beleza do parque. Tiraram o mato, replantaram os jardins, podaram as árvores, repararam os caminhos e os bancos, e limparam os regatos para que novamente circulasse água limpa pelo parque. Essas autoridades, no entanto, tinham medo de que o parque caísse no abandono novamente. Para protegê-lo, fizeram dele um memorial ao rei, tornando-o uma espécie de museu. Continuaram a fazer as reuniões no anfiteatro, mas puseram uma cerca em volta do parque e ao longo do caminho; assim, as pessoas podiam ver o parque e seus lugares lindos, mas de fato não podiam desfrutar dele.

Certo dia, quando menos se esperava, o filho do rei chegou à cidade. Uma das primeiras coisas que ele fez foi derrubar a cerca. Ele disse aos líderes: *“Basta! Este parque foi construído para que as pessoas da cidade se lembrassem do meu pai e se alegrassem, mas vocês as impediram de entrar no parque”*. Então, depois de remover todas as cercas, ele convidou as pessoas a entrar e se reunir com ele no parque.

Estando o rei e o seu filho ainda ocupados com as obras de restauração do seu grande reino, nomearam líderes na cidade. Infelizmente, esses líderes começaram a permitir que o parque outra vez fosse descuidado e ficasse destruído. Novamente, o mato o invade, as árvores não são podadas e as lagoas se tornam poluídas. Por ter perdido muito de sua beleza encantadora, as pessoas não querem ir mais ao parque. É verdade que o anfiteatro tem sido conservado, e as reuniões públicas prosseguem, mas as pessoas estão cada vez mais perdendo o interesse. O parque já não é mais atrativo, a ponto de as pessoas não verem mais nenhuma necessidade de frequentá-lo.

Ao verem o espaço abandonado, alguns empreendedores intentaram instalar nele um parque de diversões. A *Sociedade de Preservação do Patrimônio Histórico* se opôs a isso, querendo restaurar o parque para preservá-lo por amor à tradição. Mas há um terceiro grupo que quer restaurá-lo ao seu propósito original. Para aumentar a confusão, cada um desses grupos afirma estar agindo em favor dos interesses do rei e do seu filho. E, diante de tudo isso, como se pode imaginar, os súditos do rei estão completamente confusos.

Entendendo a alegoria

O rei da história é o Senhor Deus. O lindo parque criado pelo rei é o Dia do Senhor. O anfiteatro no meio do parque é o culto solene e congregacional convocado por Deus. Os três grupos que disputam o parque: as autoridades que puseram a cerca no parque são os religiosos (Antigo Testamento) com tradições sem sentido. O filho do rei é o Senhor Jesus (Novo Testamento). Os líderes nomeados pelo rei e seu filho são os religiosos modernos que com sua permissividade deturpam o Dia do Senhor. E quem seria o terceiro grupo que quer restaurar o parque (Dia do Senhor) ao seu plano original? Deveríamos ser esse grupo.

³ PIPA, 2021, p.11-14.

O *Shabbath*

É importante que entendamos logo de início que, o substantivo hebraico שַׁבָּת que foi transliterado para nossa língua por *sábado*, significa *descanso*, e não *sétimo dia*. A expressão “o dia sétimo” em Gn 2.3 no texto hebraico é בְּיוֹם הַשְּׁבִיעִי. De fato, o radical da palavra *sétimo* em hebraico (שְׁבִיעִי) é o mesmo da palavra *descanso* (שַׁבָּת). Mas, isso indica que o significado do termo está não no dia da semana, mas, sim no seu propósito; o dia sétimo está relacionado ao descanso. Os sabatistas⁴ no esforço de fazerem as pessoas guardarem o sétimo dia da semana (o sábado) como sendo o *Dia do Senhor*, empregam um malabarismo no seu pensamento, e acabam por ignorar o seu verdadeiro significado. É fato que na Criação, o Senhor Deus santificou o sétimo dia para o descanso, pois, nele, encerrara todas as suas obras (cf. Gn 2.2-3). Por isso, o sétimo dia passou a ser o *Dia do Senhor* nos tempos do Antigo Testamento, e assim o foi até à ressurreição do Senhor Jesus Cristo que se deu no primeiro dia da semana, o Domingo. A Confissão de Fé de Westminster⁵ é no Cap. XXI – Do Culto Religioso e do Domingo, no §VII:

Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção de tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também, em sua Palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens, em todas as épocas, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (= descanso) santificado por Ele (Êx 20.8-11; Is 56.2,4,6); desde o princípio do mundo, até à ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado dia do Senhor (=Domingo), e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão (1Co 16.1,2; At 20.7).

Eis porque o Dia do Senhor não é um dia para um mero descanso físico (ainda que este também esteja incluído), mas, de *deleite*, *prazer repousante* na pessoa de Deus.

Cuidando da própria consciência

No transcurso das lições cada um de nós deverá olhar para si mesmo buscando conferir suas ações com a Palavra de Deus. Ninguém deve ser fiscal do comportamento de outros e muito menos juiz da consciência alheia. Em vez de observar a vida do seu irmão para saber se ele está guardando o Dia do Senhor devidamente, cada um deve olhar para si confrontando o seu próprio coração com a Palavra de Deus a fim de constatar se está ou não deleitando-se exclusivamente em Deus no Seu Dia.

Devemos lutar contra qualquer legalismo que possa tomar ocasião em nosso coração enquanto buscamos servir a Deus mais fielmente. Se encontrar algum irmão não guardando devidamente o Dia do Senhor, primeiro avalie o seu coração diante de Deus (cf. Mt 7.1-5), e depois, com amor, mansidão e zelo admoeste esse irmão a fim de ganha-lo para a verdade.

Conclusão

Que essas lições que haveremos de estudar nos próximos meses nos ajudem nesse sentido, e que a cada vez que formos confrontados pela Palavra de Deus quanto às nossas práticas equivocadas, sejamos humildes em obedecer à sua vontade para que possamos nos deleitar cada vez mais em Deus.

⁴ P.ex.: judeus e adventistas do Sétimo Dia.

⁵ Doravante utilizaremos as siglas CFW para Confissão de Fé de Westminster, CMW para Catecismo Maior de Westminster, e, BCW para Breve Catecismo de Westminster.

O DIA DO SENHOR

Capítulo 1

O Grande Propósito

Propósitos desta lição

- 1- Há promessas maravilhosas para os que guardam o Dia do Senhor;
- 2- Há condições para que essas promessas sejam desfrutadas por nós;
- 3- O *Shabbath* é o dia santo determinado por Deus;
- 4- Deleitar-se no *Shabbath* guardando-o como Deus ordena, é prova de que nos deleitamos no próprio Deus; deixamos prazeres menores e transitórios, para nos deleitar no prazer maior e eterno, o próprio Deus.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 1 “O grande propósito” (PIPA, 2021, p.15-30).

Introdução

Estamos diante de um assunto que suscita muitas controvérsias. De um lado estão os que são rigorosos quanto a guarda do Dia do Senhor; do outro, estão os que não têm rigor algum sob a alegação de que vivemos na “era da Graça” e não “da Lei”. Joseph Pipa pontua a causa dessa controvérsia: *“Muitas vezes essa controvérsia resulta em perdemos de vista as belezas e os prazeres do dia, de forma que o Dia do Senhor é distorcido e desfigurado, tal como ocorreu na época dos fariseus”*⁶.

Para que possamos corrigir essa distorção precisamos compreender o **grande propósito** desse dia. Para isso, vamos analisar o texto de Is 58.13-14.

I – O contexto do texto

O SENHOR Deus disse por boca do profeta Isaías as seguintes palavras: ¹³ “Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, ¹⁴ então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse” (Is 58.13-14). Em qual o contexto essas palavras foram ditas?

O cap. 58 de Isaías confronta o povo quanto ao culto carregado de formalismo frio e sem vida espiritual. Em Is 58 vemos como é o culto que Deus determina e requer de Seu povo. John Oswalt comentando o livro de Isaías, neste capítulo ele aponta para o fato de que o culto divino tem como algo o prazer de Deus e não o nosso. É importante observar estrutura dos cap. 56 – 59 do livro de Isaías para compreendermos o que está sendo dito no cap.58. Há uma repetição das ideias a fim de reforçar o ensinamento dado. Observe o gráfico a seguir⁷:

56.1-8	A verdadeira religião e o verdadeiro culto	58.1-15
56.9 – 57.13	A incapacidade/fracasso do povo em praticá-los	59.1-15a
57.14-21	O poder de Deus curando o Seu povo e capacitando-o a adorá-Lo conforme Sua vontade	59.15b-21

O prazer de Deus (58.1-5)

¹ Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados. ² Mesmo neste estado, ainda me procuram dia a dia, têm prazer em saber os meus caminhos; como povo que pratica a justiça e não deixa o direito

⁶ PIPA, 2021, p.15.

⁷ Cf. OSWALT, 2011, p.597.

do seu Deus, perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus, ³ dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho. ⁴ Eis que jejuais para contendias e rixas e para ferirdes com punho iníquo; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto. ⁵ Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma, incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao SENHOR?”.

Em todo o livro de Isaías, o SENHOR Deus condena o culto hipócrita do Seu povo. Em suas palavras e ações o povo demonstrava piedade, mas, Deus, que vê o coração, sabia que tudo não passava de hipocrisia. O povo buscava a Deus não por causa Dele, mas, por interesses pessoais e egoístas, e ainda mais grave se tornava o pecado do povo ao contender com Deus fazendo-Lhe exigências, como se Deus fosse obrigado a alguma coisa.

O deleite de Deus (58.6-12)

⁶ Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? ⁷ Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? ⁸ Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do SENHOR será a tua retaguarda; ⁹ então, clamarás, e o SENHOR te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; ¹⁰ se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. ¹¹ O SENHOR te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam. ¹² Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável (v.6-12).

O deleite de Deus é abençoar Seus filhos. Ele tem prazer em ser o “galardoador daqueles que o buscam” (Hb 11.6). Mas, essas bênçãos (v.8-12) são somente para aqueles que andam na vontade de Deus (v.6-7), não como troca ou pagamento, mas, como **condição da Aliança**⁸.

II – As promessas de Deus para aqueles que guardam o *Shabbath* (58.14)

“...o Deus do pacto solenemente promete grandes bênçãos espirituais àqueles que santificam o dia do *Shabbath*”⁹. As seguintes promessas são elencadas aqui:

Incomparável comunhão com Deus

“então, te deleitarás no SENHOR”. Nos v.6-12 vimos que é o deleite de Deus ser o galardoador e a fonte das bênçãos para o Seu povo. A ideia que o verbo *deleitar* traz consigo é a de um *prazer requintado e finíssimo*. É contemplar a beleza da glória de Deus revelada em Seus atributos (Seu caráter) e obras. Uma comunhão tão profunda com Ele que nos enche de gratidão e alegria resultantes do Seu maravilhoso amor e infinita misericórdia. Em Ct 4.6, Salomão descreve essa comunhão como um lindo jardim no qual Deus vem encontra-se com Sua noiva (a Igreja).

Mas, aqui, encontramos um dos principais motivos pelos quais não damos o devido valor ao *Shabbath* e o tratamos como menos importante que é: **não nos deleitamos em Deus como deveríamos**. Não depositamos Nele todas as nossas afeições, não O admiramos de forma cada vez mais

⁸ Todas as alianças que Deus fez com Seu povo trouxeram consigo condições em seus termos. As bênçãos prometidas sempre estiveram atreladas à misericórdia e graça de Deus, e, da parte do homem, a obediência e o amor. Mesmo quando os homens falharam em amar e obedecer a Deus, Ele, por Sua misericórdia e graça mantinha Sua aliança.

⁹ PIPA, 2021, p.16.

intensa. É claro que não estamos colocando o *Shabbath* como mais importante que Deus; não nos deleitamos em Deus para guardarmos devidamente o *Shabbath*. É justamente o contrário. Quanto mais nos deleitarmos no *Shabbath*, de conformidade com a vontade de Deus, mais nos deleitaremos em Deus.

Pense no *Shabbath* como o jardim descrito por Salomão em Ct 4.6. Pense que ao sair de sua casa no Domingo pela manhã para vir à Igreja cultuar a Deus como sendo o encontro mais importante que você terá nessa vida, o qual está lhe preparando para o grande encontro com Cristo nos ares (cf. 1Ts 4.17), no Grande Dia do Senhor!

Vitória sobre os inimigos

“Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra...”. Veja Dt 32.12-13 e 33.39 de onde essa linguagem é tirada. Um dos principais motivos pelo qual o povo de Deus sofreu os cativos assírio (c. 721 a.C.) e o babilônio (c. 608 a.C.) foi a quebra do quarto mandamento não guardando o *Shabbath*. Por isso, no pacto que Deus estabeleceu com Seu povo está a promessa de vitória sobre os inimigos. Quando vamos para o Novo Testamento nos deparamos com a promessa da vitória **em Cristo**, e Nele somos mais que vencedores (cf. Rm 8.37). Teremos vitória sobre Satanás não só no Dia do Juízo Final (cf. Ap 17.14), mas desde já, ao fazermos uso de todos os “meios de graça”¹⁰, e ao resistir-lhe aos ataques tentando-nos ao pecado.

Joseph Pipa questiona¹¹:

Será que um dos motivos da fraqueza espiritual da igreja não seria porque ela deixou de honrar a Deus no Dia do Senhor? Um motivo de nossas igrejas não serem mais eficazes em alcançar os perdidos não seria porque estamos deixando de guardar o *Shabbath*? Não será isso verdade também quanto a nós individualmente? Quem sabe se o fato de nós continuarmos a cair sob o domínio de algum pecado específico não seja devido à nossa recusa de santificar o dia de Deus em nosso coração! **Perdemos a luta contra o pecado porque deixamos de reconhecer e utilizar um dos meios de alcançar tal vitória que Deus nos deu, enquanto outros que guardam o *Shabbath* a alcançam.** (Grifo é meu).

Essas perguntas devem nos levar a refletir com seriedade. De fato, somos uma geração de crentes inexpressivos beirando à irrelevância num mundo tão avesso às coisas de Deus. Temos nos tornado cada vez mais parecidos com o mundo do que com nosso Pai – como atrairemos os pecadores se não temos quase nenhuma diferença deles, principalmente em relação ao Dia do Senhor? Olhe para si e responda com sinceridade: a forma como você se comporta no Dia do Senhor em que

Desfrutar dos benefícios da nossa salvação

“...e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai...”. A promessa ao povo de Israel nos dias do profeta Isaías era de “sustento de herança”, a terra prometida, a qual foi feita por Deus aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Israel seria sustentado por Deus com aquilo que Ele mesmo prometera.

Mas, de que forma essa promessa se aplica a nós? A obra salvífica de Cristo nos garante: adoção, certeza de salvação, ousadia na oração, confiança. Essa promessa de sustento de herança se aplica a nós quando nos deleitamos em nossos privilégios como filhos de Deus, privilégios esses que foram adquiridos por Jesus e concedidos a nós gratuitamente. “*Esses benefícios não são uma mera lista de privilégios para decorar; são prazeres espirituais para ser (sic) desfrutados e festejados – a participação prática diária nos privilégios como filhos de Deus*”.

¹⁰ Os “meios de graça” são recursos que Deus nos dá para a nossa santificação. Jamais devem ser entendidos como instrumentos de salvação. São eles: a oração, o jejum, a pregação da Palavra, o culto divino e os sacramentos (Ceia e Batismo). Todo crente que faz uso correto desses meios, cresce em santificação.

¹¹ PIPA, 2021, p.17.

No que essas promessas estão firmadas?

“...porque a boca do SENHOR o disse”. A Palavra de Deus é o instrumento pelo qual Suas promessas são declaradas e a Sua fidelidade em cumpri-las é a base delas. Em suma, podemos dizer que é o caráter de Deus que garante que tudo isso acontecerá àqueles que forem fiéis a Ele, e em cumprirem todos os Seus mandamentos confiados somente nos méritos de Cristo.

Essa declaração (“...porque a boca do SENHOR o disse”) é característica de Isaías e ele a repete várias vezes em seu livro (cf. 1.20; 25.8; 40.5). Não há garantia melhor que essa, e nem mesmo outra é necessária.

III – A validade dessas promessas referentes ao *Shabbath*

Assim sendo, essas promessas continuam válidas para a Igreja de Cristo. Uma vez que Israel era a Igreja de Deus no Antigo Testamento, e a Igreja do Novo Testamento é o “Israel de Deus” (cf. Gl 6.15-16), todas as promessas referentes a guarda do *Shabbath* são também para nós. Além disso, devemos lembrar que a Lei Moral (os Dez Mandamentos) continua válida, e, portanto, todas as promessas nela contidas. Diante disso, Joseph Pipa afirma: “...e não podemos descartar uma ameaça ou uma promessa simplesmente porque se encontra no Antigo Testamento”¹².

Olhemos ainda para o contexto anterior de Is 58.13-14. Como já vimos, Is 58 tem como contexto o trecho que vai do cap.56 ao 59. Porém, estes capítulos dependem dos caps. 53 – 55, os quais falam claramente sobre o Messias e Seu ministério. Veja esse breve resumo:

Is 53	Profecias a respeito do Messias Sofredor, o Senhor Jesus
Is 54.1-3	As promessas de Deus e o alcance universal (para todos os salvos em todos os tempos), “A tua posteridade possuirá as nações” (v.3)
Is 55.1	Todos os pecadores (de todos os tempos) são chamados ao arrependimento

Alguém ainda pode objetar dizendo que esses capítulos se referem exclusivamente a Israel do Antigo Testamento. Porém, Is 56.2-5 fecha a questão a favor de um alcance universal dessas promessas relacionadas ao *Shabbath*:

² Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábad e guarda a sua mão de cometer algum mal.

³ Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao SENHOR, dizendo: O SENHOR, com efeito, me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que eu sou uma árvore seca.

⁴ Porque assim diz o SENHOR: Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança,

⁵ darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. (Grifo é meu)

Como esses versículos confirmam que essas promessas se estendem à Igreja? J. Pipa afirma: “Porque só na era do evangelho um eunuco pode desfrutar dos privilégios prometidos aqui” (*Ibid.* p. 21), pois, nos tempos do Antigo Testamento, um eunuco se quer podia entrar na Casa de Deus (cf. Dt 23.1). Sem dúvida alguma, Isaías vislumbrava por meio da promessa de Deus, o reino de Cristo, no qual, a Igreja é composta não só por pessoas de todas as nações e não só por judeus (cf. Is 54.3), mas também é composta por pessoas antes excluídas (como os eunucos por serem mutilados). Por tudo isso podemos afirmar confiantemente que as promessas de Is 58.14 são **atemporais** (não se limitam apenas à era do Antigo Testamento, mas estendem-se para o Novo Testamento).

¹² PIPA, 2021, p.19.

IV – As condições das promessas referentes ao *Shabbath* (58.13)

Como já foi dito (veja nota 6, p.5), todas as alianças que Deus estabeleceu com Seu povo incluíam condições que deveriam ser acatadas e obedecidas por Seu povo. As promessas pertinentes ao *Shabbath* trazem consigo condições as quais estão descritas no v.13:

Se desviáres o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs

A observância do *Shabbath* é descrita neste versículo tanto negativa quanto positivamente.

O aspecto negativo da observância do Dia do Senhor

Por “aspecto negativo” entende-se o que devemos negar, deixar de fazer nesse dia.

- ✓ **Deixar de profana-lo:** “Se desviáres o pé de profanar o sábado...”, a expressão hebraica אִם-תְּשַׁכַּח que aqui é traduzida por “Se desviáres”, literalmente é “se retornares de” ou “se deres as costas a”. Trata-se de arrependimento e conversão, um retorno a Deus. Profanar significa “tratar com irreverência, desrespeitar a santidade, tratar desrespeitosamente; ofender, afrontar, macular”. O verbo “profanar” é o exato oposto de “meu santo dia”. O *Shabbath* é santo, porque o próprio Deus o santificou (cf. Gn 2.2-3), separando-o dos demais dias para Sua adoração.
- ✓ **Deixar de usar esse santo dia de forma egoísta:** “e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia”, isto é, fazendo aquilo que bem quisermos, que nos dá prazer ou realizando algum trabalho para o qual temos os outros seis dias. O *Shabbath* não é um dia para os nossos interesses, mas uma ocasião especial, um meio de graça para ajudar-nos a converter os nossos interesses em interesses divinos. “Deus não proíbe nosso trabalho ou prazer no *Shabbath* porque se opõe ao trabalho e ao prazer. Antes, ele nos chama para que nos afastemos de prazeres menores a fim de procurar os prazeres maiores que ele reservou para nós nesse dia”¹³.

“Mas Deus não quer que definamos o dia por aquilo que não podemos fazer, e sim pelo que podemos fazer”¹⁴.

O aspecto positivo da observância do Dia do Senhor

É visto em nossos pensamentos, palavras e ações:

- ✓ **Em nossas palavras:** “se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra (...) nem falando palavras vãs”. Primeiramente, aos nos referirmos ao Domingo, não devemos chama-lo de “fim de semana”, mas sim chamá-lo de “sábado deleitoso e santo dia do SENHOR”. A forma como nos referimos a algo ou alguém demonstra o respeito e valor que lhe damos. Nossas palavras no Dia do Senhor devem indicar que nos deleitamos Nele e em Seu dia; que temos palavras mais sublimes a dizer, porque temos Sua Palavra para ouvi-la quando proclamada em Seu culto. O Dia do Senhor não é um dia para “palavras vãs”, conversas fiadas, “papo furado”. Nossas palavras têm que ser propositais e intencionais, resultantes da Palavra de Deus habitando ricamente em nós: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16).
- ✓ **Em nossas ações:** “e o honrares não seguindo os teus caminhos...”. O substantivo hebraico דְּרָכָי “caminhos” aqui está relacionado a direção a ser seguida, jeito de viver, comportamento. O contexto aqui sugere que o substantivo “caminhos” signifique “atividades de nosso trabalho e prazer em

¹³ PIPA, 2021, p.23.

¹⁴ *Ibid*, p.28.

nosso cotidiano”. Observe que o que está em questão aqui são coisas lícitas e não pecaminosas, como o trabalho, o lazer, os estudos, etc., coisas essas que são necessárias, mas, só se realizadas nos outros dias da semana e não no Dia do Senhor. Nas futuras lições voltaremos a tratar desse assuntos, especificamente sobre o que diz respeito àquilo que a Confissão de Fé de Westminster¹⁵, chama de “deveres de necessidade e misericórdia” (vide CFW Cap. XXI, §VIII), bem como também apresentaremos sugestões de como programar as atividades desse santo dia, especialmente para aqueles que têm filhos pequenos. Por enquanto, ressaltamos que o Dia do Senhor deve ser devidamente observado, começando por mantermos organizada a nossa vida de forma tal que nossas responsabilidades cotidianas não venham nos atrapalhar em nossa consagração desse santo dia. O objetivo de Deus com isso é levar-nos a ter grande prazer nas práticas espirituais desse santo dia, a tal ponto de não buscarmos nosso próprio prazer em outras coisas, mas, termos todo o nosso prazer e deleite em Deus. O descanso ordenado no Dia do Senhor, não é uma entrega ao ócio. Ainda que não seja pecado descansar fisicamente nesse dia, como uma soneca após o almoço, o descanso nesse dia tem como objetivo a cessação das atividades cotidianas a fim de não estorvarem-nos a realizar aquela atividade que é a mais sublime de todas: cultuar a Deus. Nada pode nos atrapalhar ou nos afastar da congregação dos filhos de Deus convocada para adorá-Lo, bem como de cultuarmos a Deus em nossos lares, ou em outras ocasiões nesse dia que não sejam concomitantes com o culto público.

- ✓ **Em nossos pensamentos:** “...não pretendendo fazer a tua própria vontade...”. Aqui estamos no campo dos pensamentos, das motivações. Observe que a relação pensamento/ação é clara. A maioria das nossas pretensões (cogitações, pensamentos) haverá de se tornar uma ação, uma execução da nossa “própria vontade”. Ainda que no v.13 os pensamentos apareçam por último, na verdade, os pensamentos são os primeiros, seguidos depois pelas palavras e ações. Ao decidirmos guardar o Dia do Senhor tal como Ele nos determina, nos depararemos com a mesma luta que temos com relação aos outros mandamentos do Senhor. Trata-se da luta entre a nossa vontade e a vontade de Deus. É por isso que o Dia do Senhor é um “meio de graça”, porque a santificação e a consagração em essência são lutas que travamos em obedecer ou desobedecer a Deus. Todas as vezes que obedecemos a Deus fazemos Sua vontade; todas as vezes que pecamos estamos fazendo a nossa vontade. É por isso que precisamos cuidar da nossa mente (nossos pensamentos) alimentando-a com a Palavra de Deus, direcionando-a com exercícios piedosos de adoração a Deus e focando-nos Nele (cf. Rm 12.1-2; Ef 4.22-24; Fp 4.8; Cl 3.2). “O dia do Shabbath é uma grande dádiva que Deus nos deu para podermos ter tempo para esses deleites. Deus que que nós coloquemos o nosso foco nessa dádiva que é esse dia”¹⁶.

Conclusão

Joseph Pipa afirma¹⁷:

Deus promete que fará com que nos deleitemos nele, tenhamos vitória espiritual e desfrutemos dos benefícios do evangelho. Será que existe alguém que se deleite com a graça do evangelho e o poder do Espírito Santo, que não queira o que Deus promete? Deus jura solenemente: “Se você que se deleitar em mim, se você quer esse especial prazer e vitória, pare de profanar meu dia; antes, chame-o de ‘deleitoso’. Honre-o deixando de seguir seus próprios caminhos, de buscar seus próprios prazeres, de falar suas próprias palavras”.

¹⁵ Doravante utilizaremos as siglas CFW para Confissão de Fé de Westminster, CMW para Catecismo Maior de Westminster, e, BCW para Breve Catecismo de Westminster.

¹⁶ PIPA, 2021, p.29.

¹⁷ *Ibid.*, p.30.

Devemos estender para todos os dias a santidade do Dia do Senhor se quisermos viver para Sua glória.

Refleta sobre...

Qual é o prazer que tenho no Domingo? Aguardo-o para ficar à toa ou realizar algum laser que não posso ter em outros dias por causa dos meus compromissos?

Tenho compreendido que deleitar-me no Dia do Senhor cumprindo atividades piedosas de adoração e comunhão com Ele e com meus irmãos é resultado do meu deleite no próprio Deus?

Quando penso no que não devo fazer no Dia do Senhor fico triste e frustrado, ou me regozijo tanto nas coisas que posso fazer nesse dia a ponto de não ficar frustrado pelas coisas que Deus me proíbe?

O DIA DO SENHOR

Capítulo 2

O Propósito Original

Propósitos desta lição

- 1- Apresentar os conceitos de Lei Civil, Lei Cerimonial e Lei Moral;
- 2- Distinguir e fixar cada um desses conceitos mostrando que as Leis Cíveis e as Cerimoniais tiveram validade temporária, ao passo que as Leis Morais são desde a criação do universo e são permanentes.
- 3- Enfatizar que tanto o sétimo dia (no Antigo Testamento) quanto o primeiro dia (no Novo Testamento) apontam para o descanso eterno;
- 4- Reafirmar que o *Shabbath* (o Domingo) é um meio de graça desde o início dos tempos e não só nos dias da Lei de Moisés.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 2 “O propósito original” (PIPA, 2021, p.31-49).

Introdução

E aí? Sábado ou Domingo? Qual desses dias deve ser guardado e observado como “o Dia do Senhor”?

Num tempo não muito distante, até mesmo a sociedade secular olhava para o Domingo como um dia especial, e os cristãos sustentavam com rigor que tantos crentes quanto incrédulos deveriam atender à observância do Dia do Senhor como sendo um dever moral. Em nossos dias, a maioria dos cristãos sequer olha para o Domingo como “o dia santo”, o *Shabbath*; antes, o veem como dia de lazer, fim de semana, etc., um dia para se deleitarem em seus próprios prazeres.

Nessa lição veremos sobre o **propósito original** do *Shabbath* instituído por Deus. Para isso recorreremos ao texto de Gn 2.1-3. Antes, porém, é importante apresentar os conceitos de Lei Civil, Cerimonial e Lei Moral, e vermos a qual dos três tipos de lei o *Shabbath* pertence.

I – Os tipos de Lei

Quando estudamos a história do povo hebreu encontramos três grupos de leis:

- ✓ **Leis Cíveis** que regiam a vida em sociedade do povo hebreu. Quando Deus resgatou Israel do Egito, este necessitava de normas e diretrizes para a vida em sociedade. Nesse grupo de leis estavam as normas sobre a propriedade privada, a regulação do comportamento social, os benefícios para os que cumpriam as leis e as penalidades para os infratores, etc.
- ✓ **Leis Cerimoniais** as quais tratavam de toda a vida religiosa do povo, as normas para o culto divino, o ofício sacerdotal, o sistema de ofertas, os rituais de purificação preparando o povo para as assembleias e ajuntamentos solenes, etc.
- ✓ **Leis Morais** que são mandamentos de Deus refletindo o Seu caráter santo e justo. Nessas leis estão estipuladas as normas do nosso relacionamento com Deus e com o próximo.

A diferença entre esses tipos de leis está na sua durabilidade e permanência. Assim sendo, as leis cíveis e cerimoniais foram **leis temporárias e transitórias**. Elas tiveram sua utilidade para uma época específica, e perduraram até a Nova Aliança em Cristo Jesus, a quem elas prefiguraram como “sombras” (cf. Cl 2.17; Hb 8.5 e 10.1). Ao passo que as leis morais (os Dez Mandamentos) são **leis perpétuas**, sendo obrigatório o seu cumprimento por parte de todos os seres humanos, pois, “Essas leis são absolutamente necessárias para o bem-estar espiritual de quem carrega a imagem de Deus”¹⁸.

Exemplificando, tomemos por exemplo o mandamento “não matarás”. No conjunto de leis cíveis de Israel estavam leis relativas ao homicídio, e entre elas a lei relativa às cidades de refúgio (Nm 35). A tribo de Levi não recebeu porção de terra como as demais tribos de Israel. Em vez disso, os levitas receberam 48 cidades espalhadas entre todas as tribos de Israel. Sendo que 6 dessas cidades eram

¹⁸ PIPA, 2021, p.33.

“cidades de refúgio” (cf. Nm 35.6). Caso alguém tivesse cometido um homicídio voluntária ou involuntariamente (veja p.ex.: Nm 35.15-29) deveria se refugiar em uma dessas cidades aguardando o julgamento; se ele não se abrigasse em uma dessas cidades, o vingador do assassinado poderia mata-lo sem ser condenado por isso. Hoje, porém, não temos mais “cidades de refúgio”, contudo, o homicídio continua sendo um pecado e um crime ao qual todos os seres humanos devem evitar. As cidades de refúgio apontavam para Jesus Cristo em quem todo pecado deve ser refugiar para escapar a ira de Deus.

Assim sendo, é preciso observar o que é transitório numa lei e o que é permanente. O que é transitório, individual e restrito a um povo ou grupo, ainda que seja considerado uma **lei positiva**, não traz para nós nenhuma obrigatoriedade de cumprimento (p.ex.: as cidades de refúgio não são uma norma para nós, enquanto que o mandamento “não matarás”, é). Já o que é permanente numa lei, não se restringindo a uma época, pessoa ou mesmo a um grupo, antes, devendo ser acatado, cumprido e observado por todas as pessoas em todos os tempos, é uma **lei moral**.

Por que essa discussão é importante para o nosso assunto?

Porque há aspectos temporários envolvidos na observância do *Shabbath* no Antigo Testamento, bem como há um princípio permanente, a saber, “*o princípio de um dia especial dedicado à adoração e serviço a Deus*”¹⁹, o que se constitui numa obrigação moral perpétua para todos os homens. Veja o que a CFW diz sobre isso no Cap. XXI – Do Culto Religioso e do Domingo, §VII:

Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção de tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também, em sua Palavra, **por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens, em todas as épocas, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (= descanso)** santificado por Ele (Êx 20.8-11; Is 56.2,4,6); desde o princípio do mundo, até à ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado dia do Senhor (=Domingo), e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão (1Co 16.1,2; At 20.7). (Grifo é meu).

Vamos para o nosso texto principal o qual nos mostra o propósito original de Deus para o *Shabbath*.

II – Analisando Gn 2.1-3

Diz a Palavra de Deus: “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército.

² E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. ³ E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera”.

O *Shabbath* é uma **instituição (ordenança) divina**, tal como foi o trabalho (Gn 1.24; 2.15) e o casamento (Gn 2.18-25), para o governo (boa ordem) da humanidade. “Assim como são permanentes as ordenanças do trabalho e do casamento, da mesma forma é a ordenança do *Shabbath*” (*Ibid.*, p.34).

A narrativa de Gn 1 – 2 deve ser entendida assim: em Gn 1 Moisés apresenta o relato da Criação com o objetivo de, em Gn 2, apresentar o pacto de Deus com o homem. Assim sendo, Gn 1 é o pano de fundo da Gn 2, onde vemos o pacto de Deus com o homem tendo as ordenanças do trabalho, do casamento e do *Shabbath*. “Essas ordenanças”, diz Pipa, “visaram regulamentar o relacionamento de Deus e os seres humanos criados à sua imagem”²⁰.

¹⁹ PIPA, 2021, p.34.

²⁰ *Ibid.*, p.34.

O descanso de Deus

Após terminar Sua criação nos seis primeiros dias, no sétimo, Deus por **Seu exemplo pessoal** (“...descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito”, v.2), e pelas palavras de **Sua instituição** (“E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou...”, v.3), deixou estabelecida a guarda do *Shabbath* perpetuamente. Aprofundemos um pouco mais nesses dois pontos.

✓ **O exemplo pessoal de Deus.** Ao descansar no sétimo dia, Deus estabeleceu o princípio e a prática **permanentes** do *Shabbath*. No que implica esse “descanso” divino?

- **Deus, ao descansar, declarou que a Sua obra da Criação estava completa.** Diz o v.1: “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército”. Observe que as palavras “céus” (o firmamento), “terra” (terra seca e as águas dos mares) e “todo o seu exército” (todos os habitantes e seres que habitam Sua Criação, quer sejam os astros celestes, quer sejam elementos da fauna e da flora, os anjos e o homem), apontam para a totalidade da Criação de Deus.
- **Deus, ao descansar, expressou Seu deleitoso prazer que sentia com a Sua Criação.** Precisamos avançar um pouco para o Êx 31.17, onde Moisés nos revela algo importante sobre o *Shabbath*. Ali Deus diz sobre o *Shabbath*: “Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento”. Observe essas palavras finais “*tomou alento*”. Trata-se de um antropomorfismo (uma figura de linguagem relacionada aos homens para ilustrar uma ação divina, por ex.: “o braço do SENHOR” é o Seu poder; “a mão do SENHOR” são as Suas obras; “a boca do SENHOR” é a Sua Palavra, etc.). O ato de Deus tomar alento não quer dizer que Ele estava cansado e precisou dar uma pausa para tomar um fôlego e recobrar Suas forças. Não! Ele é onipotente, “nem se cansa, nem se fatiga” (Is 40.28), e o trabalho faz parte do caráter de Deus e Ele continua a trabalhar na obra da Providência (cf. Jo 5.17). Joseph Pipa explica que “O ‘alento’ de Deus no sétimo dia foi um alento de alegria, quando contemplou a beleza e a perfeição de tudo o que havia feito”²¹. No relato da Criação em Gn 1 e 2 há algumas expressões que confirmam o profundo deleite de Deus: “E viu Deus que a luz era boa” (1.4); “E viu Deus que isso era bom” (1.10, 12, 18, 21 e 25), “Viu Deus tudo o que fizera, e eis que era muito bom” (1.31). Deus estava satisfeito com as obras que realizara, por isso podemos afirmar que esse descanso de Deus foi de contentamento ao contemplar tudo o que fizera.
- **Deus, ao descansar, apontou para a Sua grande dádiva aos homens, o descanso eterno.** A morte veio como consequência da desobediência de Adão. Porém, ela não fazia parte da vontade de Deus para o homem. Adão, e toda a raça humana, haveria de entrar no descanso eterno sem passar pela morte. A longevidade dos primeiros humanos antes do dilúvio, é um pálido reflexo disso. Os homens viveriam muitos anos aqui, e depois seriam recolhidos no descanso eterno sem passar pela morte. Casos como o de Enoque (Gn 5.24) e de Elias (2Rs 2.9-14) são respaldos para essa afirmação. Quando vamos para Hb 4 nos deparamos com o fato de que tanto o sétimo dia na Antiga Aliança, quanto o primeiro dia na Nova Aliança apontam para o descanso eterno. Posteriormente voltaremos a essa questão da mudança do sábado para o domingo. Por enquanto focaremos no fato de que de todos os seis dias da Criação é dito ao término de cada um “Houve tarde e manhã”, ao passo que do sétimo dia não há essa indicação de limitação temporal (tarde e manhã), pois, o sétimo dia prefigura a eternidade, sem começo e fim. Dessa forma, o Dia do Senhor é para nós, uma prefiguração da eternidade. Em outras palavras, na eternidade nos deleitaremos em Deus na face de Jesus Cristo; Ele nos fará plenos e eternamente felizes e satisfeitos Nele, obra essa que Ele já

²¹ PIPA, 2021, p.37.

começou em nós hoje (cf. Fp 1.6). “Em nosso descanso do *Shabbath*, somos lembrados que as obras da criação e redenção estão terminadas; contemplamos a beleza complexa de suas obras e somos alentados na comunhão com ele; e antecipamos nossa vida eterna com ele” (Ibid., p.39). **Observar corretamente o Dia do Senhor nos faz ansiar ainda mais pela Glória Eterna.** Como diziam os puritanos: “O céu é um longo santo Dia do Senhor. Não há *Shabbaths* no inferno”.

✓ **A instituição divina do *Shabbath*.** Além de descansar neste dia, dando-nos o exemplo a ser seguido, Deus, pela Sua Palavra, **abençoou** e **santificou** o *Shabbath* (cf. Gn 2.3). O que essa dupla ação de Deus (abençoar e santificar) significa?

- **Nela temos o princípio perpétuo.** o modelo de seis dias de trabalho e um dia de descanso. Esse é um dos argumentos para a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana como sendo o Dia do Senhor. Contudo, devemos rejeitar a ideia de que aqui em Gn 2.3 Deus abençoara o “descanso eterno” e não o sétimo dia da semana. Deus abençoou o sétimo dia da semana, um dia de descanso depois de seis de trabalho. Porém, o sétimo dia era referente à primeira Criação, ao passo que o primeiro dia da semana refere-se à Nova Criação em Cristo (cf. 2Co 5.17), instaurada no dia em que Ele ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele mesmo as primícias dos ressurrectos (cf. 1Co 15.20 e 23). Ao declarar “santo” o sétimo dia, Deus o separara para Sua adoração.
- **Nela temos o propósito de Deus de abençoar o homem.** Todas as vezes que Deus abençoava algo ou alguém, dava-lhe um propósito e o dotava com capacitação para cumprir esse propósito. Por exemplo: em Gn 1.22 Ele abençoou os animais e deu-lhes o propósito e a capacitação de procriarem; em Gn 1.28 Ele abençoou o homem dando-lhe o propósito de se multiplicar, encher a terra e dominá-la. O mesmo aconteceu com o sétimo dia, separando-o para o descanso e para ser um modelo semanal para a observância de seu próprio descanso. “...ao abençoar esse dia, o Senhor fez com que esse dia fosse uma bênção para o homem”²², como o próprio Senhor Jesus indica: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2.27).

III – O dia sétimo

Tanto leis civis e cerimoniais consideradas (temporais e transitórias), quanto as leis morais são também conhecidas como **leis positivas**. Porém, enquanto que as leis civis e cerimoniais podem mudar a sua forma de um tempo para outro (como é o que ocorre com o *Shabbath* que até Jesus foi observado no sétimo dia da semana, e a partir de Sua ressurreição, passou a ser o primeiro dia da semana, o Domingo, como a CFW deixa isso bem claro no Cap. XXI – §VII), o mesmo não ocorre com as leis positivo-morais. As leis positivo-morais unem em sua ordenança (que é perpétua) elementos que podem mudar de um tempo para outro. Veja, por exemplo, a lei da consanguinidade relacionado ao casamento. A lei moral referente ao casamento ordena monogamia permanente. Porém, essa lei moral não diz nada sobre um homem casar-se com uma parente muito próxima, como foram os casos de Caim e Sete que certamente casaram-se com suas irmãs, e o caso de Abraão que casou-se com Sara sua meia-irmã. Posteriormente, na lei mosaica, Deus proibiu terminantemente essa conduta por não se fazer mais necessária, como foi nos dias de Caim e Sete.

Joseph Pipa afirma²³:

A lei moral exige o casamento monogâmico; a lei positivo-moral regula com quem se pode casar. A primeira lei não pode ser mudada, enquanto que a segunda foi mudada. A mudança com respeito à pessoa com quem se pode casar não diminui a obrigação moral permanente do casamento monogâmico.

²² PIPA, 2021, p.41.

²³ Ibid., p.42.

O mesmo princípio se aplica à mudança da circuncisão para o batismo, da Páscoa para a Ceia do Senhor. O princípio é perpetuo, mas a administração dos sinais mudaram de uma aliança para a outra. A CFW no Cap. VII – Do pacto de Deus com o homem, afirma justamente isso no §VI:

Sob o Evangelho, quando Cristo, a substância, Se manifestou, as ordenanças, nas quais este pacto é ministrado, passaram a ser a pregação da Palavra e a administração dos Sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor (Cl 2.17; Mt 28.19,20; 1Co 11.23-25); por estas ordenanças, posto que em número menor e administradas com mais simplicidade e menor glória externa, o pacto se manifesta com mais plenitude, evidência e eficácia espiritual (Hb 8.6-13; 2Co 3.9-11), a todas as nações – tanto aos judeus como aos gentios (Ef 2.15-19). Isto é chamado o Novo Testamento. **Não há, pois, dois pactos da graça diferentes em substância, mas, um e o mesmo sob várias dispensações** (Gl 3.17,29). (Grifo é meu).

Como isso se aplica ao *Shabbath*? Temos a lei moral exigindo a guarda do Dia do Senhor, com o propósito sublime da adoração a Deus. Enquanto isso, a lei positivo-moral (o aspecto positivo da lei moral) especifica qual dia é esse – na Antiga Aliança era o sétimo dia, e na Nova Aliança, o primeiro dia da semana. E quem efetuou essa mudança foi o próprio Deus.

Rebatendo os sabatistas

Neste ponto, os sabatistas perguntam: “Onde está escrito que Deus efetuou essa mudança?”. De fato, não encontramos nenhum versículo que afirme isso categoricamente. Porém, trazemos a seguinte consideração. Como vimos na lição anterior, em Is 58, Deus castigara severamente ao povo de Israel com o cativo, porque este havia desprezado o Dia do Senhor. Quando vamos para o Novo Testamento, encontramos a Igreja e sua liderança reunindo-se no primeiro dia da semana **expressamente com o propósito de adoração, o propósito original de Deus para o *Shabbath*** (cf. At 20.7; 1Co 16.2). Então perguntamos: “Se no Antigo Testamento Deus puniu severamente o povo de Israel por não guardar devidamente o Dia do Senhor, por que Ele não puniu os apóstolos e a Igreja por essa mudança no Seu Dia?”. A resposta é simples: a lei moral foi preservada (a ordenança da consagração de um dia em seis para adoração), quando a lei positivo-moral efetuou a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana como sendo o *Shabbath* cristão. “A ordenança do *Shabbath* continha a lei positiva de um dia inteiro em sete, que desde a criação foi o sétimo dia. Mas, por ser uma lei positiva, o dia pode ser mudado sem afetar o caráter moral inerente à ordenança”²⁴.

Leis civis e cerimoniais foram temporárias porque sua necessidade também foi temporária. Quando o Senhor Jesus disse: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; **não vim para revogar, vim para cumprir**” (Mt 5.17) (grifo é meu), era exatamente a isso que Ele se referia, ou seja, as leis civis e cerimônias perderam sua utilidade e necessidade porque em Cristo elas se cumpriram plenamente. Quanto à lei moral, Ele não a aboliu; antes, Ele cumpriu imediata, inteira, interna e ininterruptamente os Dez Mandamentos, e por isso mesmo pode nos salvar, pois, sua vida e morte, em tudo glorificaram ao Pai por Sua obediência, fazendo com que Cristo merecesse todas as bênçãos da graça de Deus, e no-las desse graciosamente. Por isso não mais precisamos cumprir as determinações das leis civis e cerimoniais, ao passo que as ordenanças da lei moral devemos cumprir, porque tais ordenanças são perpétuas.

Rebatendo antinomianos (e outros hereges)

Esses tais objetam dizendo: “Deus não ordenou a Adão e a Eva que guardassem o dia sétimo. Somente nos dias de Moisés, em Êx 20 é que encontramos a ordem de se guardar o dia sétimo”. A esse “silêncio”

²⁴ PIPA, 2021, p. 43.

do Gênesis sobre o *Shabbath* podemos responder tomando a instituição do casamento como exemplo. Quando Deus trouxe Eva para Adão, Ele instituiu o casamento, ainda que não tenha dado nenhum mandamento específico como: “Adão, tome essa mulher e seja o marido dela por toda a sua vida”. Mas, ao entregar-lhe ela, Deus estava ali instituindo o casamento. Isso fica tão claro quando o Senhor Jesus confirmou essa interpretação ao falar sobre a instituição do casamento em Mt 19.4-6: “⁴ Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher ⁵ e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? ⁶ De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. **Portanto, o que Deus ajuntou** não o separe o homem” (grifo é meu).

O mesmo ocorre com o *Shabbath*. Ainda que Deus não tenha dito a Adão e a Eva as mesmas palavras que disse a Moisés em Êx 20.8-11, por certo, desde Adão até Moisés, a guarda do dia sétimo foi observada. Vejamos alguns argumentos que apontam para isso.

- ✓ **O simbolismo do número 7:** John Owen e Robert Dabney levantaram esse argumento, que, embora não seja tão forte assim, mas tem o seu valor. O número 7, desde o início dos tempos foi tomado como símbolo de perfeição e sagrado, tanto pelos patriarcas hebreus quanto pelos pagãos. “*Não existe nenhum fenômeno natural que sugira a significância simbólica do número sete, mas em toda a Bíblia esse número significa perfeição e algo sagrado*”²⁵.
- ✓ **Deus era adorado nesse dia:** Em Gn 4.3, na frase “no fim dos dias” possivelmente encontramos uma referência ao culto divino, pois, tal expressão faz muito mais sentido se entendida como “no fim da semana”, do que como o fim de uma era.
- ✓ **A memória do *Shabbath*:** a expressão “Lembra-te do dia de sábado...” em Êx 20.8 que Deus deu como mandamento ao povo de Israel, é um argumento importante. O verbo “lembrar” comunica trazer à memória o Dia do Senhor e guarda-lo. **Só se lembra e se tem na memória aquilo que já é conhecido.** A prova disso é Êx 16, onde constatamos que Israel sabia da guarda do sábado, pois, o maná que lhes seria providenciado todos os dias, no sexto dia seria dado em dobro para que eles guardassem a metade para o sétimo dia, no qual Deus não lhes daria o maná. Veja o que dizem os vv.29-30: “²⁹ Considerai que o SENHOR vos deu o **sábado**; por isso, ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias; cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia. ³⁰ Assim, descansou o povo no **sétimo dia**” (grifo é meu).

Conclusão

Concluimos com algumas afirmações importantes:

- ✓ O conceito da guarda do *Shabbat* é uma lei moral perpétua, que deve ser observada por todos os homens, cujo aspecto positivo alterou o dia da semana em que o *Shabbath* é observado, ou seja, agora é no Domingo, o primeiro dia da semana.
- ✓ Ele é um conceito criacional, ou seja, ele não surge com a lei mosaica, e nem mesmo foi um preceito só para Israel como afirmam os antinomianos. “*Tudo o que o Quarto Mandamento fez foi colocar essa obrigação natural e universal em forma definida*”²⁶.

Refleta sobre...

Você seria capaz de rebater os sabatistas ou antinomianos quando estes vêm com seus argumentos heréticos?

Qual ou quais pontos deste estudo você não compreendeu e precisa rever?

Uma vez que o *Shabbath* foi consagrado para a adoração a Deus, como tem sido minha prática de adoração neste dia?

²⁵ In PIPA, 2021, p.46.

²⁶ In PIPA, 2021, p.49.

O DIA DO SENHOR

Capítulo 3

O Dia da Feira da Alma

Propósitos desta lição

- 1- A observância do Dia do Senhor tem como propósito exercitar nossa gratidão e amor por Deus por Suas obras salvíficas para conosco;
- 2- Se não estamos lembrando e celebrando as obras salvíficas de Deus no Seu Dia, não estamos guardando-o corretamente. Por isso a necessidade de congregarmos em assembleia solene para adorá-Lo é algo imprescindível no Seu Dia.
- 3- O dia do *Shabbath* aponta o Dia do Descanso Eterno, o qual não será um descanso do trabalho, mas, sim, da luta contra o pecado.
- 4- De todas as “transações espirituais” a serem realizadas no *Shabbath* a mais importante de todas é o congregarmos com os irmãos para adorá-Lo.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 3 “A dia da feira da alma” (PIPA, 2021, p.51-63).

Introdução

Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira. Por que “feira”? Os pagãos homenageavam seus deuses em cada dia da semana. Em línguas germânicas como o inglês, homenageiam deuses romanos ou nórdicos, como Marte (Terça-feira), Mercúrio (Quarta-feira), Júpiter/Thor (Quinta-feira) e Vênus/Frigg (Sexta-feira), e todos eles ligados às grandes divindades, o Sol e à Lua que em inglês fica mais evidente (Domingo – Sunday), Lua (Segunda – Monday) e Saturno (Sábado – Saturday). O termo “feira” nos dias da semana vem do latim *feria*, que significa “dia de descanso” ou “dia santo”. No século VI, o bispo Martinho de Braga para eliminar referências pagãs aos deuses romanos e se alinhar à liturgia, usou numerais: *Prima Feria* (Segunda-feira), *Secunda Feria* (Terça-feira), etc., consolidando-se em Portugal e sendo herdado pelo Brasil, enquanto outros países mantiveram nomes de deuses/astros.

Na Inglaterra dos tempos puritanos, por exemplo, os dias de feira comercial e social, eram os mais importantes. “*Crendo que Deus designava o Dia do Senhor para transações especialmente importantes com ele, os puritanos chamaram o Shabbath de ‘o dia da feira da alma’*”²⁷.

Recapitulando...

Já vimos que o *Shabbath* não deve jamais ser visto como uma imposição legalista, mas, como um glorioso privilégio para desfrutarmos ainda mais da pessoa de Deus. Vimos também que o *Shabbath* é um dever moral, ou seja, uma ordenança de Deus **para todos os homens**, crentes ou incrédulos.

I – Lembrar do *Shabbath*

Quando o Senhor Deus deu a Moisés a Lei Moral (os Dez Mandamentos) no Sinai, não estava trazendo nada de novo. O Decálogo sintetizou aquilo que podemos chamar de “lei orgânica” que Deus deu já no Éden. Por exemplo: o Quarto Mandamento regulamenta como o *Shabbath* deve ser estruturado; o Sétimo Mandamento estrutura a ordenança social do casamento; e o Oitavo Mandamento, a ordenança criacional do trabalho²⁸.

Ao ordenar-nos a “lembrar” do *Shabbath*, Deus tem Seus propósitos santos.

Alertar-nos quanto aos pecados da negligência e ingratidão

Aqueles que negligenciam o *Shabbath*, se enfraquecem espiritualmente porque não exercitam a memória quanto à bondade e fidelidade de Deus, e assim, abrem as portas do seu coração para a ingratidão a Deus quanto aos Seus atos misericordiosos tornando-se murmuradores e incrédulos. Esse é o primeiro passo para a apostasia. Daí então Deus nos ordena a lembrarmos do Seu dia.

²⁷ PIPA, 2021, p.51.

²⁸ *Ibid.*, 2021, p.52.

Algumas passagens bíblicas usam o verbo “lembrar” com esse sentido.

- ✓ **Êx 13.3:** “Disse Moisés ao povo: **Lembrai-vos** deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o SENHOR vos tirou de lá; portanto, não comereis pão levedado”. O povo não deveria jamais se esquecer dos atos redentores de Deus, e o *Shabbath* servia-lhes de ocasião para semanalmente serem lembrados disso.
- ✓ **Lc 22.19:** “Fazei isto em memória de mim”. Na instituição da Ceia, o Senhor Jesus usa o sentido do verbo “lembrar” quando determina que celebremos a Ceia “em memória” Dele. Assim como o dia do Senhor é guardado semanalmente, a Ceia do Senhor também deve ser ministrada semanalmente. É claro que a mera repetição semanal tanto do *Shabbath* quanto da Ceia, por si só não produz efeito algum, a menos que o façamos com o propósito de incitar nosso coração (memória) à gratidão, louvor e amor a Deus.

Requerer de nós a obediência e celebração

Outro sentido escriturístico para o verbo “lembrar” é o de “obedecer e celebrar”. Ao descansar no sétimo dia, Deus “o santificou e o abençoou”. Ao ordenar a lembrança do *Shabbath*, o Senhor Deus o separou para a Sua adoração, e na Sua adoração, o deleite do Seu povo.

Quando alguém pergunta: “*Você se lembrou do seu aniversário?*”, não está querendo saber se você se recordou da data do seu nascimento, mas, sim, o que você fez nessa data para celebrá-la. Da mesma forma, quando Deus nos ordena lembrar do *Shabbath* está nos dizendo: “*Não negligenciem o meu Dia! Não o ignorem! Em vez disso, celebrem-no na minha presença e deleitem-se em mim*”. Veja as seguintes passagens bíblicas:

- ✓ **Êx 12.14:** referindo-se ao dia da Páscoa Ele disse: “Este dia vos será para memorial, e o celebrareis por estatuto perpétuo”. O substantivo “memorial” vem da mesma raiz da palavra “lembrar”, isto é, “trazer à memória”. Em Êx 13.3 vemos **como** esse dia deveria ser lembrado. Não somente deveriam **se lembrar** dos feitos salvíficos de Deus retirando-os da escravidão no Egito, mas, também deveriam **celebrar** esse dia com atos de adoração e culto a Deus. Celebrar é fazer festa, é se alegrar e exultar. Esse entendimento sobre o *Shabbath* põe por terra qualquer conceito de um descanso ocioso no Dia do Senhor e reforça o sentido de ações e atividades de culto a Deus de forma exclusiva, “...assim como o descanso de Deus não foi um descanso de inatividade, o descanso ordenado pelo Quarto Mandamento também não é um descanso de inatividade, e sim de santa celebração”²⁹.
- ✓ **Lv 23.2-3:** aqui encontramos o mesmo sentido de “atividade de adoração” opondo-se à “inatividade ociosa”. Deus disse a Moisés: “Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: As festas fixas do SENHOR, que proclamareis, serão santas convocações; são estas as minhas festas. Seis dias trabalhareis, mas o sétimo será o sábado do descanso solene, santa convocação; nenhuma obra fareis; é sábado do SENHOR em todas as vossas moradas”. Uma santa convocação no *Shabbath* tinha como objetivo reunir o povo em assembleia solene para adoração a Deus, e a forma de se observar (guardar) o *Shabbath* era reunindo-se com o povo de Deus para adorá-Lo.

II – Um dia especial para Deus

Deus tem o direito de reivindicar para Si o *Shabbath*; Ele é o dono de tudo. É claro que com isso não estamos afirmando que os demais dias são nossos para vivermos como bem entendermos. Não, definitivamente, não! O *Shabbath* sendo observado corretamente, fará com que todos os outros dias da semana sejam vividos para a glória de Deus.

Para os puritanos, o *Shabbath* era considerado a “feira da alma”, ou seja, o dia em que fazemos “transações santas” com Deus, isto é, adoramos e celebrarmos culto ao Seu nome. Vejamos mais detalhadamente quais são essas transações.

²⁹ PIPA, 2021, p.54.

Descansar em Cristo

O *Shabbath* é o dia do descanso no sentido de cessarmos nossas atividades cotidianas das quais extraímos os recursos para o nosso sustento material, e nos voltamos para Cristo, Sua Palavra e Seu culto, e assim buscamos o sustento para a nossa alma. Isso tem um duplo resultado: primeiramente, isso trata a nossa ansiedade. Não só numa sociedade agrícola onde o trabalho tem que ser feito todos os dias e que a interrupção num dia em cada semana pudesse representar prejuízos, mas, também numa sociedade como a nossa que busca gananciosamente o lucro, falar sobre o cessar as atividades em um dia na semana é um exercício de fé no cuidado de Deus em não nos deixar nada faltar.

Em segundo lugar (e não menos importante), o *Shabbath* temporário aponta para o Dia do Descanso Eterno. O Catecismo de Heidelberg, na pergunta 103 “O que Deus exige no Quarto Mandamento?”, responde: “...eu devo, todos os dias da minha vida, desistir das más obras, deixando o Senhor operar em mim, por seu Espírito. Assim começo nesta vida o descanso eterno”. Assim como o descanso do *Shabbath* não é inatividade, da mesma forma o Descanso Eterno o não será. Pelo contrário, **o Descanso Eterno não será um descanso do trabalho (até mesmo porque a eternidade será um lugar de trabalho), mas, sim, da luta contra o pecado.** O descanso das obras ordinárias da semana e o deleitar em Cristo **é um dia de santificação pessoal.** É óbvio que devemos estender para todos os dias da nossa vida essa santificação pessoal, mas o *Shabbath* nos proporciona meios dos quais não dispomos com a mesma facilidade durante a semana, tal como o congregar com os irmãos a fim de mutuamente nos estimular ao amor e às boas obras (cf. Hb 10.24-25). No *Shabbath* Deus nos faz lembrar que a nossa luta contra o pecado tem data de validade, e que na eternidade não mais teremos essa luta, e por isso descansaremos.

Não conquistamos a eternidade por nosso trabalho e obras, mas, somente pelo méritos e obra de Jesus. Joseph Pipa afirma: “O *Shabbath* é nossa confissão e testemunho solenes de que descansamos somente em Jesus Cristo para nossa salvação e nos gloriamos somente Nele. Nesse dia, afirmamos que só ele é nosso deleite, só ele é nosso refúgio e nosso esconderijo”³⁰.

Contemplar a beleza dos atributos de Deus

Essa é outra “transação espiritual” que fazemos no *Shabbath*. Joseph Pipa usa a figura do arrendador e arrendatários para falar sobre essas “transações espirituais” que fazemos com Deus. Ele é o dono de tudo o que existe e está sob a nossa responsabilidade. Ele “arrenda” para nós tudo o que é Dele, e no dia da feira da alma, vamos até Ele render-Lhe tudo o que Lhe pertence. Enquanto contemplamos os atributos (qualidades do caráter) de Deus, Ele “nos recebe no dia da feira e nos dá uma parte dos rendimentos do nosso trabalho. Ele nos abençoa restaurando as nossas forças e nós nos regalamos à sua mesa”³¹.

Essas ações (descansar em Cristo e contemplar os atributos de Deus), nos levarão a guardar o *Shabbath* de forma prazerosa e vibrante em vez de ritualista e fria. Veremos este santo dia como mais desejado e deleitoso que as férias ou nosso aniversário. Em vez de aguardarmos por uma ou outra data “especial”, desfrutaremos de não menos que 52 deleitosos e prazerosos dias por ano. Daí devemos efusivamente exclaimar como o salmista: “Este é o dia que o SENHOR fez; regozigemo-nos e alegremo-nos nele” (Sl 118.24).

III – Cuidado com a lista de proibições

A essa altura dos nossos estudos, certamente você já se perguntou algumas vezes: “O que posso e o que não posso fazer no domingo?”. Devemos tomar muito cuidado para não cairmos no legalismo frio e hipócrita no qual mostramos às pessoas a nossa lista do “faça ou não faça”, enquanto em nosso

³⁰ PIPA, 2021, p.56.

³¹ Ibid. p.56.

coração não temos nenhum leite em Deus no Seu dia. Esse legalismo hipócrita nos fará crer que por nossa obediência rígida é que seremos aceitos por Deus. “É somente quando confiamos em Cristo para o perdão de nossos pecados e na graça para obedecer que nós podemos começar a guardar o santo Shabbath” (Ibid., p.57). Com essa confiança exclusiva nos méritos de Cristo é que nos encontramos em comunhão com Deus em Seu dia e efetuaremos as “transações espirituais” que Ele preparou para nós. De todas essas “transações espirituais” no dia da feira da alma, a mais importante é a de congregarmos com nossos irmãos para adorarmos a Deus, o que deverá ser complementado em nosso lar com as devoções familiares e individuais – leitura e meditação na Palavra e oração, obras de necessidade e misericórdia.

Uma vez que tivermos feito tudo isso descansando em Cristo e contemplando Deus, estaremos aptos para tratar das proibições que Deus fez a nós em relação ao Shabbath. Conforme já visto no capítulo 1, essas proibições não são para tirar nossa alegria e prazer, mas, para nos livrar daquilo que nos impede de deleitar em Deus como Ele requer. Tal como nossas feiras-livre fecham o trânsito local para que possam funcionar perfeitamente, assim, são as proibições que Deus faz quando ao Seu dia para que possamos usufruir dele tal como Deus determina.

Organização da vida para usufruir do *Shabbath*

O Quarto Mandamento aponta para o fato de que devemos organizar nossa vida a fim de que nada nos impeça de adorarmos a Deus pessoal, familiar e congregacionalmente. Vejamos cada uma.

Pessoalmente. Todos os Mandamentos de Deus são dirigidos de forma pessoal, mostrando assim, que a observância da Lei de Deus começa no âmbito pessoal. Todo o relacionamento de Deus com Seu povo recai na responsabilidade pessoal de cada membro da Aliança, ainda que todo o tratamento seja com a coletividade do povo. No Quarto Mandamento, ao ordenar: “...não farás nenhum trabalho”, o substantivo “trabalho” tem um duplo significado. Num sentido mais restrito em Êx. 20.9, o sentido é de labor diário (trabalho manual, agrícola e outras formas de trabalho feito com as mãos). Num sentido mais abrangente, o termo aponta para todas as demais ocupações (indústria, comércio e afazeres domésticos). Com esse duplo significado, fica claro que Deus nos proíbe de todos os nossos trabalhos e atividades cotidianas. Para fazermos todas essas coisas, Deus nos dá seis dias na semana, e no mesmo mandamento que nós dá para guardarmos o Shabbath Ele também enfatiza que os outros seis dias são para nós fazermos todas essas coisas. Faça as contas. Cerca de 85% da semana Deus nos dá para realizarmos as nossas coisas, e requer cerca de 15% apenas para Si.

Joseph Pipa afirma: “Embora alguns pensem na frase ‘seis dias trabalharás’ como um mandamento para trabalhar em nossa vocação seis dias por semana, eu prefiro ler a frase como uma concessão. Deus nos concede o uso de seis dias para realizarmos todo o trabalho. Ele também nos dá um dia inteiro para nos deleitarmos nele”³².

Familiarmente. Dirigimo-nos mais especificamente aos pais (homens) aqui. É responsabilidade do marido/pai coordenar as coisas para que a esposa e filhos sejam liberados do trabalho e de outros afazeres do dia a dia (limpeza e arrumação da casa, não estudar ou fazer trabalhos escolares, etc.), para se devotarem às atividades especiais de adoração a Deus. Os pais (homens) precisam ser exemplo para os seus com respeito à guarda do Shabbath, mostrando-lhes que há um prazer e responsabilidade maiores do que as coisas dessa vida, a saber, o próprio Deus e Seu culto.

No contexto familiar, incluem-se também os empregados. Caso alguém de nós tenha empregados, deve liberá-los no Dia do Senhor. Não podemos ser tropeço para eles, e nem a causa de não conseguirem observar o Dia do Senhor. Devemos estender esse entendimento inclusive para os não crentes, deixando de fazermos compras e outras negociações no Dia do Senhor. Se todos os crentes guardassem o Dia do Senhor dessa forma, isso teria um impacto financeiro muito grande levando as empresas e lojas a reverem seu funcionamento no Dia do Senhor. É claro que devemos usar bom senso

³² PIPA, 2021, p.58.

nessa questão. Por exemplo, se ficarmos doentes e precisarmos de remédio nesse dia, então devemos comprar. Isso seria uma “obra de necessidade” tal como diz a CFW, Cap. XXI-8.

Durante o Domingo, proporcione momentos de comunhão com sua família em torno da Palavra de Deus. Tenha comunhão com outras famílias também, almoçando passando o dia juntos em conversas edificantes. Em casa, reserve tempo para ler a Bíblia e orar com os seus, lerem um bom livro ou assistir a programas edificantes como pregações e filmes (esses são escassos). Nossa igreja promove todos os domingos às 20h uma reunião de oração *online*.

Congregacionalmente. Já observou como começamos o nosso culto? O liturgo após ler uma passagem Bíblica na qual Deus convoca o Seu povo para adorá-Lo, em seguida diz: “O nosso Santo Deus nos convoca em assembleia solene para adorarmos o Seu grande e santo nome”. Em seguida ele saúda a Igreja. Essa convocação é exclusiva para o Dia do Senhor, em outras palavras, se você deixar de se reunir durante a semana com a Igreja para um estudo bíblico ou reunião de oração, não estará cometendo algum pecado, ainda que esteja perdendo uma oportunidade de crescimento espiritual e comunhão. Mas, não há uma determinação divina para tal. O mesmo não acontece em relação ao Dia do Senhor. Quando você, por motivos injustificáveis, deixa de estar na Casa de Deus com seus irmãos para cultuá-Lo você peca quebrando o Quarto Mandamento. Um pecado tão grave quanto qualquer um dos outros nove. Nenhum de nós veria como coisa normal adulterar, roubar, matar ou mentir, mas, a naturalidade com que muitos crentes deixam de estar na Casa de Deus no Seu Dia, e a tranquilidade com que lidam com esse pecado, é algo estarrecedor, e leva-nos a questionar a sinceridade da conversão que alegam ter tido.

Organize-se durante a sua semana a fim de que nada venha a atrapalhá-lo de estar com a congregação dos filhos de Deus. No sábado, vá dormir na hora certa para levantar disposto no Domingo. Chegando à Igreja com antecedência, você deve se recolher em oração na presença de Deus, evitando conversas desnecessárias. Acomode-se de forma que facilite aos que chegarão depois de você terem fácil acesso ao templo. Mantenha uma postura reverente na Casa de Deus. A forma como nos comportamos no culto a Deus, muito fala sobre a reverência do nosso coração para com Ele. Auxilie aqueles que estão encontrando alguma dificuldade (encontrar as passagens bíblicas, ou têm crianças pequenas, etc.). Tenha em seu coração o desejo de conhecer mais e mais de Deus, mas, não deseje isso somente para você; queira também para os seus irmãos, logo, se vir alguém tendo algum comportamento inapropriado durante o culto, admoeste-o em amor para que se corrija.

Conclusão

O Domingo é a feira da alma. Se refazemos nossa dispensa e abastecemos a nossa geladeira quando vamos à feira comprar frutas, verduras, queijos etc., muito mais importante é o “abastecimento” que fazemos à nossa alma no dia da sua feira, o Dia do Senhor. Quanto mais observarmos este dia a partir dessa perspectiva, tanto mais nos deleitaremos em Deus e não sentiremos falta alguma das coisas que hoje nos dão prazer no domingo, mas, roubam de Deus a Sua glória.

“Nisso somos lembrados que, como toda a Lei de Deus, o Quarto Mandamento não é um peso e sim o caminho para a verdadeira e bem-equilibrada alegria e felicidade”³³.

Refleta sobre...

Tenho buscado santificação para minha vida especialmente no Dia do Senhor? Pensando nas ações lícitas e não pecaminosas, quais ações minhas são obedientes ao Mandamento, e quais devo deixar imediatamente a fim de cumprir o Mandamento sempre confiante na obra e justiça de Jesus?

³³ PIPA, 2021, p. 63.

O DIA DO SENHOR

Capítulo 4

Um Sinal do Pacto

Propósitos desta lição

- 1- Mostrar que o Quarto Mandamento continua válido na Nova Aliança; não só a guarda do *Shabbath* no Domingo para cultuarmos a Deus, como também todas as demais atividades neste dia devem ser de conformidade com as perguntas 115 a 121 do CMW.
- 2- Apresentar e refutar os argumentos dos antissabatarios. Estes não são contra a guarda do *Shabbath* (no Domingo), mas, alegam que a única coisa que é nosso dever no Dia do Senhor é o culto comunitário. O que quisermos fazer depois desse compromisso (lazer, compras, esportes, etc.) não é quebra do Mandamento.
- 3- Distinguir entre antissabatarios e sabbatistas. Os antissabatarios advogam a guarda do *Shabbath* de forma mais branda e menos rigorosa; os sabbatistas são defensores do sétimo dia da semana como Dia do Senhor (p.ex.: os adventistas). Ambos os grupos precisam ser rechaçados.
- 4- Outro grupo a ser combatido é o dos legalistas. É preciso deixar bem claro que o legalismo não é o ato de cumprir o que a Lei determina, mas, sim, o ato de acrescentar normas à Lei com o fim de ser aceito por Deus por seus próprios méritos.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 4 “Um sinal do pacto” (PIPA, 2021, p.65-80).

Introdução

Muitas das nossas cidades mantém a cultura das tais feiras de rua, mesmo convivendo com os *shoppings centers* que são uma modalidade diferente de comércio. Essa mesma figura é utilizada por aqueles que a quem denominaremos aqui de “antissabatarios”, os quais alegam que o Quarto Mandamento, tal como prescrito por Deus a Moisés, teve seu valor somente para os tempos da Antiga Aliança, e, que, na Nova Aliança, o *Shabbath* tornou-se obsoleto. Estes antissabatarios não falam contra o sétimo dia em detrimento do primeiro dia, mas, sim, que a forma como guardamos o Dia do Senhor não deve seguir as prescrições da Antiga Aliança, pois, em Cristo o *Shabbath* tem outro significado. Como já não nos bastasse os ímpios desprezando as coisas de Deus, temos que ainda lidar com os antissabatarios que são a maioria dos cristãos em nossos dias.

Além destes, também veremos estão equivocados os sabbatistas (e.g. adventistas do sétimo dia) que insistem que o Dia do Senhor é o sábado e não o domingo. Veremos ainda o pecado do legalismo e como ele tem afetado muitos cristãos que começaram com sinceridade, mas, hoje, vivem na hipocrisia.

Mas, então o que mudou? Por que mudou?

I – Argumentos antissabatarios

O principal argumento dos antissabatarios dizendo que o Quarto Mandamento não regula mais a forma como observamos o *Shabbath* é que o Novo Testamento não traz nenhuma reafirmação sobre os quatro primeiros Mandamentos. Tomando o texto de Êx 31.13-17, afirmam que todas as determinações referentes ao Quarto Mandamento foram para o povo de Israel e que não se aplicam à Igreja dos tempos do Novo Testamento. Assim como em todas as vezes que Deus estabeleceu um pacto com Seu povo estabeleceu também sinais (marcas) visíveis desses pactos (circuncisão, Páscoa, etc.), ao estabelecer o *Shabbath* deu como sinal o sétimo dia da semana com ações positivas (coisas que deveriam fazer) e ações negativas (coisas que estavam proibidos de fazerem).

Joseph Pipa explica³⁴:

Os antissabatarios afirmam que, uma vez que o Shabbath foi um sinal da aliança de Deus com Israel, quando esse pacto foi cumprido em Cristo e na Nova Aliança, o sinal pactual do Shabbath foi anulado. O Shabbath semanal, bem como os dias de Shabbath das festas religiosas e das luas novas, foram ordenanças cerimoniais que, do mesmo modo que os sacrifícios, estavam destinadas a acabar. Eles concordarão que há um

³⁴ PIPA, 2021, p.67.

princípio moral permanente, que exige que o povo de Deus o adore corporativamente, mas insistem em que um dia inteiro dedicado à práticas religiosas não é exigido pelo Novo Testamento.

Toda a questão para os antissabatarios gira em torno do que fazer no domingo quando não estamos congregados com os irmãos para adorarmos a Deus. Eles até admitem que é dever de todo crente reunir-se com outros irmãos em assembleia solene para adorar a Deus, mas, feito isso, o restante do dia pode ser usado conforme cada um quiser. Não discordamos deles quando dizem que o sistema do *Shabbath* no Antigo Testamento tenha tido um significado especial para Israel, mas, não podemos admitir que o propósito pactual do *Shabbath* esgota os propósitos do Quarto Mandamento.

Para entendermos melhor essas questões, vejamos dois pontos importantes sobre o Quarto Mandamento.

II – O Quarto Mandamento é Lei Moral

Três motivos para assegurarmos que o Quarto Mandamento é parte da Lei Moral (seu cumprimento é obrigatório para todos os homens) e não somente uma lei positiva (é nosso dever cumpri-lo, mas, podemos alterar a forma, p.ex.: mudando do Sábado para o Domingo).

1º Motivo – o Quarto Mandamento é uma expressão da vontade moral universal de Deus para todos os povos.

Ele tem o mesmo peso e gravidade que tem todos os outros nove Mandamentos. Não podemos trata-lo com menor importância e nem mesmo mutilá-lo retirando partes dele que não nos agradam.

Aqueles que dizem que o único dever moral que temos para com Deus no Domingo é somente o culto congregacional, entendem que o Quarto Mandamento foi apenas um sinal do pacto de Deus com Israel e que por isso teve sua validade somente para Israel. Além disso, afirmam que o Decálogo não é um resumo da Lei Moral (da vontade) de Deus para os homens, mas apenas uma declaração pactual que Deus deu a Israel como seu povo pactual³⁵.

Porém, o Decálogo (Dez Mandamentos) é um resumo da Lei Moral (a vontade de Deus) para a humanidade. O CMW na pergunta 93 “O que é a lei moral?” responde:

A lei moral é a declaração da vontade de Deus **à raça humana**; dirigindo e obrigando **a todos** à sua obediência pessoal, perfeita e perpétua – no íntimo e na disposição de todo o ser, alma e corpo e no cumprimento de todas aquelas obrigações de santidade e retidão devidas a Deus e ao homem – prometendo vida, se cumprida; e ameaçando de morte, se quebrada. (Grifo é meu).

E na pergunta 98 “Onde está resumidamente contida a lei moral?” responde sobre a estrutura do Decálogo:

A lei moral está contida resumidamente nos Dez Mandamentos, que foram ordenados pela voz de Deus no Monte Sinai e por Ele escritos em duas tábuas de pedra; está registrada no vigésimo capítulo do livro de Êxodo. **Os quatro primeiros mandamentos abrangem o nosso dever com Deus e os outros seis mandamentos o nosso dever com os homens.** (Grifo é meu).

Os antissabatarios ainda alegam que o Novo Testamento não apresenta o Decálogo como resumo da Lei Moral de Deus. Mas esse argumento não se sustenta. Veja por exemplo, as seguintes passagens:

³⁵ Cf. PIPA, 2021, p.68.

Mt 22.37-40

³⁷ Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. ³⁸ Este é o grande e primeiro mandamento. ³⁹ O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. ⁴⁰ Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

Aqui fica evidente o resumo do Decálogo, sendo os quatro primeiro mandamentos direcionados verticalmente para a Deus, e os seis últimos dirigidos horizontalmente aos homens.

Mt 19.17-19

¹⁷ Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. ¹⁸ E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; ¹⁹ honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Os antissabatarios, neste texto, alegam que o Senhor Jesus citou somente os mandamentos “horizontais” (referentes aos homens). Mas, o Senhor Jesus ao citar apenas os seis últimos mandamentos estava reconhecendo os Deus Mandamentos como resumo da Lei Moral. Ainda que os quatro primeiros mandamentos não sejam citados *ipsis litteris* no Novo Testamento, é inquestionável que eles permeiam as páginas neotestamentárias.

Na tentação no deserto, a resposta de Jesus a Satanás “Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto” (Mt 4.10), aponta diretamente para o Primeiro Mandamento. Falando sobre os juramentos (Mt 5.33-37) o Senhor Jesus aludiu ao Segundo Mandamento. Na Oração Dominical (Mt 9.9-13), o Senhor Jesus disse: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome”, o que está em plena harmonia com o Terceiro Mandamento. Ainda quando Ele disse: “Seja feita a tua vontade assim na terra como nós céus”, uma inferência aos Dez Mandamentos no seu todo. Sobre o Quarto Mandamento, veja Mt 12.1-8 onde o Senhor Jesus nos mostra claramente como devemos lidar com o Sábado (até então este era o dia do *Shabbath*).

Os apóstolos também falaram sobre o assunto. Apenas destacamos o que disse Tiago

Tg 2.8-12

⁸ Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem; ⁹ se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo arguidos pela lei como transgressores. ¹⁰ Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. ¹¹ Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei. ¹² Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade.

Ao referir-se apenas ao grupo de Mandamentos “horizontais”, Tiago não está dizendo que os quatro primeiros mandamentos caducaram e perderam a validade. Antes, ele enfatiza a necessidade e obrigatoriedade do cumprimento de todos os Dez Mandamentos.

Com tudo isso, queremos mostrar que a guarda do *Shabbath* para a Igreja neotestamentária envolve tudo o que Deus ordenou para Israel no Antigo Testamento, ou seja, cessação do trabalho, do lazer, de atividades não relacionadas à piedade e devoção a Deus, à dedicação ao culto congregacional, familiar e pessoal neste santo dia.

2º Motivo – A abrangência do Quarto Mandamento

Com isso estamos falando sobre a obrigatoriedade do cumprimento desse Mandamento por todas as pessoas, quer sejam crentes, quer sejam incrédulas. Em Êx 20.10 está escrito: “...não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o

teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro”. Não somente quem era do povo de Deus, mas até mesmo os forasteiros que estivessem se hospedando na casa de um israelita, deveria guardar o *Shabbath*, mesmo que estivessem impedidos de tomar parte nas festas ou adoração no templo.

Em Ne 13.15-21, os negociantes, dos quais alguns eram gentios (cf. v.16) foram proibidos de fazerem negociações no *Shabbath*. É importante ressaltar que nos dias de Neemias, Israel não era uma nação livre, mas, vassala desde o império babilônico, passando pelo medos e persas. Mesmo neste contexto, a aplicação e observância do Quarto Mandamento foram aplicadas ao povo por Neemias. Assim, evidencia-se que a abrangência do Quarto Mandamento (assim como todos os outros nove) não depende das circunstâncias e ocasião.

3º Motivo – a sua base teológica dada por Deus

Já vimos que a ordenança da guarda do *Shabbath* é criacional, ou seja, origina-se na Criação. Por isso podemos afirmar também que essa ordenança é antes da Queda. Mas para os antissabatarios, a razão do *Shabbath* relaciona-se com a libertação de Israel da tirania do Egito. Para eles não pode haver duas razões para o *Shabbath*, pois, isso seria contradição.

Mas, não há contradição alguma em as Escrituras terem mais de uma razão para um ato ou lei de Deus. Veja por exemplo Jd 7. Ali é dito que Deus destruiu Sodoma e Gomorra por causa da terrível imoralidade dessas duas cidades; enquanto isso, em Ez 16.49-50 a razão da destruição dessas cidades foi pro causa da sua arrogância e opressão dos pobres. Essas duas razões são conflitantes? Não! Ezequiel enfatizou uma e Judas outra.

Aplicando essa interpretação ao nosso estudo sobre o Quarto Mandamento, vemos que Deus tinha dois motivos: mandou Israel guardar o *Shabbath* como sendo uma ordenança criacional (uma Lei Moral para todos os homens de todos os tempos), bem como para servir como sinal do Seu pacto com Israel (um sinal pactual). “O dia dessa feira não é coisa do passado; mudou-se da praça principal para o novo shopping, mas ainda serve como centro de nossas ‘transações’ espirituais com Deus”³⁶.

III – O *Shabbath* era um sinal pactual para Israel

Em Êx 31.16-17 vemos como o *Shabbath* serviu como um sinal pactual para Israel: “¹⁶ Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, **celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações.** ¹⁷ Entre mim e os filhos de Israel **é sinal para sempre**; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento” (Grifo é meu).

Israel tinha outros dias de *Shabbath* além do sétimo dia da semana. Todos esses *Shabbaths* tinham duplo objetivo, duplo direcionamento. Tanto apontava **para trás** lembrando-os de Deus como o Criador que, após a Queda do homem, prometeu salvação por meio de um Redentor, o Messias; mas, também apontava **para frente**, fazendo-os lembrar que deveriam pela fé ter esperança na vinda desse glorioso Redentor. E para fortalecer essa fé e esperança na promessa divina, Israel deveria se lembrar do como Deus o resgatou das garras do Egito e os conduziu à Terra Prometida (cf. Dt 5.15).

Joseph Pipa diz³⁷:

Pela observância do *Shabbath* no final de cada semana, Israel foi ensinado a esperar pelo libertador de Deus, o verdadeiro doador do descanso. Assim, a guarda do *Shabbath* foi para o povo israelita um sinal perpétuo daquilo que Deus já havia feito e do que ainda faria.

Esse sinal do pacto de Deus com Israel serviu também de testemunho para os povos vizinhos, mostrando o relacionamento de Israel com Deus. Por causa disso, todas as vezes que Deus chamou Israel a prestar contas de sua apostasia, a única violação que resume toda a desobediência do

³⁶ PIPA, 2021, p.73.

³⁷ *Ibid.*, p.75.

povo é a quebra da observância do *Shabbath*. A circuncisão era um sinal individual do pacto de Deus com a pessoa, enquanto que o *Shabbath* era o sinal coletivo e nacional do pacto de Deus com Israel.

O *Shabbath* também era um meio de santificação para o povo (assim como o é para nós hoje um meio de graça, isto é, de santificação) conforme Êx 31.13. *“A observância do Shabbath contribuía para o crescimento deles em santidade por lembrar-lhes que eles pertenciam a Deus – de coração, mente e corpo. Quando guardavam o Shabbath, eles sabiam que desfrutariam da graça prometida em Isaías 58.13-14”* (Ibid., p.75).

Um drástico exemplo

Em Êx 35.1-2, ficou estabelecida proibição de acender fogo no dia de *Shabbath* por causa do trabalho que isso acarretava (bem diferente dos nossos dias). Mas, havia uma permissão para manter o fogo aceso, visto que os sacerdotes mantinham o fogo sobre o altar (cf. Lv 1).

Em Nm 15 encontramos o fatídico caso do homem que estava apanhando lenha o Sábado. Ele foi descuidado durante a semana não vendo a quantidade de lenha de que dispunha, e, por isso saiu recolhendo mais. Além disso, ele tinha a opção de pegar brasas vivas com seus vizinhos ou mesmo um pouco de lenha o suficiente para tal. Mas, ele optou por fazer algo contrário à Lei de Deus. O resultado foi sua morte. Deus ordenou que ele fosse morto para servir de exemplo para o povo.

Os legalistas (aqueles que acrescentam normas e regras à Lei com o propósito de serem aceitos por Deus por seus próprios méritos), tomam esse caso para proibir as pessoas de cozinhare, usar gás ou eletricidade no dia do Senhor. Essas coisas podemos entendê-las como aquilo que CFW chama de “deveres de necessidade” (Cap. XXI-8).

IV – Um sinal que continua, e continua servindo para santificação

Até aqui vimos como o *Shabbath* do Quarto Mandamento se aplicava a Israel como um sinal pactual. Mas, isso não restringe sua abrangência e significado, pelo contrário ele permanece pleno para nós e o será até o fim do mundo, tal como afirma a CFW Cap. XXI-7:

Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção de tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também, em sua Palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens, em todas as épocas, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (= descanso) santificado por Ele (Êx 20.8-11; Is 56.2,4,6); desde o princípio do mundo, até à ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado dia do Senhor (=Domingo), e **que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão** (1Co 16.1,2; At 20.7). (Grifo é meu).

A mudança do sétimo para o primeiro dia da semana deve ser entendida da mesma forma que aconteceu com a Páscoa e Circuncisão, as quais, respectivamente foram mudadas para a Ceia do Senhor e o Batismo. A administração e forma mudaram, mas, a essência delas permanece a mesma, tal como afirma a CFW Cap.VII-6:

Sob o Evangelho, quando Cristo, a substância, Se manifestou, as ordenanças, nas quais este pacto é ministrado, passaram a ser a pregação da Palavra e a administração dos Sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor (Cl 2.17; Mt 28.19,20; 1Co 11.23-25); por estas ordenanças, posto que em número menor e administradas com mais simplicidade e menor glória externa, o pacto se manifesta com mais plenitude, evidência e eficácia espiritual (Hb 8.6-13; 2Co 3.9-11), a todas as nações – tanto aos judeus como aos gentios (Ef 2.15-19). Isto é chamado o Novo Testamento. **Não há, pois, dois pactos da graça diferentes em substância, mas, um e o mesmo sob várias dispensações** (Gl 3.17,29). (Grifo é meu).

A mudança então, do sétimo para o primeiro dia da semana como Dia do Senhor, não quebra o Quarto Mandamento como afirmam os sabatistas, pois, neste Mandamento temos o aspecto moral-positivo (é uma Lei Moral que não se restringe a uma época, é um princípio perpétuo e imutável), e o aspecto positivo (uma Lei Cerimonial que muda de forma de uma época para outra sem perder sua essência).

Da mesma forma que o *Shabbath* israelita apontava para trás e para frente, o *Shabbath* cristão também. Joseph Pipa afirma:

Nós, que vivemos na plena realidade da redenção cumprida, temos nosso *Shabbath* no primeiro dia da semana para representar que Deus já completou a obra objetiva da redenção e que nós já começamos a participar dessa redenção. Da mesma forma que o *Shabbath* de Israel, o nosso também aponta *para trás* e *para frente*. *Para trás*, aponta para a ressurreição de Cristo e nos lembra de que quando repousamos nele, todos os nossos pecados são perdoados. Também aponta *para frente*, lembrando-nos de que Cristo voltará e nós viveremos com ele em perfeita felicidade e glória para sempre.

Assim como o *Shabbath* israelita servia de testemunho para os povos vizinhos, o nosso *Shabbath* também cumpre esse papel de testemunhar às pessoas que temos um Dono, o Senhor, com quem temos uma Aliança. Deus pode usar esse testemunho para a conversão dos nossos vizinhos, bem como para promover a Sua glória através de nossa vida.

Nesse ponto é importante identificarmos o que é o legalismo. É muito comum aqueles que buscam cumprir zelosamente o Quarto Mandamento serem acusados (e muitas vezes, por membros de igrejas) de legalismo. O Contrastando a obediência sincera e de conformidade com a Lei Moral com o legalismo, Joseph Pipa afirma: “O legalismo, em contraste, é fazer acréscimos à Lei de Deus; é tentar ganhar o favor de Deus pela nossa obediência, ou tentar obedecer à Lei de Deus sem que seja pela fé em Cristo. Devemos perceber que uma precisão cuidadosa em nossa obediência não é legalismo”³⁸.

Se o *Shabbath* nos tempos do Antigo Testamento era um poderoso instrumento para santificação do povo de Deus, muito mais o é o *Shabbath* cristão que vem carregado com toda a fidelidade de Deus em ter cumprido tudo o que prometera a respeito do Messias, e Sua fidedignidade em cumprir todas as promessas que referentes à Sua volta para nos buscar.

Ao guardarmos o *Shabbath* tal como Deus requer de nós, encontramos poderosa ajuda para morrermos para o pecado. O Domingo serve para nos lembrar quem somos, a quem pertencemos, para onde estamos indo. Por essa razão, muitos irmãos que estão negligenciando o Dia do Senhor estão fracos espiritualmente, vivem derrotados e envergonhando o Nome de Cristo. Durante a semana, ainda que nos empenhemos em nossa vida de santidade e obediência a Deus, há muitas vozes disputando a nossa atenção, há muitos apelos pecaminosos que vez ou outra atendemos; no *Shabbath* somos exortados, admoestados, confrontados, encorajados e fortalecidos para comunhão com Deus, com os irmãos, pela pregação da Palavra e pela oração.

O Dia do Senhor nos leva à presença do Senhor Deus, fazendo-nos lembrar: “Buscai, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). A própria prática de interromper o nosso trabalho e o lazer e evitar pensamentos e palavras desnecessários sobre essas coisas nos impede de ficar obcecados por eles. Essa atitude é o golpe fatal que nos livra de tornar-nos viciados no trabalho ou obcecados com nossa recreação e atividade favorita³⁹.

³⁸ PIPA, 2021, p.78.

³⁹ *Ibid.*, 2021, p.79.

Conclusão

No *Shabbath* Deus proporciona para nós crescimento espiritual, fortalecimento da fé, e oportunidade de servir aos nossos irmãos em comunhão com eles. Nele, Deus nos liberta da ansiedade pelo sustento, das obrigações rotineiras (trabalho, estudo, etc.) para nos deleitarmos Nele.

Ainda que o *Shabbath* sirva a propósitos cerimoniais (como uma lei positiva), ele é muito mais que isso, é uma Lei Moral, por isso, é um princípio perpétuo requerendo nossa obediência. E o Novo Testamento confirma essa interpretação.

Refleta sobre...

Eu conseguiria rebater um antissabatariano, ou um sabatista, ou um legalista?

Em quais aspectos minha prática religiosa da guarda do Dia do Senhor tem se assemelhado à dos antissabatarios, ou dos sabatistas, ou dos legalistas? Quais aspectos da minha vida precisam urgentemente se ajustar ao princípio da Lei Moral de Deus relacionada ao Quarta Mandamento?

O DIA DO SENHOR

O Senhor do Shabbath e o Exercício da Misericórdia

Capítulos 5 e 6

Propósitos desta lição

- 1- Tratar do texto de Mt 12.1-8 refutando outro argumento antissabatariano que afirma que Jesus, em Mt 12.1-8 revogou a guarda rigorosa do *Shabbath*;
- 2- Mostrar que o que Jesus revogou e combateu foram as tradições infundadas dos fariseus que foram acrescidas à Lei de Deus;
- 3- Enfatizar o princípio deixado pelo Senhor Jesus (o que é necessário ser feito no Dia do Senhor?) para se atingir os três objetivos deste Santo Dia: cessar o trabalho, deleitar na beleza de Cristo e vislumbrar o descanso eterno.
- 4- Discorrer sobre o texto de Mt 12.9-14 onde é apresentado o princípio da prática de atos de misericórdia e preservação da vida no Dia de *Shabbath* em contraste com o trabalho não necessário de ser realizado neste dia.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 5 “O Senhor do *Shabbath*” e o Capítulo 6 “O *Shabbath* – um dia para exercer misericórdia” (PIPA, 2021, p.81-109).

Introdução

Você já foi a um museu, um daqueles que replicam uma realidade, como por exemplo, uma fábrica antiga, cujas partes e peças ali têm como objetivo mostrar como aquela fábrica funcionava? Ninguém pode entrar ali, mas, apenas ver de longe. Pois bem, foi exatamente isso que os fariseus e os líderes religiosos dos judeus nos tempos antigos fizeram com o Dia do Senhor.

O Dia do Senhor havia sido devastado tal como um campo que foi pisoteado por uma manada de elefantes. O povo de Deus havia negligenciado tanto o Dia do Senhor, que, por causa disso foi severamente punido por Deus por meio dos cativeiros. Ao regressarem do cativeiro babilônico, iniciaram o processo de restauração da nação. Mas, cada um estava preocupado em reconstruir sua própria casa e propriedade, e novamente, o templo do Senhor e o Seu culto estavam sendo deixados de lado. Homens de Deus foram levantados por Ele para reconduzirem a reconstrução do templo e do culto. O profeta Ageu pregou duramente contra o pecado do povo. Esdras e Neemias empreenderam profunda reforma religiosa.

Nos últimos quatro séculos antes de Cristo, surgiram grupos religiosos como os fariseus, saduceus, que juntos com os escribas encabeçaram movimentos importantes. Buscando zelar pela pureza religiosa do povo, os fariseus e escribas trouxeram tantas normas e regras que acabaram por transformar o Dia do Senhor numa espécie de museu, cercado pelas tradições humanas, ao qual as pessoas só podiam contemplar de longe, sem poderem desfrutar e se deleitarem neste santo Dia na presença de Deus tal como assim foi planejado por Deus. O Dia do Senhor voltou a ser aquele lindo parque florido, arborizado, com bancos debaixo das árvores. Mas, ninguém podia entrar ali.

Quando Jesus veio ao mundo, uma das primeiras coisas que Ele fez foi derrubar essas cercas e tornar o Dia do Senhor acessível aos homens, para com eles Se encontrar nesse santo Dia.

As passagens bíblicas que tratam desse ponto são: Mt 12.1-8 (e seus correlatos em Mc 2.23-28 e Lc 6.1-5). Antes, porém, devemos ver o texto que vem imediatamente antes para que possamos compreender o que está sendo dito aqui.

Em Mt 11.28-30 encontramos aquele sublime convite do Senhor Jesus àqueles que estavam sobrecarregados com os ditames e imposições legalistas dos fariseus. Ele disse:

²⁸ Vinde a mim, **todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.** ²⁹ Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e **achareis descanso para a vossa alma.** ³⁰ Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve. (Grifo é meu).

Observe como começa o capítulo 12 de Mateus: “Por aquele tempo, em dia de sábado...” (v.1), ou seja, “naquela ocasião”. Em seu estilo literário, Mateus agrupa os relatos sobre os ensinamentos de Jesus por temas. Havendo relatado sobre a grande promessa de descanso aos sobrecarregados, Mateus

passa a falar sobre o “dia do descanso”, o *Shabbath*, e irá concluir dizendo: “Porque o Filho do homem é senhor do sábado” (v.8).

Recapitulando...

Até aqui vimos:

- 1) Os fundamentos do *Shabbath* no Antigo Testamento;
- 2) A grande promessa associada ao *Shabbath* (Is 58.13-14);
- 3) Ele é uma ordenança criacional;
- 4) Que o Quarto Mandamento não é apenas uma lei positiva (que pode ser mudada), mas, antes de tudo, Lei Moral (obrigatória e perpétua).
- 5) Que o *Shabbath* é um sinal pactual para Israel (apontando para libertação da tirania do Egito e promessa da vinda do Redentor), e para a Igreja (apontando para o Redentor que veio e nos salvou, e que para a nossa ressurreição tal como nosso Redentor ressuscitou no primeiro dia).

Apesar de todas essas verdades, muitos são os que fazem objeção ao princípio de que o Dia do Senhor (o Domingo) é o *Shabbath* (dia do descanso) cristão. Na lição anterior refutamos o argumento antissabatariano que afirma que o Novo Testamento em lugar algum reitera o que diz o Quarto Mandamento. Aqui nesta lição refutaremos outro argumento deles que diz que o Senhor Jesus revogou a guarda rigorosa do *Shabbath*, e transformou-a em uma observância mais branda e leve.

I – O ensino de Jesus sobre o *Shabbath* – Mt 12.1-8

Todo o ensinamento do Senhor Jesus sobre o *Shabbath* (e quaisquer outros pontos da Lei) tem como base Sua autoridade sobre esse dia.

Naquele dia de sábado, quando Jesus e os discípulos passaram por um campo, por causa da fome, tomaram algumas espigas, debulharam seus grãos, esfregaram-nos com as mãos e jogavam eles na boca (v.1). Isso foi o bastante para os fariseus ciumentos, invejosos e legalistas acusarem a Jesus dizendo: “Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado” (v.2).

Em Dt 23.25 vemos que Deus permitia que ao passar alguém por um campo de um vizinho, apanhasse alguns grãos para uma refeição rápida. Essa era uma das formas para se amenizar a fome naqueles dias. Dessa forma, os discípulos não foram acusados de roubo pelos fariseus. Em vez disso, eles acusaram a Jesus por ter permitido que eles fizessem algo contrário à Lei de Deus no dia de sábado.

Mas, é aqui que surge uma questão inquietante: onde na Lei de Deus se encontra essa proibição? A resposta é: em lugar algum.

Como vimos a pouco, nos tempos intertestamentários, os fariseus e escribas desempenharam um papel muito importante em relação à Lei e aos escritos do Antigo Testamento. Eles se tornaram os guardiões desse tesouro. Tiveram boa intenção e grande zelo. Porém, com o passar do tempo, deixaram-se levar pela soberba vendo-se como superiores ao povo a ponto de considerar pecadores todos os que não guardavam a Lei como eles. E por não se verem como pecadores, Cristo os acusou de hipócritas.

Eles colocaram tantas “cercas” em torno da Lei de Deus (e do *Shabbath*) que tornaram tudo impraticável, um fardo pesado (cf. Mt 11.28-30) que nem eles mesmos faziam o mínimo esforço para cumprir (cf. Mt 23.4), enquanto exigiam que todos cumprissem. Joseph Pipa comenta:

Com o passar do tempo, as leis inventadas pelos homens chegam a parecer tão obrigatórias quanto a Lei de Deus, e por fim, as leis feitas pelo homem tornam-se até mais importantes do que as de Deus; nas palavras de Jesus: “Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens” (Mc 7.8). **Com efeito, leis humanas para proteger-nos de chegar perto do pecado negam a suficiência da Escritura. Tais leis implicam fortemente que a Palavra de Deus sozinha, não é capaz de ensinar a como nos abster do pecado.** (Grifo é meu).

Por essa razão (não asseverar a suficiência da Palavra de Deus), o legalismo é um grave pecado ainda que se travista de piedade.

O apóstolo Paulo, falando sobre o zelo de muitos israelitas afirmou: “Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento” (Rm 10.2). O entendimento requerido é o que leva a confiar exclusivamente na Palavra de Deus e não nas próprias obras.

Os fariseus tinham (e os judeus modernos têm) um livro chamado Talmude, o qual contém centenas de leis e normas extras que foram acrescentadas ao Decálogo. Só para o *Shabbath* esse livro tem nada menos que 24 capítulos. Eles fizeram uma lista com 39 atividades (com várias subdivisões) que não poderiam ser feitas no dia do *Shabbath*. Exemplificando isso, vemos em Êx 34.21 Deus proibindo no dia do *Shabbath* qualquer trabalho mesmo durante o período do plantio e da colheita. Os fariseus, então, acrescentaram proibições como apanhar grãos, esfrega-los para remover a palha. Por tudo isso fica evidente que os discípulos não quebraram nenhuma Lei de Deus, mas, somente regras estúpidas dos homens.

Cristo reivindica Sua autoridade

Dirigindo-Se aos fariseus, o Senhor Jesus não promoveu a violação do *Shabbath*, mas, sim das tradições religiosas infundadas dos fariseus.

Ao defender seus discípulos, o Senhor Jesus Cristo afirma sua autoridade como legislador, doador e intérprete da lei. Quando o nosso Senhor diz: “Porque o Filho do Homem é senhor do sábado [Shabbath]”, ele declara seu relacionamento ímpar com a lei. Ele reivindica autoridade absoluta para interpretar o que deve ser feito no Shabbath e, consequentemente, o direito de derrubar a cerca posta pela tradição. Jesus se apropria do título “Filho do Homem” de Daniel 7.13⁴⁰.

O título de “Filho do Homem” que o Senhor Jesus empregou a si, aponta tanto para a Sua obra de sofrimento quanto para Sua divindade. Por essa razão a expressão que se repete várias vezes nos Evangelhos, e que aparece aqui no v.5 “pois eu vos digo”, aponta para a Sua autoridade.

O argumento antissabatário de que Jesus havia revogado a Lei, não se sustenta pelas seguintes razões: primeiro, o próprio Senhor Jesus declarou “Não penseis que eu vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17). Em segundo lugar, se Ele tivesse revogado a Lei, teria pecado contra ela, e assim, teria sido desacreditado como o Messias e Redentor do Seu povo, não fazendo a vontade de Deus, coisa para a qual Ele foi designado (cf. Sl 40.6-8). E em terceiro lugar, em todo o capítulo 5 de Mateus, Jesus rejeita e refuta as falsas interpretações e acréscimos espúrios à Lei que fizeram os fariseus, e Se apresenta como o legislador, o intérprete e o executor da Sua própria Lei ao afirmar: “Porque o Filho do Homem é senhor do sábado” (v.8).

O Quarto Mandamento e o *Shabbath* são os temas mais ensinados por Jesus

É importante observarmos com que frequência o Senhor Jesus abordou esse tema. Em Seu ministério terreno (3 anos) Ele tratou com os judeus sobre a correta observância do *Shabbath* não menos que seis vezes. Dois outros evangelistas, Marcos e Lucas registraram o mesmo teor de Mt 12.1-8. Enquanto isso, sobre o Sexto Mandamento falou apenas uma vez, e três vezes sobre o Sétimo Mandamento. Joseph Pipa pergunta: “Se esse mandamento fosse revogável como se fosse uma simples lei cerimonial, por que os escritores dos Evangelhos deram tanta atenção a ele? Você se lembra de alguma lei cerimonial à qual Jesus tenha dado tanta atenção, procurando corrigir alguma prática errada?”, e então conclui: “Não, ele

⁴⁰ PIPA, 2021, p.85.

preparou o seu povo para a iminente abolição da lei cerimonial. Mas aqui ele retira o refugio, como legislador divino. Ele derruba a cerca e abre o 'parque' para que este possa ser usado apropriadamente pelos seus súditos"⁴¹.

II – Os princípios da piedade e necessidade

Tendo o Senhor Jesus Cristo, com Sua divina autoridade, expurgado o *Shabbath* de todos os acréscimos infundados dos fariseus em relação ao Dia do Senhor, estabeleceu os princípios da correta observância do *Shabbath* ensinando como devemos fazer aquelas coisas que têm como propósito contribuir para os objetivos de Deus para o Seu Dia.

Encontramos na defesa que Ele fez dos Seus discípulos os argumentos bíblicos desses princípios de piedade e necessidade.

Argumento histórico – podemos fazer as coisa que nos fortalecem para a obra do Senhor

⁴³ Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? ⁴ Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?" (Mt 12.3-4).

Em 1Sm 21.1-6 encontramos o ocorrido com Davi e seus companheiros que fugiam de Saul, depois que este ameaçou-os de morte. Não tendo o que comer e nem armas para lutar por ter saído às pressas, Davi buscou abrigo junto aos sacerdotes em Nob. Mas, o único alimento de que dispunham os sacerdotes eram os 12 pães da proposição, colocados semanalmente sobre a mesa do lugar santo do tabernáculo, que serviam como um memorial de que Deus estava em comunhão com Seu povo. No *Shabbath* semanal, esses pães eram trocados por novos, sendo os pães velhos entregues aos sacerdotes para servirem de alimento a eles. Mas, somente os sacerdotes poderiam comer desses pães (cf. Lv 24.5-9). Como esses eram os únicos pães ali, foram dados a Davi.

É importante destacar aqui que esses pães eram substituídos no *Shabbath*, o que nos leva a crer que o ocorrido aqui se deu nesse dia. Outro fato, é que Davi era o ungido de Deus para ser rei de Israel, e Jesus, o Ungido de Deus para salvar o Seu povo, ou seja, ambos estavam a serviço de Deus. Joseph Pipa comenta⁴²:

Nesse caso, Jesus argumenta do *menos para o mais* importante. Ele dá a entender que, se foi apropriado violar uma lei cerimonial que o ungido do Senhor estava a serviço do Senhor no *Shabbath*, então certamente o Ungido e seus discípulos poderiam quebrar uma lei criada pelos homens enquanto faziam o serviço do Senhor no *Shabbath*. **A partir desse primeiro argumento, Jesus ensina que, no *Shabbath*, podemos fazer as coisas que nos fortalecem para a obra do Senhor** (Grifo é meu).

Argumento legal – o legalismo é a mais vil violação da Lei

⁴⁵ Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: ⁶ aqui está quem é maior que o templo" (v.5-6).

O Senhor Jesus extrai o segundo argumento da própria Lei, do texto de Lv 28.9-10, onde encontramos as prescrições para os sacerdotes. O *Shabbath* era o dia de trabalho mais intenso para os sacerdotes. Todos os sacrifícios, a limpeza do tabernáculo, das roupas sacerdotais, o funcionamento do tabernáculo, a manutenção das lâmpadas acesas, a troca dos pães da proposição, e muitos outros trabalhos deveriam ser realizados a fim de que o culto a Deus pudesse ser realizado. E apesar de todo esse trabalho no *Shabbath*, os sacerdotes não eram culpados de violarem o Dia do Senhor, porque o que eles faziam era necessário para que algo maior (o serviço de culto a Deus) acontecesse.

⁴¹ PIPA, 2021, p.88.

⁴² *Ibid*, p.90.

Novamente, o Senhor Jesus parte do *menor para o maior* porque Ele "...é maior que o templo" (v.6), ou seja, em Jesus todas as coisas do Antigo Testamento encontram o seu cumprimento, tal como o templo, pois foram apenas um *tipo* Dele (cf. Jo 1.14 e Ap 21.3).

O legalismo é violação da Lei de Deus a qual os legalistas tanto afirmam cumprir. O legalismo é o esforço humano para alcançar o favor de Deus pelos próprios méritos e não por Sua graça. Para isso, os legalistas entulham de normas e elementos a Lei de Deus. O que parece ser um ato piedoso de um coração que quer agradar a Deus, é, na verdade, expressão da mais sórdida arrogância como que dizendo para Deus: "*A Tua Lei precisa ser melhorada; ela não é suficientemente boa. Eu tenho coisas a acrescentar a ela para melhorá-la*".

Novamente, o que se vê aqui é Cristo quebrando e destruindo os acréscimos legalistas enquanto cumpria e guardava a Lei de Deus corretamente.

Argumento final – a Lei no coração e o coração na Lei

O Senhor Jesus afirmou: "Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes" (Mt 12.7). Recorrendo ao profeta Oséias, que disse: "6 Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (Os 6.6). O argumento de Cristo aqui é: Deus não procura para Si adoradores ritualistas, presos a um cerimonialismo frio e hipócrita. Ele busca para Si adoradores que o adorem em espírito e em verdade (cf. Jo 4.23-24). Essa adoração revela o verdadeiro amor por Deus e pelo próximo.

Os fariseus estavam longe de fazerem a vontade de Deus e de observarem o *Shabbath* como alegavam ser os únicos que faziam. Eram violadores da Lei, arrogantes e presunçosos fazendo acréscimos pecaminosos à Lei, eram sem misericórdia para com as pessoas, pois, quando deveriam estar conduzindo os aflitos a Deus, punham fardos pesados sobre eles impedindo-os de se aproximarem de Deus.

Com base nessa passagem podemos afirmar o **princípio das obras de necessidade no Dia do Senhor**, ou seja, podemos realizar aquelas obras que são necessárias para a correta observância do *Shabbath* da forma como Deus nos ordena. Os nossos Símbolos de Fé caminham nessa direção (vide CFW XXXI-8; CMW p.117; BCW p.60). Todas as obras de piedade (culto, adoração e devoção), necessidade (alimentação, higiene, preservação da vida) e misericórdia (socorro a um irmão necessitado, assistência a um enfermo).

III – Os objetivos do dia de *Shabbath*

Com base no que Deus fez ao estabelecer o *Shabbath* (cessou sua obra da criação; deleitou-se na contemplação da Sua obra terminada; e, prometeu o descanso da vida eterna), temos três objetivos: cessar o trabalho, deleitar na beleza da pessoa e obra de Cristo e, vislumbrar o descanso eterno.

Joseph Pipa afirma⁴³:

Por isso, no *Shabbath*, nosso dever é cessar os nossos trabalhos e recreações ordinários para que possamos contemplar com deleite e renovar nosso ser pela beleza do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador, em gratidão pela sua obra consumada e o descanso que ele nos proporcionou. Devotamo-nos ao culto público e privado, à comunhão e serviço fraternal, a fim de nos fortalecermos, fazer progredir seu Reino, e desfrutar de um prenúncio do descanso celeste com ele. Tudo que fazemos precisa ser examinado à luz desses propósitos.

Para atingirmos os objetivos e propósitos do Dia do Senhor, muitos de nós teremos que executar obras de necessidade que exigirão de nós trabalho. Por exemplo: os diáconos abrindo o templo e preparando as acomodações para o culto, a preparação dos elementos da Ceia do Senhor, a

⁴³ PIPA, 2021, p. 92.

manutenção imediata de algum equipamento necessário para o funcionamento do culto; o pastor e os professores da Escola Dominical que, mesmo tendo preparado previamente o sermão e a aula, terão de transmiti-los à Congregação, o que exigirá trabalho da parte deles; os pais devem providenciar tudo o que seus filhos pequenos necessitam para estar no culto público ou em casa. Claro que tudo o que puder ser feito no dia anterior como preparação será muito melhor. Por isso, devemos entender que todos os outros seis dias da semana que Deus nos concede para realizarmos nossos afazeres, devem ser vividos da perspectiva do Dia do Senhor. Essa preparação começa já na segunda-feira, quando vamos aproveitando e otimizando nosso tempo, de forma que nada previsível e cotidiano venha nos atrapalhar de celebrarmos todo o Dia do Senhor da maneira que é agradável a Ele. Devemos nos perguntar o tempo todo: *“Essa atitude e atividade honram a Deus e contribuem para que eu possa me dedicar completamente a Deus no Shabbath e deleitar-me nele?”*.

IV – Duas cautelas

Neste ponto, quando consideramos se tal ato é ou não uma “obra de necessidade”, devemos tomar cuidado para não cometermos dois pecados muito comuns.

O primeiro pecado a ser considerado aqui é o de violarmos uma lei moral de Deus na justificativa de que estamos cumprindo outro princípio dado por Deus. É o tal do “mal menor”. Por exemplo: uma família de missionários se escondendo de uma tribo de canibais, para não serem pegos, decidem matar o bebezinho que está chorando. Tal ato seria errado, pois, para preservarem a própria vida, sacrificariam o mais indefeso deles. Aplicando isso ao Quarto Mandamento, seria como se você fosse convidado por seu vizinho incrédulo a fazer um passeio com ele no Dia do Senhor. Então você racionaliza da seguinte forma: *“Se eu for com ele, não irei ao culto e não guardarei o Dia do Senhor como deveria. Porém, estando com meu vizinho terei a oportunidade de falar-lhe do amor de Deus e evangelizá-lo”*. Essa “compensação” é uma forma de justificar um pecado. Você deve falar do amor de Deus e Evangelizar seu vizinho, inclusive mostrando-lhe que seu compromisso com Deus e obediência a Ele estão acima de tudo.

Considere ainda outro exemplo. Você tem os domingos de folga no seu trabalho, mas, esporadicamente, seu patrão pede que faça hora extra no Domingo. Então você pensa: *“Se eu lhe disser que não irei porque é o Dia do Senhor, e eu estaria desobedecendo a Deus, posso ser demitido, e, desempregado, passarei por necessidades, às quais a Igreja me ajudará a suprir, mas, eu estaria tirando de outro irmão mais necessitado que eu. Então atenderei ao meu patrão”*. É claro que tal situação foge da sua competência, e você deverá atender ao seu patrão. Porém, você dialogar com ele e propor fazer essas horas extras após o expediente de cada dia, ou num feriado, pois, o Domingo para você é sagrado. Se ele o atender, muito bem. Se, não, então você deve considerar um outro emprego que não lhe impeça de obedecer a Deus.

O segundo pecado a ser considerado e evitado é o de considerarmos uma coisa qualquer como sendo uma obra de necessidade que dever ser realizada no Dia do Senhor. Em outras palavras, temos a tendência de considerar como “necessário” algo que é da nossa vontade, e com isso quebrarmos o Quarto Mandamento com muita facilidade. Somos proibidos por Deus de trabalharmos e de fazer outros trabalhos no Domingo. Veja este exemplo: Domingo pela manhã, abro a geladeira para pegar o leite para tomar o café da manhã a fim de vir para o culto. Constatando então que não tenho leite porque fui negligente durante a semana em providenciar o necessário para o Shabbath. Vou à padaria comprar? Não. Tomo meu café sem leite, pois, ainda que não seja minha culpa que o comércio funcione aos Domingos, não devo contribuir para que isso continue. Mas, e se eu estiver em outra cidade num hotel no Domingo, preciso fazer uma refeição para ir à uma Igreja ali perto e cultuar a Deus. Então deverei usar os serviços do hotel. Mas, cuidado para não flexibilizar demais o que é necessário, e expandir seu sentido caindo em pecado!

V – O exercício da misericórdia

Em Mt 12.9-14, vemos o Senhor Jesus numa sinagoga, como zeloso cumpridor da Lei que Ele era, num dia de *Shabbath*. Ali, novamente os fariseus vieram perturbar. Estava ali também um homem da mão ressequida, ao qual Cristo curou, pelo que foi censurado pelos fariseus. O Senhor Jesus habilmente, mostrou a hipocrisia deles quando eles o censuraram por curar no sábado, enquanto eles cuidavam das coisas que lhe eram interessantes, como socorrer algum de seus animais que estivesse em perigo no dia do *Shabbath*. Quem tem o poder para curar enfermos, senão Deus? Logo ao curar aquele homem Cristo estava mostrando sua autoridade e poder divinos. Eles não somente estavam questionando a suposta quebra do Quarto Mandamento, mas, estavam questionando a autoridade divina de Cristo. Novamente, aqui, Cristo não revogou a Lei, mas, condenou os acréscimos sem sentido que os fariseus fizeram a ela.

Observe que Cristo não os recriminou por socorrerem um animal que estivesse em perigo, pois, isso era moralmente exigido pela Lei. Vemos aqui é o princípio de que se está em nosso poder fazer o bem, devemos fazê-lo. Joseph Pipa afirma: “Portanto, se alguém tem a oportunidade, dentro de sua vocação e circunstâncias, de salvar uma vida, mas recusa fazê-lo, peca”⁴⁴. Por isso, fazer o que é moralmente exigido de nós no Dia do Senhor, não é pecado.

Três princípios relacionados ao exercício da misericórdia que extraímos de Mt 12.9-14, são:

- ✓ O *Shabbath* é um dia para fazer aquelas coisas que conservam a vida e promovem o bem-estar do próximo;
- ✓ O *Shabbath* é o dia em que se deve fazer o bem espiritual ao nosso próximo;
- ✓ Podemos fazer as coisas que são necessárias para a preservação da sociedade como um todo.

Devemos promover o bem físico e espiritual do nosso próximo. Por “bem físico” nos referimos ao alívio de uma dor ou sofrimento, por exemplo, socorrendo-o levando-o ao hospital; por “bem espiritual” pensamos aqui naquelas situações em que não somente não atrapalhamos as pessoas de estarem na Casa de Deus para adorá-Lo, como principalmente, contribuimos para que elas consigam estar lá (o caso dos garçons que trabalham no Domingo). Outro exemplo de “bem espiritual” é a pregação do Evangelho. O *Shabbath* é o dia mais apropriado para essa gloriosa tarefa.

Conclusão

O Senhor Jesus não nos deu uma lista de “pode e não pode” em relação ao *Shabbath*. Antes, Ele nos deixou um princípio para nortear nossas ações, e o princípio é: *isto é necessário para promover os propósitos do Dia do Senhor?* Se algo for indispensável ser feito no Dia do Senhor, a fim de me ajudar a atingir os três objetivos deste Santo Dia (cessar o trabalho, deleitar na beleza da pessoa e obra de Cristo e, vislumbrar o descanso eterno), então devo fazer, do contrário, não devo.

Refleta sobre...

Tenho me dedicado a deixar tudo ordenado e organizado durante a semana para que nada me atrapalhe de guardar o Dia do Senhor realizando coisas que eu não deveria realizar neste dia?

Tenho justificado a quebra do Quarto Mandamento argumentando que as coisas que eu faço no Dia do Senhor não são pecaminosas, mas necessárias, mesmo sabendo que estou desobedecendo a Deus, e que essas coisas deveriam ser deixadas para os outros dias da semana?

Quais ações devo tomar durante a semana para guardar o Dia do Senhor desimpedidamente?

As ações que realizo no *Shabbath* têm promovido a glória de Deus e o bem físico e espiritual do meu próximo?

⁴⁴ PIPA, 2021, p.101.

O DIA DO SENHOR

A Mudança do Dia do Senhor do Sétimo para o Primeiro Dia

Capítulos 7 e 8

Propósitos desta lição

- 1- Enfatizar os quatro princípios de interpretação bíblica destacados nessa lição (a Bíblia explica a Bíblia; a Bíblia não se contradiz, mas, se complementa; a unidade das Escrituras; e, onde a Bíblia fala, obedecemos, mas, onde ela se cala, nos calamos), ressaltando este último como um princípio estritamente reformado.
- 2- Explicar como se deu a mudança do Dia do *Shabbath* que na Antiga Aliança era no sétimo de dia da semana, para o primeiro dia da semana na Nova Aliança;
- 3- Rebater dois ensinamentos errados: a) que Paulo ensinou a não obrigatoriedade da observância do dia de *Shabbath*, b) que o Novo Testamento nada fala sobre a mudança do *Shabbath* do sétimo para o primeiro dia da semana;

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 6 “O dia mudou; a obrigação não” e o Capítulo 8 “O *Shabbath* do primeiro dia” (PIPA, 2021, p.111-149).

Introdução

Nesta lição trataremos de quatro textos bíblicos que nos mostrarão toda a base bíblica e teológica referente a mudança do Dia do Senhor, o *Shabbath* do sétimo para o primeiro dia da semana. Antes de estudarmos essas passagens bíblicas, é importante falarmos sobre um dos princípios hermenêuticos (interpretação bíblica) adotados pelo Aliancismo (sistema de interpretação que as Igrejas Reformadas adotam)⁴⁵.

Há vários princípios hermenêuticos no Aliancismo, mas destacaremos apenas estes aqui:

1. **A Bíblia explica a Bíblia** – se uma doutrina numa passagem bíblica não for clara o suficiente, devemos recorrer a outras passagens bíblicas que tratam do assunto com mais clareza para assim encontrarmos a interpretação correta.
2. **A Bíblia não se contradiz, mas se complementa** – duas ou mais passagens bíblicas não podem trazer afirmações diferentes sobre uma mesma doutrina; elas podem se complementar, mas, nunca se contradizem.
3. **A unidade das Escrituras** – este princípio aponta para o fato de que o Antigo e Novo Testamentos são uma só Escritura, igualmente inspirados pelo Espírito Santo, e, por isso, têm a mesma autoridade sobre nós.
4. **O que a Bíblia fala, obedecemos, mas, sobre o que ela se cala, nos calamos** – se a Bíblia nada fala sobre um determinado assunto, não temos autorização para fazermos o que bem quisermos. Logo, todo o nosso proceder tem como base o que a Bíblia diz.

Muitos entendem e ensinam que o Antigo Testamento não é mais normativo para nós porque Cristo, na Nova Aliança, cumpriu todas as exigências da Antiga Aliança. Para essas pessoas, somente o Novo Testamento é normativo. Não concordamos com isso.

Esses princípios hermenêuticos nos impedem de cometer tão grosseiro erro. Eles apontam para uma verdade muito importante para o nosso assunto aqui. **Tudo o que nos é ordenado pelo Antigo Testamento continua válido para nós se o Novo Testamento não o revogar.** Se algum princípio foi dado no Antigo Testamento, mas, o Novo Testamento nada fala alterando (acrescentando ou revogando), então permanece normativo para nós. Num gráfico explicamos assim:

⁴⁵ Muitas igrejas que se dizem reformadas não são aliancistas, logo, não são reformadas, pois, somente as que são aliancistas são reformadas de fato.

Se o AT ordena	E o NT reafirma sem acréscimos	Então continua sendo norma
Se o AT ordena	E o NT acrescenta e amplia	Então continua sendo norma
Se o AT ordena	E o NT se silencia	Então continua sendo norma conforme o AT
Se o AT ordena	E o NT revoga	Então não é mais norma, não praticamos mais

Isso se aplica ao nosso assunto de duas formas. Primeiramente, Deus deu um mandamento referente à guarda do Seu Dia, o Quarto Mandamento. Por ser este mandamento uma Lei Moral, é perpétua. Vimos na lição 3 que o Quarto Mandamento mesmo sendo uma Lei Moral traz consigo aspecto de uma lei positiva que poderia sofrer mudanças quanto à sua forma, mas, nunca quanto ao seu conteúdo. A forma é o dia da semana em que o *Shabbath* é observado, o conteúdo é a sua perpétua e obrigatória observância como deleitoso Dia do Senhor. Uma vez que na Antiga Aliança, o *Shabbath* era o sétimo dia da semana apontando para o descanso eterno que Deus dará a Seu povo, na Nova Aliança, a Nova Criação (nova vida) em Cristo, o *Shabbath* cristão é celebrado no primeiro dia da semana, pois, foi neste dia que Cristo ressuscitou. Quando um adventista nos acusar de quebrarmos a Lei Moral, devemos dizer-lhe com muita veemência que guardamos o princípio da Lei Moral, a saber, observar o *Shabbath*, mas, em dia diferente porque o aspecto cerimonial do Quarto Mandamento foi cumprido em Cristo.

Em segundo lugar, por ter Deus nos dado uma Lei Moral cujo princípio é perpétuo (o Novo Testamento não retira de nós a obrigatoriedade do cumprimento deste Mandamento), mas, cujo aspecto cerimonial por ter sido cumprido em Cristo, a mudança para o primeiro dia da semana não constitui quebra do Mandamento, mas, sim, a correta observância do mesmo.

I – A obrigatoriedade da guarda do *Shabbath* nos dias do Novo Testamento continua

O que o apóstolo Paulo disse sobre o *Shabbath*? Três passagens das cartas de Paulo são tomadas para se afirmar que Paulo rejeitara a guarda do *Shabbath*. São elas: Rm 14.5-6; Gl 4.10-11, e, Cl 2.16-17. Mas, essa conclusão é, no mínimo, equivocada para não dizermos algo pior. Vejamos cada uma.

Romanos 14.5-6

⁵ Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. ⁶ Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz; e quem come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come para o Senhor não come e dá graças a Deus.

Gálatas 4.10-11

¹⁰ Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. ¹¹ Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco.

Colossenses 2.16-17

¹⁶ Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados,

¹⁷ porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo.

Os que se opõem à guarda do *Shabbath*, tomando essas passagens fazem duas alegações absurdas: a primeira que a igreja do Novo Testamento não é mais obrigada a guardar um dia especial para Deus, e a segunda alegação é que guardar um dia especial para Deus, hoje, é uma prática judaizante, farisaica. Conforme estes tais, as três passagens mencionadas afirmam a não obrigatoriedade da guarda do *Shabbath* para os cristãos. Dessas três passagens, a de Cl 2.16-17 é a que mais claramente fala sobre os “sábados” mais especificamente quando diz que eles foram “sombra das coisas que haviam de vir”.

Analisando cuidadosamente essas passagens em seus contextos, compreenderemos que Paulo anula a observância do *sétimo dia*, mas, não rejeita e revoga o princípio moral envolvido na lei do *Shabbath*.

Na carta aos Colossenses o apóstolo Paulo ataca veementemente ensinamentos heréticos que estavam sendo trazidos para dentro da Igreja. Essas heresias eram um híbrido que combinava o legalismo dos judaizantes⁴⁶ com uma filosofia ascética gnóstica⁴⁷ que em linhas gerais afirmava que tudo o que é matéria não presta e é corrompido pelo pecado, mas, somente o que é espiritual é bom. De um lado, os judaizantes negavam a autoridade e poder de Cristo, afirmando que somente o sacrifício de Cristo não bastava para salvar alguém; se alguém quisesse ser salvo por Cristo, deveria também praticar as obras do judaísmo (mais especificamente a circuncisão e as leis cerimoniais). Do outro lado, os ascéticos agnósticos negavam que Jesus se encarnou, mas, que fôra apenas uma emanção de Deus, através de um processo passando por vários seres divinos menores até se parecer um ser humano.

Desde os tempos eternos, Deus havia escolhido Seu Filho Jesus Cristo para por meio Dele Se revelar ao mundo. Deus haveria de Se revelar plenamente através de Cristo. Nos tempos do Antigo Testamento, todos os elementos do culto divino apontavam para a obra salvífica de Cristo. Deus usou cada um desses elementos cúticos para direcionar os olhos e a fé do Seu povo para o Seu Ungido. Quando Cristo veio ao mundo, a luz da Sua revelação projetou uma sombra sobre todos os elementos do Antigo Testamento. *“A luz da glória brilhava de tal maneira sobre o Cristo pré-encarnado que sua sombra cobriu os séculos por intermédio dos sacrifícios, do tabernáculo, do templo, do sacerdócio, das escolas de profetas, dos reis de Israel, das festas, das luas novas e dos dias de Shabbath”*⁴⁸.

No capítulo 1 de Colossenses, Paulo destrói o gnosticismo quando afirma:

1.9: há somente um verdadeiro e pleno conhecimento, e ele está em Cristo Jesus;

1.10-14: há somente uma verdadeira santidade e ela provém da obra de Cristo;

1.15-18: Cristo não é o resultado de um processo de passagem por vários seres divinos, mas, sim, “a imagem do Deus invisível”, o Criador e sustentador da criação; o cabeça da Igreja, o primogênito dos mortos, ou seja, o primeiro que foi ressuscitado em glória e recebeu corpo incorruptível;

1.19-20: Ele é o Deus pleno (segundo o gnosticismo, Pleroma era o deus supremo, mas aqui Paulo mostra que o Deus Supremo é Cristo);

1.21-23: Paulo os admoesta a que se firmem somente em Cristo, pois, só Ele é capaz de santificar verdadeiramente aqueles que Nele creem.

1.24-29: atacando o gnosticismo que alegava ser o detentor de um mistério que somente os seus iniciados poderiam alcançar, Paulo fala que o único mistério verdadeiro pelo qual os homens deve buscar, é aquele que Deus revelou em Cristo no Evangelho e o manifestou à Igreja.

No capítulo 2, Paulo continua mostrando a superioridade, autoridade e poder de Cristo:

2.1-3: mais uma vez ele rebate os gnósticos mostrando que Cristo é o mistério de Deus, e em Cristo estão todos os tesouros da sabedoria;

2.4-8; ele admoestou aos colossenses a não deixarem a verdadeira sabedoria de Cristo para seguirem a “raciocínios falazes”, mentirosos;

2.9: outro confronto direto ao gnosticismo quando ele diz que, corporalmente, isto é, no corpo de Cristo habita a plenitude da divindade; os gnósticos criam num deus pleno (Pleroma), e Paulo então lhes diz que o único Deus, verdadeiro, vivo e pleno é Jesus Cristo;

⁴⁶ Os judaizantes eram judeus que haviam abraçado a Fé Cristã sem deixarem os ensinamentos do judaísmo.

⁴⁷ O gnosticismo (do grego *gnoses* – conhecimento) é uma filosofia herética muito complexa e não temos tempo para explicá-la aqui. Apenas ressaltamos para fins de nosso assunto que, o gnosticismo pregava que a salvação era possível somente por meio da *gnoses* quando o indivíduo libertava do seu corpo o seu espírito para que este voltasse a se unir ao Pleroma, o seu deus maior. Atualmente, temos aqueles que se intitulam *agnósticos* afirmando que eles não tem o conhecimento das coisas espirituais e que não se importam em obtê-lo. São, na verdade, ateus.

⁴⁸ PIPA, 2021, p.118.

2.10-15: Paulo descreve os efeitos santos da nova vida que Cristo realizou no coração dos colossenses, os quais eram gentios, e

2.16-23: por serem gentios convertidos a Cristo, os colossenses (e outras comunidades cristãs gentílicas) estavam sendo pressionados pelos judaizantes a guardarem as normas e regras que eles haviam inventado.

Preste atenção aos v.16-23 do capítulo 2. Entre elementos que foram dados por Deus a Seu povo no Antigo Testamento, que deveriam ser observados, pois eram “sombras” da obra de Cristo, os judaizantes introduziram ordenanças inventadas por eles às quais Paulo, no v.8 chama de “...filosofia e vãs sutilezas, conforme a **tradição dos homens**, conforme os **rudimentos do mundo** e **não segundo Cristo**” (grifos são meus). Em 2.20 chama de “ordenanças” essas coisas inventadas pelos judaizantes, e nos v.21-23 apresenta uma lista delas: “²¹ não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo, ²² segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. ²³ Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade”.

Voltemos nossa atenção para a palavra “sábados” no v.16. Na primeira parte desse versículo, Paulo trata da questão que envolve comida e bebida. Os ascéticos gnósticos apresentavam uma longa lista de alimentos (comida e bebida) proibidos aos seus adeptos. Mas a Escritura é clara em dizer que cristãos gentios não têm impedimento algum em sua comida e bebida desde que não percam a moderação e recebam tudo com ações de graças (Sl 104.15; Mc 7.19; At 15.28-29; 1Tm 4.3-6). Na segunda parte do v.16 Paulo trata da questão dos “dias”. Joseph Pipa pergunta⁴⁹: “*Está Paulo anulando a observância do sábado [Shabbath] como tal, ou a observância do [Shabbath] sétimo dia juntamente com os outros dias cerimoniais?*”. A resposta está nos três termos que Paulo usa aqui: “dia de festa”, “lua nova” e “sábados” ou dias de descanso (Shabbaths). Joseph Pipa então complementa: “*Esses três termos são frequente e conjuntamente empregados no Antigo Testamento para descrever os vários dias cerimoniais que o povo de Deus era obrigado a observar*”. Veja por exemplo, 2Cr 31.2-3 e Ne10.32-33.

A expressão “dia de festa” utilizada por Paulo em Cl 2.16 refere-se às quatro grandes festas de Israel: a Páscoa, Festa dos Pães Asmos, a Festa do Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. Todas essas festas eram *Shabbaths*, dias santos de descanso. Assim, com essas três expressões “dia de festa”, “lua nova” e “sábados”, Paulo descreve os dias cerimoniais e os dias de *Shabbath* do Antigo Testamento, e deixa claro que o cristão não precisa mais cumprir essas obrigações, pois, todas elas eram “sombras” as quais se dissiparam quando Cristo veio e cumpriu toda a Lei.

Joseph Pipa afirma⁵⁰:

Essa instrução era necessária no período da transição da Antiga para a Nova Aliança. Muitos cristãos judeus continuavam a observar as festas e os dias especiais da Antiga Aliança. Embora não estivessem mais sob essa obrigação, visto que Cristo cumpriu o que essas festas celebravam, adoravam-no por meio delas. Durante esse período de transição, estavam livres para agir assim. Não foi exatamente isso que o apóstolo Paulo estava fazendo quando foi preso em Jerusalém (At 21.36). Antes, o apóstolo havia dito que desejava voltar a Jerusalém a tempo de celebrar a Festa de Pentecostes (At 20.16). Embora Pentecostes não fosse uma celebração cristã, durante o período de transição da adoração da Antiga para a Nova Aliança, os apóstolos e outros cristãos judeus observavam-no para celebrar a obra salvífica de Cristo. Da mesma forma, hoje, alguns judeus convertidos frequentemente ainda celebram a Páscoa em família para refletir sobre Cristo, o verdadeiro cordeiro Pascal.

⁴⁹ PIPA, 2021, p.115.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 117.

II – A mudança do *Shabbath* do sétimo para o primeiro dia da semana

As quatro festas judaicas mencionadas anteriormente são muito importantes para entendermos a razão de hoje guardarmos o *Shabbath* no primeiro e não no sétimo dia.

A Festa do Pentecostes relacionada à colheita, era sombra do derramamento do Espírito Santo e o ajuntamento das nações para o Senhor Jesus Cristo, a grande colheita.

A Festa da Lua Nova com seus sacrifícios apontava para a fidelidade de Deus em cumprir Seu pacto com o povo. Os ciclos lunares e das estações eram como que indicadores repetitivos lembrando o povo das promessas de Deus – Ele repetia e repetia Suas promessas até chegar a hora de cumpri-las. A principal promessa que Deus fez desde os dias de Adão foi a vinda do Seu Ungido, e, repetidamente Deus lembrava Seus filhos dessa promessa.

A festa da Páscoa com todos os seus elementos que faziam o povo lembrar da grande libertação que Ele promovera através de Moisés, na figura do cordeiro pascal também prefigurava Cristo como o santo Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo (Jo 1.29).

Enquanto isso, a Festa dos Tabernáculos e dos Pães Asmos estão estritamente relacionada à ressurreição de Cristo (1Co 15.23). Era dever do sacerdote retirar os pães da mesa da proposição os quais ficavam exatos sete dias ali. Eis a razão por que esses pães eram sem fermento (asmos), pois, deveriam durar uma semana. No primeiro dia da semana, então, deveriam ser substituídos novos pães (Lv 23.15-17). **No primeiro dia da semana, Cristo, o Pão da Vida ressuscitou com Seu novo corpo glorificado!**

De todos esses sinas do Antigo Testamento, o *Shabbath* semanal era o mais importante. Eles passavam a semana toda em seus trabalhos e afazeres, mas, no sétimo dia, no dia do *Shabbath* paravam tudo e alimentavam sua fé e esperança na vinda do Ungido, o verdadeiro doador do descanso. *“Quando finalmente o Messias chegou, ele verdadeiramente consumou o aspecto de sua obra expiatória concernente ao Shabbath do sétimo dia, ao ficar três dias no túmulo, sofrendo morte e sepultamento em lugar de seu povo. E quando ressurgiu no primeiro dia, entrou no seu descanso”*⁵¹.

A Igreja Cristã, desde o início deixou o sétimo dia como *Shabbath* e passou a celebra-lo do primeiro dia da semana, que foi o dia em que Cristo ressuscitou. Isso fica claro na admoestação que Paulo faz aos colossenses que estavam se deixando enredar pelas vãs sutilezas e tradições dos judaizantes que queriam que eles guardassem, entre outras coisas, o *Shabbath* no sétimo dia.

III – O *Shabbath* no primeiro dia – uma análise de Hb 4.9-10

Este capítulo da Carta aos Hebreus é de singular importância para entendermos a mudança do *Shabbath* do sétimo para o primeiro dia da semana, bem como o significado do Dia do Senhor.

4.1-2: aqui vemos o coração de um pastor preocupado com suas ovelhas em prepara-las para a morte, afinal esta é a principal tarefa de um pastor. Ele e os demais auxiliares (cf.13.7 e 17) temiam acontecer com os membros de sua igreja, o mesmo que aconteceu a Israel que apesar de ter recebido a promessa de Deus de entrar no descanso em Canaã, muitos foram impedidos de entrar na terra prometida porque não creram na promessa de Deus. O mesmo perigo rondava os crentes hebreus (e a nós também), a saber, não acolher com fé a promessa de Deus no tocante ao descanso eterno. Se isto acontecesse com eles estariam mostrando que haviam falhado não só em entrar no descanso eterno como em crer na promessa de Deus. As condições das promessas de Deus a Israel e à Igreja são exatamente as mesmas. Israel não fracassou porque estar em condições menos favoráveis que a Igreja – ele fracassou por causa da incredulidade. Muitos crentes, mesmo estando na Nova Aliança em Cristo, correm o risco de fracassar pelo mesmo motivo: incredulidade para com a Palavra de Deus.

⁵¹ PIPA, 2021, p.120.

4.3-4: As promessas de Deus se cumprem na vida daqueles que as recebem com fé; tal como aconteceu com Josué e Calebe, também acontece com a alma que descansa na promessa de Deus. Por isso mesmo é dito: “Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo. Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera” (v.3-4). Três verdades devem ser ressaltadas nestes versículos:

- a) A certeza do cumprimento da promessa do descanso eterno: Ele não diz: “Nós, porém, que cremos, entraremos no descanso”, mas sim “Nós, porém, que cremos, **entramos** no descanso” (grifo é meu). A promessa, se recebida com fé, hoje, produz a certeza da salvação, hoje.
- b) A promessa de Deus tem duplo efeito: Deus não somente promete salvar os que se achegam a Ele com fé; Ele também cumpre as Suas ameaças quando é provocado em Sua ira.
- c) O descanso eterno prefigurado no sétimo dia da criação: em Gn 2.1-3 não encontramos aquela demarcação de tempo que apareceu nos seis dias da criação “e houve tarde e manhã...”. Assim, o sétimo dia da criação é apresentado como um dia que não teve uma demarcação temporal (tarde e manhã), da mesma forma será o descanso eterno sem qualquer limitação ou interferência do tempo. Semelhante argumentação será usada em 5.6,10 onde ele dirá que Jesus é da “ordem de Melquisedeque”, o qual aparece na história como um sacerdote do Deus Altíssimo sendo pelo próprio Deus instituído, não vindo de linhagem alguma como os levitas que vieram da tribo de Levi.

4.5: Se porventura a incredulidade rondar os nossos corações, e viermos a indagar se Deus haverá de cumprir a Sua promessa tanto em dar o descanso eterno aos que crerem, quanto o sofrimento eterno aos incrédulos, basta vermos que o v.5 repete a citação feita no v.3 e isto para mostrar a seriedade da promessa e de Deus. A repetição é para enfatizar a seriedade.

4.6-9: devem ser entendidos juntos. O v.6 fala do fracasso de muitos israelitas que não creram na promessa de Deus, e, por isso, não entraram no descanso de Canaã. Então, “depois de muito tempo” (v.7), o rei Davi, inspirado pelo Espírito Santo, conclama o povo de Israel a não cair no mesmo erro de seus antepassados: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração”. O autor sagrado continua argumentando: “Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia” (v.8). O que está sendo dito aqui é que, se Deus tivesse dado aos corações dos israelitas todo o deleite e descanso de que seus corações necessitavam, a promessa de Deus teria se cumprido e não restaria nada mais dela para as futuras gerações. Por isso mesmo, muitos séculos depois, Davi vem falar-nos que ainda “resta um repouso para o povo de Deus” (v.9), e esse repouso é o descanso eterno, do qual o descanso no sétimo dia da criação e o *Shabbath* nos dias da conquista de Canaã são figuras.

4.10: encerra a resposta à primeira pergunta mostrando que todo aquele que entra no descanso eterno de Deus, o faz uma vez por todas (cf. 9.27), e ali desfrutará do que o descanso eterno tem de mais valioso: a presença de Deus. Tal como o sétimo dia da criação, o *Shabbath* nos dias do Antigo Testamento, hoje, o Domingo, o *Shabbath* Cristão, Dia do Senhor, é para nós “tipo”, um “modelo” do descanso eterno, ou seja, assim como no descanso eterno cessarão não só as nossas lutas e pesares, mas também os nossos pecados. Assim sendo, o Dia do Senhor, o Domingo deve ser vivenciado na mesma perspectiva da comunhão com Deus: um dia de deleite em Deus, de descanso não só das nossas atividades, mas, de dedicação exclusiva a Deus, afinal, é isto que faremos no descanso eterno.

Estabelecendo o Primeiro Dia da Semana como *Shabbath* Cristão

Voltemos nossa atenção para Hb 4.10: “Porque **aquele que entrou no descanso de Deus**, também ele mesmo **descansou de suas obras, como Deus das suas**” (grifo é meu).

Neste versículo temos a explicação e aplicação do v.9. Referindo-se a Jesus (“aquele que entrou no descanso de Deus...”), o escritor sagrado afirma a igualdade entre o Pai e o Filho não só em Sua divindade, mas, em Sua obra (“...também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas”). Após Sua obra na criação, Deus descansou no sétimo dia; o Senhor Jesus após Sua obra de salvação, descansou das Suas obras. Assim como o sétimo dia estava relacionado à primeira criação, o primeiro dia está relacionado à nova criação em Cristo Jesus (cf. 2Co 5.17), pois, é o dia da Sua ressurreição, e a ressurreição de Cristo é a base da nova vida do crente, a qual, acontece por meio de sua conversão e nova natureza tendo como objetivo a glória eterna, o descanso que ainda resta para o povo de Deus (cf. Hb 4.9).

Joseph Pipa comenta⁵²:

Essa compreensão estabelece um paralelo entre a obra de criação e a obra de redenção. Terminada a obra de criação, Deus descansou no sétimo dia para declarar sua obra completada, para se deleitar nessa obra, e para garantir o descanso eterno prometido a Adão no Pacto das Obras. Quando Adão violou o pacto, Deus renovou a promessa do descanso eterno por meio de um Redentor. O *Shabbath* do sétimo dia prefigura esse descanso. Deus, o Filho, descansou de sua obra de redenção no primeiro dia da semana como sinal de que sua obra tinha sido realizada objetivamente e que nada mais restava para ser feito. Na ressurreição, ele entrou no gozo de sua obra e confirmou que a vida eterna tinha sido comprada (Is 53.10-11; Hb 12.2).

IV – O AT e o primeiro dia da semana – Lv 23

Mas, o primeiro dia da semana é algo importante somente no Novo Testamento? Não. No Antigo Testamento ele já indicava que haveria de acontecer essa mudança. O texto de Lv 23 falando sobre a Festa dos Tabernáculos, diz:

23.3: o sétimo dia era o *Shabbath* semanal do povo.

23.6-8 No sétimo dia (que se iniciava às 18h da nossa sexta-feira) deveriam cessar todas as suas obras porque era “...o sábado do descanso solene...”. A semana iniciava com o primeiro dia (às 18h do nosso sábado), e Deus disse que o primeiro dia da semana após a Festa dos Tabernáculos deveria ser guardado: “No primeiro dia, tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis...”. O mesmo ocorria com o décimo quinto dia (primeiro dia da segunda semana),

23.10-22: Deus também instruíra ao povo em relação à Festa do Pentecostes relacionada à colheita. As ofertas que deveriam ser trazidas serviriam para o sustento dos sacerdotes.

23.23-32: O Senhor Deus estabeleceu o Dia da Expição (perdão), o qual era no décimo dia do sétimo mês. Este dia era um dos *Shabbaths* que Deus deu ao Seu povo. Cinco dias depois, no décimo quinto dia do sétimo mês, acontecia a Festa dos Tabernáculos.

23.33-36: O Senhor Deus estabeleceu a Festa do Tabernáculos: “Fala aos filhos de Israel, dizendo: **Aos quinze dias deste mês sétimo**, será a Festa dos Tabernáculos ao SENHOR, por sete dias. **Ao primeiro dia**, haverá santa convocação; nenhuma obra servil fareis. Sete dias oferecereis ofertas queimadas ao SENHOR; **ao dia oitavo**, tereis santa convocação e oferecereis ofertas queimadas ao SENHOR; é reunião solene, nenhuma obra servil fareis”. O “primeiro dia”, o “oitavo dia” e o “décimo quinto dia” eram todos o primeiro dia, e **todos esses dias eram *Shabbath***.

Cristo, o Pão Vivo que desceu do céu

Como já foi mostrado, no primeiro dia o sacerdote deveria trocar os doze pães que estavam sobre a mesa da proposição (cf. Lv 24.5), e substituídos por outros doze novos. Esse fato tem uma

⁵² PIPA, 2021, p.142.

relação especial com o Senhor Jesus Cristo, assim como todos os aspectos do tabernáculo, dos sacrifícios e do culto, nos tempos do Antigo Testamento.

É muito significativo que:

- a) O Filho de Deus, o Pão Vivo que desceu do céu tenha ressuscitado no primeiro dia da semana;
- b) Tenha aparecido ressurrecto naqueles quarenta dias sempre no primeiro dia da semana.

Joseph Pipa afirma⁵³: “A Igreja sempre reconheceu que a mudança do dia começou primeiramente, pelos aparecimentos do Cristo ressurreto no primeiro dia da semana, exatamente o dia no qual todos os seus aparecimentos registrados no Novo Testamento aconteceram”.

Conclusão

Aqueles que nos acusam de quebrar o Quarto Mandamento por guardarmos o primeiro e não o sétimo dia como Dia do Senhor, alegam que não temos um texto explícito no Novo Testamento que nos ordene a essa mudança. A CFW, Cap.1, §VI diz:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, **ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela** (Mc 6.5-7). À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens (Mt 15.6); reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na Palavra (Jo 6.45; 1Co 2.9,10,12), e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comum às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da Palavra, que sempre devem ser observadas (1Co 11.13,14) (grifo é meu).

Admitimos não haver um texto bíblico explícito que trate dessa mudança. Porém, por inferência, vemos que as Escrituras são harmônicas e claras com relação ao Dia do Senhor ser hoje o primeiro dia da semana. Tudo depende da correta interpretação do todo da Escrituras em vez de textos isolados.

Refleta sobre...

Como tenho interpretado as Escrituras? Isolo os textos ou os interpreta à luz do todo das Escrituras?

Quando olho para o Antigo Testamento o vejo como obsoleto e desnecessário para a minha fé, ou o tenho como a base para doutrinas neotestamentárias importantes?

Você se cala e nada acrescenta à sua prática de fé sobre o que a Bíblia se cala, ou não vê problemas em acrescentar conceitos e práticas quando ela nada diz sobre algum assunto?

⁵³ PIPA, 2021, p.146.

O DIA DO SENHOR

Capítulo 9

A História do Parque e Sua Utilidade

Propósitos desta lição

- 1- Mostrar como o Dia do Senhor foi tratado nos três grandes períodos da Igreja Cristã: na Igreja Primitiva e Patrística (séculos I ao VI), Igreja Medieval (séculos VI ao XVI) e Igreja Reformada (séculos XVI ao XVIII).
- 2- Abordar que em cada um desses períodos houve erros e acertos.
- 3- Que a tratativa dada pelos Puritanos ao assunto aponta para o princípio do Antigo Testamento de “um dia em sete”, tendo o primeiro dia da semana como o dia designado para o *Shabbath* Cristão, não ficando ao bel prazer das pessoas escolher qual seria esse dia.
- 4- O ponto central deste capítulo é mostrar que os cristãos (nem todos) distorceram o princípio de “um dia em sete”, afirmando que não precisamos mais guardar um dia específico (o primeiro dia da semana), mas, temos a liberdade para escolher qual dia consideraremos “do Senhor”. Ressaltamos que essa interpretação é equivocada, pois, não temos liberdade de escolher qual será considerado por nós “o Dia do Senhor”.
- 5- Outro equívoco a ser combatido nessa lição é o de que muitos cristãos (até mesmo reformados) anuíram ao pensamento e prática dos católicos romanos de considerarem outras datas do ano como “dias santos”. Na prática, a maioria dos crentes despreza o único dia verdadeiramente santo, o Domingo, fazendo o que não deve, e não fazendo o que foi ordenado por Deus, e, por desencargo de consciência ou hipocrisia mesmo, celebram os outros “dias santos” estabelecido pelos papistas. Enfatize que isso é um grave pecado.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 9 “A História do Parque e Sua Utilidade” (PIPA, 2021, p.151-180).

Introdução

Nesta lição veremos como no desenrolar da história da Igreja Cristã desde os dias subsequentes à ascensão de Cristo, o Dia do Senhor foi tratado. Veremos que vários equívocos foram cometidos a despeito da preocupação e zelo para com a guarda do Quarto Mandamento. Todas as vezes que homens sinceros desviaram seu olhar da Palavra de Deus acabaram por introduzir práticas e conceitos errôneos no seio da Igreja de Cristo. Infelizmente, muitos em nossos dias têm tomado como norma os erros da Igreja Cristã, e assim endossam seu próprio erro.

Dividiremos para fins do nosso estudo, em três períodos a História da Igreja Cristã: a Igreja Primitiva (século I ao VI), a Igreja Medieval (século VI ao XVI) e Igreja Reformada (século XVI ao XVIII).

I – A Igreja Primitiva e Patrística (século I ao VI)

Entre os anos 100 a 500 d.C., temos dois períodos da História da Igreja que são: a Igreja Primitiva (séc. I) e a Patrística (séculos II ao VI). O período da Igreja Primitiva também é conhecido por “era apostólica”, e o da Patrística é o período dos “pais da Igreja”, ou seja, dos grandes teólogos e seus legados teológicos deixados.

No primeiro século, a Igreja Primitiva usufruiu do ensino direto dos apóstolos, mas com o passar do tempo, fizeram-se necessárias as sistematizações e formulações teológicas, as quais eram as doutrinas bíblicas reunidas em tópicos para facilitar o estudo e compreensão delas. “A Bíblia não é um manual de teologia, e sim uma “coleção” de histórias, poesias, profecias e cartas. A Igreja tem a responsabilidade de investigar as Escrituras e sistematizar sua verdade”⁵⁴. Mas, essa sistematização nem sempre foi clara e assertada. Muitas vezes, erros teológicos foram cometidos, a despeito das melhores intenções de seus proponentes.

Veja por exemplo, o Dia do Senhor. Alguns afirmam que antes de Constantino (séc. IV), a Igreja Cristã não adotava o primeiro dia da semana como Dia do Senhor. Ainda outros afirmam que apesar dos cristãos se reunirem no primeiro dia para adorarem a Deus, eles não observavam esse dia nos padrões do Quatro Mandamento.

⁵⁴ PIPA, 2021, p.152.

Os primeiros cristãos eram judeus que entenderam a dispensação da Nova Aliança não como algo totalmente diferente da Antiga Aliança, mas, sim, como seu cumprimento. Em tese viam duas Alianças (a Antiga e a Nova), mas, na prática, viam uma só Aliança. Logo, assim como tantas outras doutrinas e práticas, a guarda do Dia do Senhor nos moldes do Quatro Mandamento continuou nos dias apostólicos, havendo mudado o dia (do sétimo para o primeiro), sem perder o princípio perpétuo do Mandamento (a observância de um dia inteiro em sete para descanso, adoração e serviço sagrado).

Como vimos na lição 7, havia um grupo promovendo um judaísmo pervertido, que entre outras coisas, exigia dos cristãos a guarda do sétimo dia. Um judaísmo supersticioso, legalista que negava a Cristo. Em função disso, os cristãos no seu empenho de romperem com quaisquer resquícios do judaísmo, fizeram aquilo que no dizer popular é conhecido como “em vez de jogar fora somente a água suja da banheira, eles jogaram a criança junto”. Joseph Pipa lembra que: *“Os cristãos primitivos pensavam erradamente que os judeus extraíam suas práticas do Antigo Testamento. Em sua controvérsia com os judeus, os cristãos repudiaram o Shabbath judaico porque o viam como parte do sistema cerimonial da Antiga Aliança. Portanto, muitas vezes depreciavam o Shabbath como parte de sua controvérsia com os judeus”*⁵⁵.

A seguir apresentamos falas de proeminentes líderes cristãos até o século VI a respeito do Dia do Senhor⁵⁶. É importante observar que não houve unidade entre eles. Enquanto uns afirmavam a guarda do *Shabbath* para os cristãos no primeiro dia da semana de conformidade com o princípio perpétuo do Quarto Mandamento, outros viam que o *Shabbath* foi cumprido em Cristo não sendo mais necessária a sua observância.

Inácio (cerca de 100 d.C.) deixa claro que não só guardavam o Dia do Senhor como o faziam no primeiro dia da semana:

Não sejam enredados por doutrinas estranhas ou por velhas fábulas que nenhum proveito trazem. Pois se estamos vivendo até agora conforme o judaísmo, confessamos então que não recebemos a graça [...]. Se aqueles que andaram em costumes antigos vieram agora para uma nova esperança, não mais vivendo para o *Shabbath*, mas para o Dia do Senhor, no qual também nossa vida surgiu por meio dele e de sua morte [...].⁷⁷

Tertuliano (c. 160-230 d.C.), em sua obra *Uma Resposta para os Judeus*, argumenta que o *Shabbath* era temporário e foi cumprido com a vinda de Cristo:

Portanto, visto ser manifesto que um *Shabbath* temporal foi apresentado, e um *Shabbath* eterno predito; uma circuncisão carnal predita, e uma circuncisão espiritual pré-indicada; [...] E, de fato, primeiro precisamos indagar se é esperado um doador da nova lei, e um herdeiro do novo testamento, e um sacerdote dos novos sacrifícios, e um purificador da nova circuncisão, e um guardador do *Shabbath* eterno, para suprimir a velha lei, e instituir o novo testamento, e oferecer os novos sacrifícios, e reprimir as antigas cerimônias, e suprimir a velha circuncisão juntamente com o próprio *Shabbath* [...].

Phillip Shaff afirma que os primeiros Pais da Igreja criam que o Dia do Senhor substituiu o *Shabbath* judaico. *“Os Pais não viam o domingo cristão como uma continuação, e sim como um substituto do Shabbath dos judeus, e o fundamentavam não tanto no Quarto Mandamento e no descanso primário de Deus na criação, ao qual o mandamento expressamente se refere, antes se baseavam na ressurreição de Cristo e na tradição apostólica”*.

Em outro momento, Tertuliano falando sobre o primeiro dia da semana como o Dia do Senhor disse:

⁵⁵ PIPA, 2021, p.153.

⁵⁶ Todas essas falas estão no livro “O Dia do Senhor” p.154 a 162.

E no dia chamado “domingo”, todos os que moram em cidades ou no campo se reúnem em um lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos [...]. Mas o domingo é o dia em que nós temos nossa assembleia comum, porque é o primeiro dia no qual Deus, tendo moldado as trevas e a matéria, fez o mundo; e o Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador, no mesmo dia ressurgiu dos mortos.

Na lição 7 vimos que o primeiro dia era também chamado de “Oitavo Dia” em referência ao dia imediato ao término da Festa dos Tabernáculos quando os pães da proposição já envelhecidos deveriam ser substituídos por novos. Em escritos como a *Didaquê* (um escrito catequético do começo século II) encontramos que os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana para celebrarem a Ceia do Senhor e o consideravam “o Dia do Senhor”.

Francis Nigel Lee falando sobre a Epístola de Barnabé que mesmo um escrito pseudoepígrafo registra como os cristãos se comportavam em relação ao Dia do Senhor, diz:

Sem falar no restante dessa epístola, o capítulo 15 é evidência marcante de que “o oitavo dia (isto é, domingo, conforme João 20.1,19 e 26) já estava sendo “guardado”, que o dia já possuía forte significado soteriológico e escatológico, e que já naquele tempo era considerado como memorial da ressurreição do Senhor (cf. João 20.1), e possivelmente de seus aparecimentos dominicais pós-ressurreição.

O termo *Shabbath* foi mudado para “Dia do Senhor” somente depois dos tempos de Constantino (início do século IV). Porém, o primeiro dia da semana, bem antes de Constantino já era considerado “o Dia do Senhor” pelos cristãos e indicado como o *Shabbath* dos cristãos.

Eusébio (c. 260-339), contemporâneo de Constantino, num comentário sobre o Salmo 92, mostra a relação do *Shabbath* do sétimo dia com o Dia do Senhor: “*A palavra mudou e transferiu a festa do Shabbath para o Dia do Senhor*”.

Orígenes (c. 185 a 254 d.C.) entendia que a guarda do Dia do senhor por parte do cristão deveria ser por meio da abstenção do trabalho e recreação:

Deixando a observância judaica do *Shabbath*, vejamos como o *Shabbath* deveria ser observado por um cristão [...]. No dia do *Shabbath*, deve-se abster de todo prazer mundano. Se você cessar, portanto, de toda obra secular [...] e não realizar nenhum trabalho, mas se entregar a exercícios espirituais, ir à igreja [...], se dedicar à leitura e instrução sacra, pensar em coisas celestiais, ser solícito quanto ao futuro, colocando o julgamento vindouro diante de seus olhos, não olhando para as coisas presentes e visíveis, mas para aquelas que são futuras e invisíveis, essa é a observância do *Shabbath* cristão.

Clemente (c. 150 a 215 d.C.), bispo de Alexandria e mentor de Orígenes falando sobre o Dia do Senhor não somente como algumas horas gastas em adoração, mas, como o dia todo sendo dedicado para esse mister, disse:

Homem e mulher (provavelmente marido e esposa) devem ir à igreja, decentemente vestidos, tranquilamente, acolhendo o silêncio, puros no corpo, puros no coração, aptos para orar a Deus [...]. Mas agora não sei como as pessoas mudam suas modas e seus modos com o lugar [...]. Portanto, deixando a inspiração da reunião, após sua saída de lá, eles se tornam como outros com quem se associam [...] depois de ter prestado reverência ao discurso sobre Deus, eles deixam ali dentro (na igreja) o que ouviram. E lá fora se distraem tolamente com brincadeiras ímpias e cantoria de amadores, ficam ocupados com tocar flauta e dançar, e embriagar-se e todo tipo de lixo.

O autor da Segunda Epístola de Clemente (não confundir com Clemente de Alexandria), exortou seus leitores para uma observância fiel do dia:

E não aparentemos meramente crer e prestar atenção agora, enquanto somos exortados pelos Presbíteros, mas também quando chegarmos em casa lembremo-nos dos mandamentos do Senhor, e não nos deixemos desviar por cobiças mundanas, mas procuremos estar presentes aqui com maior frequência, e façamos progresso nos mandamentos do Senhor [...].

Nessa mesma época, Crisóstomo falando sobre guardar o dia todo e não somente algumas horas disse:

Pois não devemos, logo que nos retiramos da Comunhão, mergulharmos nos afazeres [...] inadequados à Comunhão, mas logo que chegarmos em casa devemos pegar nossa Bíblia e chamar nossa esposa e filhos para juntos somarmos o que ouvimos, e então, e não antes, nos ocuparmos com as atividades da vida [...]. Ao se retirarem da Comunhão, nada lhes deve parecer mais necessário do que juntarem as coisas que lhes foram ditas. Sim, pois seria tolice absurda, enquanto damos cinco ou seis dias às atividades da vida, não dar às coisas espirituais nem ao menos um dia, ou melhor, uma pequena parte de um dia [...]. Então tomemos nota como lei inalterável para nós mesmos, para nossa esposa e para nossos filhos, dedicar esse dia único da semana inteiramente para meditar e lembrar das coisas que ouvimos.

No século V houve um reavivamento da guarda do Dia do Senhor. O Quinto Concílio de Cartago (401 d.C.) decretou que nenhuma peça teatral fosse exibida no Domingo, e até mesmo entrou com uma petição ao imperador para que exhibições públicas fossem transferidas do Domingo para outros dias da semana.

O imperador Leão (469 d.C.) decretou:

Ordenamos, segundo o verdadeiro sentido do Espírito Santo, e dos apóstolos por ele dirigidos, que no sagrado dia em que nossa própria integridade foi restaurada, que todos descansem e cessem de trabalhar; que nem lavradores nem outros trabalhadores nesse dia coloquem a mão em trabalho proibido. Pois se os judeus reverenciaram tanto seus dias de *Shabbath*, que foram apenas uma sombra dos nossos, não devemos nós, que habitamos a luz e verdade da graça, honrar esse dia que o próprio Senhor honrou, e em que nos libertou da desonra e da morte? Não estamos nós na obrigação de conservá-lo ímpar e inviolável, contentando-nos com tão liberal concessão do descanso, e não transgredindo esse dia único que Deus escolheu para sua própria honra? Será que não é uma negligência irresponsável da religião, tornar justamente esse dia comum, e acharmos que podemos fazer nele tudo aquilo que fazemos nos demais?

Mas, infelizmente, a Igreja introduziu outros “dias santos” em seu calendário, e aos poucos, o santo Dia do Senhor, passando por uma observância legalista chegou a ser terrivelmente negligenciado pelos cristãos pelo fato de outros dias “santos” concorrerem com ele. E assim, chegamos à Idade Média.

II – A Igreja Medieval (século VI ao XVI)

Dentre muitas coisas que a História da Igreja Cristã nos ensina está o fato de que o Evangelho deve ser proclamado, ensinado e asseverado diante dos homens, mas, jamais ser imposto como algo obrigatório. Os grandes desvios e deformações da Igreja Cristã se deram justamente quando a Fé Cristã deixou de ser uma religião perseguida e passou a ser a religião oficial do império romano, fato que se deu em 380 d.C., através do Édito de Tessalônica promulgado pelo imperador Teodósio I. Este decreto estabeleceu o Cristianismo niceno como a religião única e obrigatória do estado. O

resultado disso foi que pagãos não convertidos se viram pressionados a se declararem cristãos. Aos poucos foi sendo introduzido na Igreja toda sorte de erro doutrinário e prática contrários ao Evangelho.

Um exemplo disso é o legalismo em torno do Dia do Senhor que foi imposto ao povo. Joseph Pipa afirma que por volta do ano 544, penalidades físicas foram prescritas para quem violasse o *Shabbath* – um escravo receberia cem açoites e um homem livre seria preso. Em 585, o Concílio de Macon decretava alegando “divina inspiração” que “a ira implacável do clero” seria imposta para um profanador do *Shabbath*, fosse ele livre ou escravo, com severos açoites; e essa decisão eclesiástica tinha o total apoio e execução do Estado⁵⁷.

Nem todo o esforço da Igreja foi suficiente para abrandar esse legalismo. Cada vez mais a Igreja se movia na direção de um *Shabbath* judaizante, impondo severas penalidades aos infratores. O efeito disso foi desastroso, pois, em vez de intensificar o zelo pelo Dia do Senhor, o que aconteceu foi justamente o contrário. Os cultos se tornaram frios e sem vida, nada interessantes e estimulantes espiritualmente falando. Um ritualismo mórbido promoveu o desinteresse das pessoas pela Igreja. Esta, por sua vez, na tentativa de atrair as pessoas, abriu suas dependências para todo tipo de balbúrdia. Quermesses, danças folclóricas, banquetes, jogos e toda sorte de bufonarias foram trazidos para seu pátio. E assim, o Dia do Senhor, para uns foi transformado num dia de folguedos carnavais e ímpios, e para outros, mais um dia de trabalho.

Até o século XII, Pedro Lombardo (1110 – 1160) trouxe uma interpretação dualista do Quarto Mandamento, uma literal (a observância judaica do sétimo dia), e outra alegórica (o cristão descansando do pecado). O efeito disso foi desastroso. Ele fez com que a autoridade do Dia do Senhor não fosse mais o Quarto Mandamento, mas, sim, a Igreja, e esta por sua vez, se viu livre para estipular qual dia da semana deveria ser designado como Dia do Senhor.

O papa Gregório IX (1227 – 1241) afirmou que embora o Dia do Senhor tivesse amparo no Antigo Testamento, era o papa quem tinha a autoridade para definir o domingo como “Dia do Senhor”, bem como quais dias seriam considerados “santos”.

O mesmo entendimento teve o papista Tomás de Aquino (1225 – 1274). Joseph Pipa afirma:

Embora sua posição fosse a de que permanece uma obrigação moral para o dia de descanso no Quarto Mandamento e que o domingo substituiu o dia de sábado como o *Shabbath* cristão, ele aboliu a exigência do Quarto Mandamento de um dia em sete e a autoridade do Novo Testamento com relação ao dia específico que deve ser observado. A posição de Tomás de Aquino tornou-se a posição oficial da Igreja Romana, e foi codificada no Concílio de Trento. Essa posição também influenciou alguns dos primeiros Reformadores.

III – A Igreja Reformada (século XVI ao XVII)

O início da Reforma foi um tempo um tanto complexo com relação ao *Shabbath*. Por isso, é equivocada a ideia que se tem que muitos reformadores rejeitaram o *Shabbath* e o princípio de “um dia em sete” como algo judaico.

Lutero afirmou que somente os apóstolos tinham autoridade para mudar do sétimo para o primeiro dia da semana o *Shabbath*.

Calvino foi acompanhado por um grupo de reformados em seu pensamento sobre o Quarto Mandamento, entendendo que o sétimo dia se relacionava com o aspecto cerimonial do Mandamento, e, por isso mesmo, o *Shabbath* pôde ser mudado para o primeiro dia. O entendimento de Calvino para com o Quarto Mandamento era de que este era tipológico, ou seja um tipo, uma prefiguração do descanso espiritual para o crente.

⁵⁷ Cf. PIPA, 2021, p.163.

A Confissão Helvética, por sua vez, também reforçou o princípio de “um dia em sete”, destacando o primeiro dia como o *Shabbath* do cristão:

Mas não toleramos aqui nem superstição nem a forma judaica da observância do dia. Pois não cremos que um dia seja mais santo do que outro, ou que o descanso em si agrade a Deus. Observamos o domingo, e não o sábado [*Shabbath*] judaico, como uma observância voluntária.

Todo o empenho dos reformadores quanto ao Dia do Senhor foi para expurgar as práticas judaizantes, os abusos da igreja de Roma e toda superstição que ela trouxe para o Domingo, e, principalmente, resgatarem o ideal bíblico de se ver o Dia do Senhor como “deleitoso” Nele. Eles também combateram as crendices católicas da salvação por obras, mostrando que a guarda do Domingo era um meio de graça (instrumento de santificação) e não um meio de salvação. Por isso entendiam que o Domingo deveria ser observado em adoração (pública e particular), e em serviços de misericórdia e socorro. Calvino disse:

O *Shabbath* deve ser como uma torre em que subimos e alçamos nossos olhos ao horizonte a fim de contemplar as obras de Deus. Deve ser um dia sem ocupações nem empecilhos terrenos, um dia de entregar nossas intelecções e faculdades mentais aos dons e graças que o Senhor nos proporcionou. E se nos dedicarmos com diligência a meditar nas coisas do Senhor no *Shabbath*, é certo que não seremos estranhos a este dia nem aos seus requisitos durante o tempo que nos resta; se assim procedermos, tenho por certo que na segunda-feira, bem como nos demais dias da semana, habitaremos seguros nas graciosas lembranças do dia em que fomos à casa de Deus. O *Shabbath* é nosso, para que nos dediquemos por completo ao Senhor, negando-nos a nós mesmos, negando nossos sentimentos e preterindo todas as nossas afeições. E, porquanto temos a ordenança externa de agirmos de acordo com o que haveremos de ser um dia, cabe a nós preterir todas as nossas ocupações e responsabilidades terrenas em favor de ficarmos completamente livres para meditar nas obras de Deus, exercitar-nos na meditação acerca dos dons e das graças do Senhor e, acima de tudo, dedicar-nos a fim de apreender a graça que nos é dada diariamente no Evangelho e a cada dia ser mais conformado ao seu senhorio. E depois de termos passado o *Shabbath* em adoração e louvores a Deus, meditando em suas obras e exaltando o seu nome, impera que, ao longo dos seis dias restantes, manifestemos de que forma aquelas santas horas nos trouxeram proveito e benefício.

Nem todos os reformadores seguiram Calvino no seu entendimento do Quarto Mandamento como tipológico (um descanso espiritual para o crente), mas, viam a exigência da observância perpétua de “um dia em sete”. Viret, amigo de Calvino disse⁵⁸:

Visto que temos de Deus todas as coisas que possuímos, alma, corpo e saúde, nada devemos fazer durante toda a nossa vida, senão aquilo que ele exige e pede de nós para a verdadeira e completa santificação do dia de descanso. Contudo, vemos que ele nos designa e permite seis dias para realizarmos nossos próprios afazeres, e dos sete ele reserva para si apenas um — como se ele se contentasse com a sétima parte do tempo que foi especialmente entregue e consagrado a ele, e que todo o restante seria nosso [...] Quanta ingratidão é, se ao ceder-nos seis partes das sete que lhe devemos, nós nem ao menos nos esforçamos com todas as nossas forças para lhe entregar a outra parte, que ele requer de nós, como sinal de nossa fidelidade e honra! [...] Visto que temos todos os demais dias da semana exceto esse para cuidar de nossas ocupações cotidianas, parece-me que temos em muito baixa estima o servir a Deus e ao ministério da Igreja, ao qual deveríamos atender mais diligentemente nesse dia do que em qualquer outro, se não podemos encontrar meios para empregar um dia completo da semana em coisas que Deus requer de nós nesse dia. Pois são de tal peso e consequência que devemos cuidar, de toda maneira possível, para que não apresentemos

⁵⁸ In PIPA, 2021, p.173.

nosso coração pela metade, mas que, sem distrações, nós mesmos e toda a nossa família possamos nos aplicar.

IV – O legado puritano (século XVI ao XX)

É dos Puritanos ingleses dos século XVI e XVII que herdamos toda a nossa teologia, e eles foram zelosos pelo Dia do Senhor. Reunindo todos os pontos conflitantes do pensamento dos reformadores, eles esclareceram e refinaram o pensamento dos reformadores ingleses tirando toda a ambiguidade que eles causaram ao Quarto Mandamento. Em linhas gerais, o pensamento dos reformadores ingleses pode ser observado nas palavras de Cranmer:

Mas, para nós, cristãos do Novo Testamento, não estamos presos a tais mandamentos das leis de Moisés sobre diferenças de tempos, dias e comidas, mas temos liberdade de usar outros dias para nossos dias de *Shabbath*, para neles ouvir a palavra de Deus e observar um descanso santo. E, portanto, para que essa liberdade cristã possa ser guardada e mantida, nós agora não guardamos mais o *Shabbath* do sétimo dia, como fazem os judeus, e sim observamos o domingo e outros determinados dias, conforme julgam conveniente os magistrados, a quem nesse item devemos obedecer.

Observe que eles afirmavam a guarda do Domingo como “Dia do Senhor” e até mesmo a observância do Quarto Mandamento em seu aspecto moral, entendendo que esse aspecto moral é permanente e deve ser cumprido pelo crente. O problema deles está em admitirem outros dias como “santos”, colocando esses em franca concorrência com o Dia do Senhor. Não tem sido essa a prática em nossos dias? Observe como muitos crentes passam o ano todo negligenciando o Dia do Senhor, fazendo nele o que não é permitido e deixando de fazer o que é ordenado por Deus, mas, quando chegam aqueles dias considerados “santos” pela igreja de Roma, tais como a Páscoa (e todos os dias a ela relacionados) e o Natal, há um misticismo por parte desses mesmos crentes adotando práticas de culto nesses dias, como que tentando compensar sua negligência para com o Dia do Senhor.

Os pais puritanos combateram esses erros em seus dias e deixaram precioso legado para seguirmos, o qual é encontrado nos Símbolos de Fé de Westminster, por exemplo. Na CFW consulte Cap. XIX e XXI; no CMW as perguntas 91 a 98 tratando da Lei Moral, e 115 a 121, e no Breve Catecismo de Westminster⁵⁹ das perguntas 57 a 62 tratando especificamente sobre o Quarto Mandamento.

O que ficou estabelecido no pensamento puritano foi que o aspecto moral (o dever de guardar o Dia do Senhor tal como prescrito no Decálogo) do Quarto Mandamento é perpétuo, e o princípio de “um dia em sete” tendo o primeiro dia da semana como o Dia do Senhor por causa da ressurreição de Cristo.

Até a primeira metade do século XX, as igrejas reformadas inglesas e escocesas adotaram o pensamento puritano. Batistas e metodistas ingleses, presbiterianos escoceses, por exemplo, adotaram o pensamento puritano. Porém, a partir da segunda metade do século XX, um declínio começou a ser constatado.

Joseph Pipa conclui:

Hoje muitos cristãos reformados estão “contemporizando” a questão do *Shabbath*, recorrendo a argumentos que foram consistentemente refutados ao longo de toda a história da Igreja. Enquanto, no papel, a maioria das denominações reformadas permanece comprometida com a doutrina da guarda do *Shabbath*, nos concílios eclesiásticos, no ensino e pregação de um número crescente de pastores presbiterianos e reformados, a verdade e os privilégios gloriosos dela estão sendo negados.

⁵⁹ Doravante BCW.

Mais uma vez, o parque está cheio de mato e desolado. Que, em nossos dias, Deus possa restaurar o parque por amor à sua Igreja.

Conclusão

Precisamos olhar para a História da Igreja e entendermos que em cada época o povo de Deus enfrentou erros e desvios, e venceu a todos eles quando voltou-se para a autoridade das Escrituras Sagradas, debruçando-se sobre ela para compreender a vontade de Deus em cada doutrina e prática.

Quando estudamos sobre o Dia do Senhor, constatamos que:

- ✓ Esse mandamento é perpétuo; ainda que em seu aspecto moral/positivo o dia mudou (do sétimo para o primeiro), em seu aspecto moral ele é perpétuo e, portanto, a sua obrigatoriedade em observá-lo jamais mudará;
- ✓ Temos 52 dias santos no ano, 52 domingos; os outros dias considerados “santos” pela igreja papista não passam de ajustes e “remendos” que ela fez na tentativa de segurar as pessoas em seu rol depois de ter cometido abusos moralistas e infundados punindo aqueles que não guardavam o Domingo. Por essa razão, o crente deve ser zeloso em guardar somente o Domingo com dia santo, consagrado a Deus tal como Ele assim requer de nós.

Refleta sobre...

Tenho observado com zelo o Dia do Senhor? Aguardo ansiosamente o Domingo para estar com meus irmãos adorando a Deus, e desfrutando de Sua pessoa durante todo esse dia? Todos os outros dias da minha semana são vividos da perspectiva e benefícios do Dia do Senhor?

Ou por não ser zeloso com o Dia do Senhor, me agarro a datas como a tal “Semana Santa”, “Corpus Christi” e Natal celebrando-os com toda a sinceridade do meu coração?

Se você ficou com a segunda opção, então é hora de rever se realmente você ama a Deus, pois, conforme Jesus, amamos a Ele se guardamos os Seus mandamentos. E se você não zela pela guarda do Dia do Senhor, mas, se deleita com datas inventadas pelos homens, você está mostrando a quem você está servindo.

O DIA DO SENHOR

Os Deveres Coletivos e Pessoais no do Shabbath

Capítulos 10 e 13

Propósitos desta lição

- 1- Mostrar que a principal atividade a realizarmos no Dia do Senhor é cultuá-Lo,
- 2- Que para essa adoração comunitária e solenemente com a Igreja devemos nos preparar tendo em mente a celebração das obras e atributos de Deus, a expectativa do descanso eterno, e a recreação divina do nosso ser;
- 3- Que essa adoração continua familiar e individualmente no Dia do Senhor.
- 4- Ressaltar o que devemos fazer no Dia do Senhor (vide as sugestões em “II – E depois do culto congregacional, como devemos passar o *Shabbath*?”).
- 5- Ao final dessa lição deverá ser ressaltado que a quebra do Quarto Mandamento será motivo de disciplina eclesiástica, para o bem da pessoa, para a pureza da Igreja e para a glória de Deus. A quebra desse mandamento é tão grave quanto a quebra de qualquer outro dos Dez Mandamentos.

Nota para o Professor:

Leia o Capítulo 10 “As obras do *Shabbath*”, Capítulo 11 “Deveres pessoais no *Shabbath*”, Capítulo 12 “Torne-o deleitoso”, e, Capítulo 13 (Planejamento antecipado) (PIPA, 2021, p.181-241).

*Fique atenção ao trocadilho “recreação” e “recriação”. O primeiro fala de diversões e distrações; o segundo, da obra que Cristo realização nos recriando (criando novamente) Nele para a glória de Deus.

Introdução

Até aqui vimos que a observância do *Shabbath* continua no Novo Testamento como Lei Moral de Deus para todas as pessoas. Deus nos deixou esse dia para que nos deleitemos em Sua pessoa, e por isso mesmo, tudo o que fizermos neste santo dia deve ter como objetivo a Sua glória. Vimos também que no decorrer dos séculos, a guarda do domingo sempre foi considerada importante, ainda que por vezes, exageros e até mesmo erros doutrinários surgiram no processo. Somente nas últimas décadas do século passado e do atual é que temos visto um desprezo cada vez mais acentuado para com o Dia do Senhor, inclusive por parte dos crentes.

Nesta lição faremos uma análise do Salmo 92 verificando que o mesmo trata do *Shabbath*, do qual extrairemos verdades esclarecedoras sobre as obras que devemos fazer neste dia, tanto congregacionalmente quanto no contexto familiar e pessoal. Também apresentaremos algumas sugestões de atividades para o Dia do Senhor após o momento de culto congregacional.

I – As obras do *Shabbath* e o culto congregacional – uma análise do Salmo 92

Este Salmo vem nos falar justamente sobre O Deleitoso Dia do Senhor. Embora não encontremos nenhuma menção ao quarto mandamento no corpo desse Salmo, a informação se encontra no seu título em hebraico: “Salmo. Cântico para o dia de sábado” (מְזִמֹּר שִׁיר לַיּוֹם הַשַּׁבָּת) deixa claro a finalidade dele. Allan Harman afirma que a LXX (versão grega do Antigo Testamento) designa outros salmos para cada dia da semana, sendo: 1º dia, o Sl 24, o 2º dia Sl 48, 3º dia Sl 82; 4º dia Sl 94; 5º dia Sl 81; 6º dia Sl 93, e 7º dia o Sl 92⁶⁰.

Devemos ter em nosso coração a verdade preciosa de que o Dia do Senhor é para ser vivido em adoração, devoção e contemplação do Seu maravilhoso ser e obras. **Por isso, o culto congregacional é a principal atividade desse dia.** Ele é tão importante que o escritor sagrado de Hebreus disse: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. **Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns;** antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima”. Observe que o contexto que estimula ao amor e às boas obras na vida do crente é o culto congregacional. Alguém pode alegar que o texto não está falando de culto, mas, de uma simples reunião, o que pode ser feito num churrasco, por exemplo. Mas, todo o conceito

⁶⁰ HARMAN, 2011, p.332.

de “congregar” para os judeus (lembre-se que essa carta foi escrita para judeus cristãos) referia-se ao ajuntamento solene para cultuar a Deus.

Destacamos aqui três características que o nosso culto a Deus deve ter:

Celebração comunitária do Ser e obras de Deus, Sl 92.1-3

“Deus nos deu esse dia para cessarmos o nosso trabalho e as atividades dos outros seis dias e nos unirmos com a comunidade pactual nessa declaração de sua bondade para conosco”⁶¹.

A adoração a Deus é o foco do Seu Dia. Tal como vemos na CFW, Cap. XXI – VIII, não só devemos cessar nossas atividades de trabalho e negócios ordinários da semana, como também devemos ocupar “todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e misericórdia”. E penso que esta é a razão pela qual muitos crentes quebram o quarto mandamento: perderam de vista a importância da adoração a Deus e o deleite que ela nos traz.

O salmista abre o Salmo com uma exultante declaração: “Bom é render graças ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo” (v.1). O que ele está dizendo é “Como é bom dar graças a Deus, e cantar hinos e canções em louvor à honra de Deus que é Aquele que está muito acima de todos!”. Esses são dois dos elementos essenciais do culto a Deus: **admiração** pelo Seu ser e **gratidão** por Sua misericórdia. Quando o coração queda admirado ante à glória de Deus não terá outra ação a não ser a de graças e louvores esufizantes.

O Dia do Senhor, ainda que tenha sido santificado por Ele para o descanso, não quer dizer que deva ser experienciado no ócio como se isso fosse aceitável a Deus. Em hipótese alguma! O Dia do Senhor deve ser ocupado tal como é dito no v.2: “anunciar de manhã a tua misericórdia e, durante as noites, a tua fidelidade”. Este dia deve ser iniciado com anúncios da misericórdia de Deus e encerrado com anúncios da Sua fidelidade. A “misericórdia” (חֶסֶד) e a “fidelidade” (אֱמוּנָה) são razões suficientes para que Ele seja adorado do começo ao fim do dia, e não apenas em momentos específicos.

Além de louvarmos a Deus o tempo todo, também devemos adorá-Lo com reverência e solenidade. Quando o salmista diz: “com instrumentos de dez cordas, com saltério e com a solenidade da harpa” (v.3), ele deixa claro que o emprego de instrumentos musicais no louvor a Deus deve ressaltar a solenidade e reverência. João Calvino via os instrumentos musicais como algo desnecessário por pertencerem à “infância da Igreja”, ou seja, por não terem ainda a revelação da pessoa do Messias, a Igreja tinha apenas as “Suas sombras”, tal como disse o autor de Hebreus (Hb 10.1). Em vindo o Senhor Jesus, todo o culto a Deus dispensa quaisquer outros elementos que não estejam relacionados com a Pessoa de Cristo. É fato que não encontramos nos instrumentos musicais nenhuma simbologia a respeito de Cristo tal como vemos na Ceia e na água do Batismo. Porém, podemos empregar a música e os instrumentos musicais na adoração a Deus adotando os seguintes critérios para que não sejam tropeços roubando a glória que é somente de Deus: (1) solenidade, pois, estamos louvando Àquele que é o Altíssimo; (2) serem um apoio ao louvor que brota de um coração que se deleita somente em Deus (ainda que não seja pecaminoso deleitar-se na música). Não há problema em empregar instrumentos no culto a Deus desde que estes critérios sejam observados.

Expectativa do descanso eterno enquanto descansamos das obras dessa vida, Sl 92.4-9

“o Dia do Senhor com seu culto é um prisma pelo qual a luz da glória de Deus se revela”⁶². O salmista continua reafirmando o fato de que o Dia do Senhor deve ser empregado no Seu louvor e adoração. Ele declara a Deus “Pois me alegraste, SENHOR, com os teus feitos; exultarei nas obras das tuas mãos” (v.4). Seu coração estava cheio da alegria advinda de Deus, a qual era resultado de contemplar os “feitos” e as “obras” de Deus. Calvino afirmou: “O que produz alegria em nossos corações é a exibição que Deus faz de si mesmo na qualidade de Pai e de sua profunda e vigilante preocupação por nosso bem-estar; como, em contrapartida, a causa de nossa brutal indiferença é nossa incapacidade de conhecer e saborear o propósito designado das obras de Deus”⁶³. Ou seja, somente quem foi salvo tem profundo deleite nas obras do Senhor Deus.

⁶¹ PIPA, 2021, p.185.

⁶² PIPA, 2021, p.185.

⁶³ CALVINO, 1999, vol.3, p.462.

As palavras do v.5 ecoam pelas Escrituras e são encontradas em Fp 2.13: “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. Deus é sábio em tudo o que faz, e todas as Suas obras revelam Sua sabedoria. As obras de Suas mãos revelam a Sua existência, a isso chamamos de Revelação Geral, a qual se deu tanto natural, isto é, por meio da natureza, quanto por meios sobrenaturais como anjos, visões, sonhos, etc. O aspecto sobrenatural da Revelação Geral, desde vinda de Cristo não é mais necessário; e a Criação, por mais bela, maravilhosa e impressionante que seja, ela quando muito pode nos mostrar a existência de um Ser sábio, mas não mais que isso. A sabedoria de Deus só pode ser revelada nós e conhecida por nós na Palavra e na pessoa de Jesus Cristo (cf. Hb 1.1-4), a isso chamamos de Revelação Especial, pois, somente nela encontramos tudo o que precisamos saber sobre Deus e Sua vontade para nós.

Os v.6-7 apresentam outro tipo de gente. O salmista chama tal pessoa de “O inepto” (בְּעֵר - וִיזִי - lit. o homem estúpido, brutal, insensato), pois, ele “não percebe isto: ainda que os ímpios brotam como a erva, e florescem todos os que praticam a iniquidade, nada obstante, serão destruídos para sempre”, em outras palavras, quando os ímpios, os que praticam a iniquidade (coisas vis carregadas de culpabilidade) estiverem crescendo e florescendo, mostrando ao mundo a sua pujança e ostentando sua vanglória, neste exato momento é que serão destruídos para sempre. Estes versículos nos lembram aquela parábola que o Senhor Jesus contou em Lc 12.16-20: “¹⁶ E lhes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância. ¹⁷ E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? ¹⁸ E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. ¹⁹ Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. ²⁰ Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? No momento em que ele pensava estar tranquilo por causa de suas muitas riquezas, ele foi chamado à eternidade deixando tudo para trás.

Assim acontece com todos os homens. Todos haverão de comparecer perante Aquele que é o “Altíssimo eternamente” (v.8). Deus não é apenas o Altíssimo sobre tudo e todos; Ele o é eternamente. Poderosos vêm e vão; ocupam altas posições por algum tempo, depois partem e deixam seu lugar para outro. Mas, Deus, não! Ele ocupa o Seu posto acima de todos por toda a eternidade, ininterruptamente. E é na presença deste Deus Altíssimo eternamente é que os Seus servos se deleitam em alegria e anseiam por comparecerem em Sua presença na Sua glória, enquanto, que, os ineptos vivem como se nunca houvessem de morrer, e por isso mesmo, postam-se como inimigos de Deus, avessos à Sua vontade. Mas, os inimigos de Deus “perecerão; serão dispersos todos os que praticam a iniquidade” (v.9).

“Um problema perene para o cristão é ver a prosperidade dos ímpios e as aflições persistentes dos crentes. Por que os maus tantas vezes passam incólumes enquanto os justos manquejam nesta vida? Para o salmista, o Shabbath e o culto corporativo nos capacitam a ver as coisas na perspectiva correta”⁶⁴, ou seja, sob a expectativa do juízo de Deus sobre os ímpios condenando-os eternamente enquanto estaremos com Ele eternamente no Seu descanso em glória.

Quando cessamos nossas atividades ordinárias e nos voltamos para Deus em adoração no Seu Dia e no Seu culto ao lado dos nossos irmãos, somos revigorados espiritualmente; não estamos sozinhos nos sofrimentos dessa vida, mas, ombreados por irmãos que também enfrentam suas lutas e mantém-se firmes na presença de Deus.

No Sl 73 reforça esse ensinamento. O salmista depois de quase tropeçar (apostatar da fé) ao ver que enquanto ele sofria mesmo sendo um piedoso servo de Deus, os ímpios logravam êxito em tudo o que faziam e pareciam ter vida sem problemas (v.4-12). Seu coração os invejava (v.3), e por isso, ele começou a questionar se valia mesmo a pena continuar fiel a Deus (v.13-16). Mas, quando ele entrou no santuário de Deus (v.17), ao recordar as obras de Deus e o Seu juízo, o salmista recobrou o sentido

⁶⁴ PIPA, 2021, p.188.

verdadeiro da vida. Assim aprendemos o quanto é importante estarmos na Casa de Deus em culto corporativo e solene. é contemplando a bondade, a fidelidade, a santidade e a grandeza de Deus que colocaremos nossa vida nos trilhos e não perderemos o rumo da glória eterna, onde estão os nossos verdadeiros descanso e prosperidade.

Recriação – a nova vida em Cristo, Sl 92.10-15

Fomos recriados em Cristo (cf. 2Co 5.17). Essa é a base que temos para cultuarmos a Deus no domingo como o Dia do Senhor e não no sábado, pois, foi no domingo que Cristo ressuscitou, e a Sua ressurreição aponta para a nova vida que Nele temos.

Nos versículos anteriores vimos como Deus trata os ineptos e inimigos. Nos versículos finais veremos como Deus trata aqueles que O amam.

Quem é o “justo” (v.12)? Seria aquele que anda em retidão na presença de Deus? Seria alguém que tem a justiça e a retidão de Deus como parâmetro para a sua vida? Certamente. Contudo, sabemos que é impossível alguém apresentar tal retidão e justiça em sua vida se Deus não o capacitar a tal, por meio do Seu Espírito Santo aplicando-lhe a nova vida em Cristo. Essa justiça não se trata apenas de ações corretas, mas, também de motivações corretas. O homem até pode realizar obras justas e corretas, mas, a retidão é muito mais do que obras realizadas; a retidão implica em um coração justo, ou seja, motivação e vontade justas de conformidade com a justiça de Deus. Isso é impossível sem o agir de Deus no coração do pecador. Sem o agir transformador de Deus no coração do homem, ele continuará um inepto.

Somente aquele cujo coração recebeu favores especiais da benevolência e graça de Deus descritos no v.10 pode louvá-Lo de fato. Este versículo traz alguma dificuldade em sua tradução. E para não nos delongarmos aqui, apenas afirmamos que o óleo da unção geralmente era posto dentro de chifres. Enquanto o óleo da unção simbolizava o Espírito Santo, os chifres nos tempos antigos, simbolizavam poder. Sabemos que somente quando o Espírito Santo habita no coração do convertido é que este consegue entender e discernir as coisas espirituais e é espiritualmente regenerado e salvo (cf. 1Co 2.6-16). Somente então é que tal pessoa desfruta das bênçãos da Justificação, e, portanto, torna-se justa aos olhos de Deus, pois, é revestida com a justiça de Cristo.

Este que foi justificado por Cristo vê e ouve Deus fazendo-lhe justiça contra as injustiças dos perversos contra si (v.11). Ele não faz justiça com suas próprias mãos, pois, mesmo tendo sido justificado por Cristo, sabe que não deve usurpar de Deus o direito que só Ele tem de vingar e fazer justiça (cf. Rm 12.19; Sl 94.1).

E porque ele confia em Deus que justificou e o faz andar em justiça e retidão, tem a certeza de que “florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano” (v.12). Enquanto os ímpios serão desarraigados, arrancados de seus lugares em que se achavam seguros, os justos serão “plantados na Casa do SENHOR, florescerão nos átrios do nosso Deus” (v.13). Allan Harman comenta: “A palmeira e o cedro do Líbano são usados aqui como símbolos dos justos. A palmeira é uma das árvores mais soberanas do Oriente Próximo, sendo amplamente usada, especialmente para sombra e alimento. O cedro do Líbano é uma árvore maciça, com um sistema de raízes vigorosas e um tronco forte, e por isso também pode ser usado como metáfora para o caráter de uma pessoa ou nação aos olhos de Deus”⁶⁵.

Ainda que a velhice chegue trazendo toda sua canseira e enfado (cf. Sl 90.10) o coração do servo de Deus produzirá frutos de justiça, tal como árvores cheias “de seiva e de verdor” (v.14). E quais serão os frutos que eles apresentarão? A resposta está no v.15: “para anunciar que o SENHOR é reto”. O principal fruto que um homem justificado por Deus pode apresentar é a proclamação jubilosa da obra que Deus realizou em seu coração. O final deste versículo “Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça”, é a constatação do salmista (e também deve ser a nossa) de que Deus não erra no exercício

⁶⁵ HARMAN, 2011, p.334.

da justiça, pois, sabe como castigar os ímpios, e recompensar os que Nele confiam, e fazem Dele a rocha de suas vidas.

A guarda do Dia do Senhor é um santo exercício preparando-nos para o descanso eterno. Somente aqueles que se deleitam na presença de Deus aqui, deleitar-se-ão lá na glória eterna também.

*“A **recreação** comum no Shabbath vai furtar de você a verdadeira **recriação** prometida. À medida que você se encontra sob os meios da graça, no meio do povo de Deus e na presença do Senhor Jesus Cristo, você florescerá”⁶⁶.*

II – E depois do culto congregacional, como devemos passar o *Shabbath*?

Esse é o ponto que causa toda a dificuldade para as pessoas quando ouvem falar sobre o Quarto Mandamento e o nosso dever em guarda-lo. A pergunta que surge é: “O que não é permitido fazer no Dia do Senhor?”. E assim, todo o deleite que deveria se desfrutar neste santo dia, transforma-se num fardo, num tédio. Apresentamos a seguir um princípio e sugestões para nos auxiliar nessa questão.

O princípio norteador

O princípio que deve reger nossas ações (ou impedi-las) deve ser a glória de Deus. Sempre que você estiver em dúvida sobre o que não fazer no Dia do Senhor responda a essa pergunta: **o que eu tenho diante de mim neste momento motiva-me e leva-me a deleitar ainda mais em Deus e nas obras de Suas mãos?** Ou seja, o que eu tenho diante de mim para fazer contribui de alguma forma para me preparar para cultuar a Deus e de me deleitar Nele ou me desvia desse santo propósito? Todas as nossas ações atividades no Dia do Senhor devem contribuir para a principal e mais importante atividade do Dia do Senhor, a saber, o culto solene e congregacional.

Seguem agora algumas sugestões de como devemos passar o Dia do Senhor, levando em consideração a realidade da nossa Igreja Presbiteriana da Vila Pinheiro em que todos os nossos trabalhos congregacionais do Dia do Senhor são realizados na parte da manhã (Escola Bíblica e Culto). Todas essas sugestões são adaptáveis a quaisquer outras realidades.

Prepare-se durante a semana

Joseph Pipa diz que “Se você se prepara devidamente para o Dia do Senhor, haverá menos tarefas caseiras para serem feitas no domingo”⁶⁷. Todas as nossas atividades da semana devem ser diligentemente realizadas e ordenadas para não atrapalharem nosso compromisso de cultuar a Deus com Sua Igreja.

O puritano Richard Steele, falando sobre as causas de distração no culto solene, disse⁶⁸:

A terceira causa de distração no culto é a falta de preparo antecipado. “Se dispuseres o coração e estenderes as mãos para Deus; se lançares para longe a iniquidade da tua mão e não permitires habitar na tua tenda a injustiça, então, levantarás o rosto sem mácula, estarás seguro e não temerás” (Jó 11.13-15). Primeiro, prepare o coração, depois, estenda as mãos. Quem não guarda seu pé quando entra na casa ou no serviço de Deus, é bem capaz de tropeçar e oferecer-lhe apenas o sacrifício de tolos. Quem não está apto para nenhum trabalho, necessariamente fica alheio a ele.

Não comece a se preparar minutos antes de vir para a Igreja, mas, durante a semana organize-se, não deixe nada que é importante a ser feito durante a semana para fazer no domingo, como por exemplo, a arrumação da sua casa. Muitas das nossas irmãs têm a tal “jornada dupla”, trabalham fora e ainda têm os trabalhos domésticos. Os maridos e os filhos devem cooperarem com as irmãs

⁶⁶ PIPA, 2021, p.196.

⁶⁷ PIPA, 2021, p.200.

⁶⁸ In PIPA, 2021, p.235.

(esposas e mães) nas tarefas domésticas, a fim de que no domingo elas possam também estar desimpedidas para cultivar. Uma “força-tarefa” para ajudar a mamãe no sábado deixando tudo pronto para o domingo para que se tenha o mínimo de trabalho e ela não seja estorvada em relação ao culto. É sabido que muitas irmãs deixam de estar aos domingos nos cultos porque têm que preparar o almoço para a família ou parentes que vêm visitá-las. De fato, esse é um assunto complicado, pois nenhum de nós gosta de parecer grosseiro e indelicado com aqueles que querem nos visitar. Mas, precisamos deixar bem claro às pessoas que o nosso compromisso com Deus é mais importante que tudo para nós.

Os estudantes devem planejar melhor suas agendas durante a semana e não usarem o Dia do Senhor para estudos. Se eles forem criteriosos com o uso do tempo durante a semana, certamente terão o tempo do Dia do Senhor livre para empregá-lo naquilo que agrada a Deus.

Antes dos compromissos congregacionais no Dia do Senhor

Nossa Igreja adotou a parte da manhã para realizarmos a Escola Bíblica e em seguida o Culto Congregacional. Antigamente era à noite. Mas, por compreendermos que devemos dar a Deus as primícias e não o resto do nosso tempo no Dia do Senhor, decidimos há alguns anos trazer tudo para a parte da manhã, de sorte que não somente devemos levantar cedo para estarmos aqui, mas, nos prepararmos para o tempo que passaremos aqui (alguns de nós chegam às 8 horas e ficam até por volta das 13 horas). Temos uma escala de lanche para ser servido no intervalo da Escola Bíblica e do Culto, e isso demanda algum trabalho. Os diáconos devem ser os primeiros a chegar e deixar tudo preparado para os trabalhos e quando temos a Ceia do Senhor e Batismo, eles devem preparar os elementos. Por tudo isso faz-se necessário a preparação e o levantar cedo.

Muitos alegam ser o domingo o dia em que eles podem ficar um pouco mais na cama, o que em dias frios é especialmente convidativo. Se quisermos dormir um pouco mais, então que sacrifiquemos o nosso sábado indo mais cedo para a cama em vez de roubarmos do Senhor o tempo que é Dele no domingo.

A sua preparação para o Dia do Senhor fará com que você esteja mais atento à pregação da Palavra, mais jubiloso e exultante quando cantar louvores ao Senhor, e mais fervoroso quando dirigir a Ele suas orações. **O descuido de muitos pelo Dia do Senhor se deve ao desinteresse deles pelo santo culto. E o desinteresse pelo culto é alimentado pelo pecado de quebrar o Quarto Mandamento.**

E após o culto congregacional? Estamos livres para aproveitar o restante do Dia do Senhor de qualquer forma?

Pensando ainda em nossa realidade (Igreja Presbiteriana da Vila Pinheiro), em que todos os nossos trabalhos congregacionais do domingo são realizados na parte da manhã, deixamos aqui algumas sugestões partindo do princípio de que **todas as ações e atividades devem contribuir para que eu me deleite cada vez mais em Deus no Seu dia.**

1ª Sugestão: cultive o hábito de meditar Palavra de Deus

Tudo começa depois do “Amém!”. Você ouviu a pregação da Palavra. Ao sair do templo, evite “jogar conversa fora” com assuntos que não fomentam piedade em seu coração. Lembre-se de Is 58.13: “Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, **nem falando palavras vãs**” (grifo é meu).

Estando à mesa do almoço, converse sobre o sermão. Faça perguntas como:

- O que você compreendeu do que foi pregado?
- O que em sua vida condiz com o que foi pregado, e o que não condiz?
- Como você efetuará as mudanças necessárias em sua vida com base no que você ouviu?
- Foi dito algo que você não compreendeu?

Elabore um roteiro de estudos com base no sermão. Solicite ao pastor o texto que ele produziu para o sermão para ajudar você nesse sentido. Todos os sermões pregados em nossa Igreja estão disponibilizados nas redes sociais. Assistir novamente ao sermão o ajudará muito na fixação da mensagem e na preparação desse roteiro de estudos.

Outra maneira relacionada à Palavra de Deus é adotarmos um plano de leitura da Bíblia. Geralmente, no começo de cada ano, as pessoas iniciam uma “maratona” de leitura da Bíblia tencionando completá-la até ao fim do ano. Porém, os afazeres durante a semana vão embolando o tempo e quando se percebe, a leitura da Bíblia foi negligenciada. Mas, o Dia do Senhor vem proporcionar para nós uma boa oportunidade de termos em dia a leitura da Bíblia. Duas ou três horas lendo a Bíblia de forma atenta e reflexiva, permitirá a leitura completa da mesma pelo menos uma vez por ano.

2ª Sugestão: cultive a hospitalidade intencional

As tardes de domingo são muito bem aproveitadas e edificantes quando abrimos as portas da nossa casa para outros irmãos. Há grande benefício para a manutenção da comunhão na prática da hospitalidade. Os vínculos entre os irmãos são estreitados.

Joseph Pipa fala sobre termos “conversas espirituais” com aqueles a quem recebemos em nosso lar. Tais conversas nos permitem compartilhar pedidos de oração e encorajamento; compartilharmos o que temos aprendido da Palavra de Deus.

Por isso, a hospitalidade devem ser intencional, ou seja, com objetivos sublimes de glorificarmos a Deus juntos e de mútua edificação. Isso fará com que os convites sejam devidamente planejados e não de surpresa, a carretando trabalho excessivo e inconveniente de ser feito no Dia do Senhor. Novamente ressaltamos aqui a preparação do que for possível no dia anterior para ficar somente o essencial no domingo.

Toda a família deverá contribuir com os preparativos que não têm como ser antecipados no sábado e precisam ser realizados no domingo. Isso evitará que as esposas se sobrecarreguem. Para evitar a sobrecarga da família hospedeira, a família convidada pode levar alguma refeição, e depois, na hora da limpeza, uma “força tarefa” deve ser montada, para que todos possam desfrutar da companhia um do outro e juntos se deleitem nas conversas espirituais e no ser de Deus.

3ª Sugestão: cultive as disciplinas da oração e jejum

Tire momentos da sua tarde de domingo para dedicar-se à **oração**. Se ficar por uma hora em oração lhe parecer difícil, distribua o tempo em vários períodos. Adote uma lista de pedidos oração. Distribua seus momentos de oração e em cada um ore por um grupo específico. Por exemplo:

- Primeiro momento de oração: ore pelos seus familiares, especialmente por aqueles que não são convertidos;
- Segundo momento de oração: ore pela Igreja de Cristo, especialmente pela nossa Igreja pedindo ao Senhor Jesus pelo crescimento espiritual de todos, pelos projetos da nossa Igreja, pelos enfermos, pelos missionários, pelos departamentos internos, pelo Conselho, pelos diáconos, etc.
- Terceiro momento de oração: ore pela nossa pátria, pelos governantes, pelas autoridades; ore também por outros países, especialmente aqueles em que nossos irmãos são severamente perseguidos por causa da Fé.

Ainda sobre a nossa Igreja especificamente, temos nossa reunião de oração todos os domingos às 20h no formato *online*. Participe!

Joseph Pipa afirma sobre a oração como preparação para o Dia do Senhor e para ouvir a pregação, o seguinte⁶⁹:

⁶⁹ PIPA, 2021, p.238.

Uma quarta parte da preparação é buscar a Deus sinceramente em oração para que ele ajude a cada um de nós e à congregação dos crentes na celebração do culto. Devemos estar orando durante a semana pelo pastor, enquanto ele se prepara, para que Deus lhe dê uma mensagem para o povo de Deus. Sabemos que se Deus não abrir o entendimento das Escrituras para o pastor, não haverá uma palavra para nós no culto. Além disso, devemos orar para que Deus prepare nosso coração e nossa mente para receber a mensagem. Devemos também orar durante a semana pela proclamação da Palavra, pedir que o pastor possa pregar no poder do Espírito Santo. Em nosso preparo mais imediato para o Dia do Senhor, devemos orar para que a Palavra de Deus seja pregada com grande poder (1Co 2.4); que o próprio Deus fale a nós e a cada pessoa na igreja por intermédio da pregação. Devemos orar para que Deus envie visitantes em cujo coração ele esteja trabalhando. Devemos orar ainda para que Deus use o culto e o sermão para chamar muitos à fé em Cristo (Rm 10.14, 15; 1Co 14.24, 25). Além de dedicar um tempo em oração particular, orem juntos, como família, antes de sair para a igreja, pedindo que Deus esteja indo a seu encontro e ao encontro de toda a congregação.

Além disso, precisamos orar pela ajuda do Espírito na adoração: que ele manifeste a nós a presença de Deus, que ele nos capacite a adorar com o coração; que ele guarde nossa mente de pensamentos dispersos. Ore também pelos que dirigem o culto para que o Espírito faça uso deles para nos conduzir à presença de Deus.

Também poderemos nos preparar, no sábado à noite ou domingo de manhã, meditando com oração sobre o texto bíblico sobre o qual o pastor vai pregar. Ore sobre o sentido do texto e a aplicação em sua vida. Se você tem crianças pequenas, leia o texto para elas, para que possam começar a pensar a respeito dele. Esse exercício nos capacitará a tirar maior proveito da pregação da Palavra.

Quanto ao **jejum**, o Dia do Senhor é um excelente dia para tal disciplina espiritual, pois, não temos serviços braçais para fazer, e estamos fisicamente mais aliviados dos nossos trabalhos semanais os quais atrapalhariam muito o jejum.

Em linhas gerais, o jejum é um ato de disciplinarmos nosso corpo não lhe dando alimento porque estamos buscando o alimento espiritual para o nosso coração. Jejum não é greve de fome para forçar Deus a nos dar o que queremos (até porque ninguém consegue forçar Deus a algo que Ele não queira fazer), mas, sim, um meio de intensificarmos nossa comunhão com Deus e fortalecer o nosso coração contra as tentações da carne.

4ª Sugestão: cultive o hábito da visitação

Você pode tirar parte do domingo para visitar algum irmão enfermo ou necessitado, que tem tido dificuldades de estar no culto congregacional. Pode visitar aquele irmão que se encontra afastado por estar vivendo em pecado (as pessoas estão em pecado porque se afastaram de Deus, e não o contrário). Sua visita pode ser o instrumento que Deus usará para trazer de volta esse irmão.

Numa visita não fique jogando conversa fora. Lembre-se que é o Dia do Senhor é você não deve falar palavras vãs (Is 58.13). Seja gentil e amoroso sem deixar de ser firme em admoestar se for preciso.

Na visitação temos uma boa oportunidade de praticarmos atos de “necessidade e misericórdia” prescritos pela CFW.

E a soneca do domingo?

Não há pecado algum em tirarmos um tempo do domingo para descanso. Deus em Sua bondade também contemplou essa necessidade do homem. Porém, evite entregar-se desmedidamente ao sono, afinal, nos outros dias você não faz isso, por que então haveria de entregar-se ao ócio neste santo dia?

Conclusão

O Dia é do Senhor. Qualquer forma de passar esse dia que não for nos deleitando no Seu ser, celebrando com amor e entusiasmo, aguardando com expectativa a volta de Cristo e louvando-O por nos ter recriado por meio de Jesus, certamente incorrerá em pecado.

Não olhe para o domingo como um dia em que você não pode fazer aquilo que lhe dá prazer, mas, sim, como o dia em que Deus o liberta de todas as coisas do dia a dia que lhe fazem perder o rumo e o foco em Sua pessoa e tornam a sua vida sem sentido.

Empenhe-se em passar o Dia do Senhor do jeito do Senhor, e então você desfrutará da alegria verdadeira, da paz que o seu coração tanto precisa, do amor, o único amor que dará sentido ao seu viver.

Sendo o *Shabbath* um dos Mandamentos de Deus para o Seu povo, deixar de guardá-lo é quebrar esse mandamento, e isto incorre em disciplina a fim de mantermos a pureza da Igreja, o bem de cada membro e a glória de Deus. Não nos compete fiscalizar a vida particular de cada um, mas, em sendo pública e notória a quebra do mandamento, o faltoso deverá ser levado à disciplina.

Refleta sobre...

Como tenho passado os domingos? Como tenho me preparado para o domingo, para estar com meus irmãos, quer seja na Igreja, quer em minha casa? Minhas reuniões com outros irmãos têm proporcionado um ambiente para conversas espirituais e edificantes?

Se você se fixar em fazer coisas que contribuem para o seu deleite em Deus, não sentirá falta das coisas que hoje você costuma fazer no Dia do Senhor, mas, não deveria fazê-las.

A forma como você tem passado o Dia do Senhor tem estimulado você a desejar cada vez mais o Descanso Eterno? A forma como você passa o Dia do Senhor revela onde e em quem está o prazer do seu coração.

BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 1*. São Paulo (SP): Edições Paracletos, 1ª edição, 1999.
- CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 2*. São Paulo (SP): Edições Paracletos, 1ª edição, 1999.
- CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 3*. São Paulo (SP): Edições Paracletos, 1ª edição, 2002.
- CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 4*. São Paulo (SP): Editora Fiel, 1ª edição, 2009.
- HARMAN, Allan M. *Comentário do Antigo Testamento – Salmos*. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.
- OSWALT, John. *Comentários do Antigo Testamento. Isaías, volume 2 – Capítulos 40 – 66*. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2011.
- PIPA, Joseph. *O Dia do Senhor*. 2ª edição revisada e ampliada, Recife (PE): Editora Os Puritanos, 2021.